

ASSOCIAÇÃO ALUMNI/AE DO INSTITUTO JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO

EMÍLIO MACIEL EIGENHEER
Organizador

Um campus para o Senhor O JMC na perspectiva dos Missionários norte-americanos

São Paulo
Associação Alumni/ae do Instituto José Manuel da Conceição
2008. 104 p. il.
Cadernos do Instituto José Manuel da Conceição, n 2

Um campus para o Senhor O JMC na perspectiva dos Missionários norte-americanos

Cadernos do Instituto José Manuel da Conceição, n 2

EMÍLIO MACIEL EIGENHEER
Organizador

Associação Alumni/ae do Instituto
José Manuel da Conceição

IN-FÓLIO
Rio de Janeiro 2008

ASSOCIAÇÃO ALUMNI/AE DO INSTITUTO JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO

Diretoria – Biênio 2006/2007 (dezembro)

Presidente

DOUGLAS JAYME PLAZIO CATAN

Secretaria

SUELI CAVALCANTI JARDIM

1º Vice-presidente

JOÃO RHONALDO DE ANDRADE

Vice-secretaria

RENÉE MIRIAM CAMARGO LUCARELLI

2º Vice-presidente

LOYDE AMALIA FAUSTINI

Tesoureira

ISVA RUTH DOS SANTOS XAVIER

Vice-tesoureira

DIRCE PACHECO

CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
Maria José da Silva Fernandes

Um campus para o Senhor: o JMC na perspectiva dos missionários norte-americanos / Emílio Maciel Eigenheer (organizador). – São Paulo : Associação Alumni/ae do Instituto José Manuel da Conceição; Rio de Janeiro : In-Fólio, 2008. 104 p. : il. – (Cadernos do Instituto José Manuel da Conceição, n. 2)

ISBN 978-85-86062-26-1

1. Instituto José Manuel da Conceição (Jandira, SP)-História. 3. Presbiterianos-Educação-Jandira (SP)-História. 3. Igreja presbiteriana-Missões norte-americanas-Brasil. I. Eigenheer, Emílio Maciel, 1947- . II. Associação Alumni/ae do Instituto José Manuel da Conceição. II. Título: O JMC

CDD 371.8161

Sumário

Apresentação 7

Um campus para o Senhor O JMC na perspectiva dos Missionários norte-americanos 8

Cartas / 1928–1965 9

Carta de Charles Roy Harper 10

Carta de Evelyn D. Harper 12

Carta de W. A. Waddell 14

Carta de R. F. Lenington 17

Uma carta informativa Pemberton – Número 1 19

Uma carta informativa Pemberton – Número 2 23

Vinhetas 26

Robert E. Lodwick

Relatórios / 1934-1941 32

Relatório Pessoal de Charles Roy Harper à Junta de
Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana – USA e à Missão do Sul do Brasil 33

Respostas a uma série de perguntas sobre o JMC enviadas da Índia 38

Relatório Pessoal de Charles Roy Harper 41

Relatório do Curso José Manuel da Conceição 43

Prospectos / 1928–1966 57

Curso Universitário José Manuel da Conceição – 1928 58

Curso Universitário José Manuel da Conceição – 1929 61

Curso Universitário José Manuel da Conceição – 1936 64

Curso Universitário José Manuel da Conceição – 1938 65

Instituto José Manuel da Conceição – 1960 74

Instituto José Manuel da Conceição – 1966 76

O Campus 81

O Trem 82

Os diretores norte-americanos 83

A Figueira 85

Histórico da Missão Presbiteriana no Brasil 86



Rev. William Alfred Waddell

1862 – 1938
Fundador do JMC

Apresentação



Instituto José Manuel da Conceição (JMC) foi fundado em 1928, em Jandira, Estado de São Paulo. Foi idealizado como escola preparatória para os Seminários Teológicos e para a difusão e aprimoramento da música sacra nas igrejas evangélicas. Recebia também alunos que não se destinavam ao ministério. Foi decisivo na formação de várias gerações de Ministros do Evangelho no Brasil. Suas atividades foram encerradas em 1969, e por ele passaram mais de dois mil alunos.

Em 21 de novembro de 1992 foi criada a Associação Alumni/ae do Instituto José Manuel da Conceição, que tem como um de seus objetivos resgatar a memória da escola. A fim de alcançá-lo, foi criada a série Cadernos do Instituto José Manuel da Conceição, cada um dedicado a um tema central.

O primeiro se direcionou à música no JMC. Este segundo, publicado por ocasião das comemorações do 80º aniversário da fundação do Instituto, é dedicado aos missionários norte-americanos que o estabeleceram e o consolidaram.

Por outro lado, esta série será de inestimável valor cultural também para o Município de Jandira, que tem parte significativa de sua história atrelada à do Instituto José Manuel da Conceição. Seus moradores, particularmente os mais jovens, merecem a oportunidade de conhecer a instituição, não só pela riqueza cultural e religiosa que produziu, mas também

pelo que significou para a cidade. Diante disso, certamente ajudarão a preservar os espaços e os prédios que lá permanecem, como testemunhas desta rica tradição.

A iniciativa de organizar esses cadernos reforça meus laços com a Associação de Ex-Alunos, e me faz reviver os significativos anos que passei em Jandira (1962-66). Ao visitar mais uma vez o antigo Conceição, em junho de 2006, percebi quão inadiável era resgatar, ao menos em parte e de forma metódica, a memória dessa notável experiência. O tremor que remete à sacralidade pude ainda sentir no regresso a este sítio tão caro.

Cabe ressaltar que esta publicação só foi possível graças ao apoio de várias pessoas. Charles Roy Harper Jr. ofereceu a maior parte dos documentos. Hope Gordon, João Wilson Faustini e Philip Glass traduziram os textos, e Henry Decoster revisou um deles. Em todo o processo foi constante o incentivo de Takashi Simizu e de Loyde Amália Faustini. Richard Waddell enviou fotos de seu avô.

Agradecemos também o apoio financeiro dado à nossa Associação por Charles Merrill Jr., de Boston, e pelo Princeton Theological Seminary, por intermédio do Dr. Dean E. Foose, que em parte tornou possível este trabalho.

PROF. DR. EMÍLIO MACIEL EIGENHEER
Niterói, janeiro de 2008 A.D.

Um campus para o Senhor

O JMC na perspectiva dos Missionários norte-americanos



A leitura das cartas e dos relatórios dos missionários norte-americanos que participaram da fundação e consolidação do JMC abre perspectivas interessantes para a compreensão não só do papel como dos fundamentos dessa escola.

Ao adaptar uma imensa área rural de acampamento do Colégio Mackenzie para sediar, em 1928, uma nova escola, algumas diretrizes foram seguidas. Primeiramente a opção pelo campo. Um local ermo, mas não distante da capital e de importantes cidades paulistas. Um espaço de recolhimento, dedicado à formação acadêmica e aprimoramento espiritual daqueles que se sentiam vocacionados para uma vida pastoral. Ali deviam conviver alunos, professores e funcionários, em um recanto belo e tranquilo. A linha férrea da Sorocabana, que literalmente cortava o JMC, era o necessário elo com a grande capital.

Segundo, não só os estudos, mas também o trabalho deveria absorver os alunos. A escola devia funcionar como uma comunidade. Cuidar dos quartos, plantar, cozinhar, zelar por pátios e prédios eram tarefas diárias a serem realizadas pelos alunos, e serviriam também para ajudar a financiar os estudos. O conceito de cooperativismo foi explicitamente utilizado.

A escola também devia estar pronta para receber alunos em diferentes idades e estágios de formação e adaptá-los ao curriculum que prepararia para os seminários confessionais.

Os parâmetros arquitetônicos utilizados chamam igualmente a atenção. Eram simples e harmoniosos. A distribuição dos prédios no amplo espaço disponível garantia equilíbrio entre moradias de professores e alunos e áreas de ensino. A concepção de um Campus inspirado

nos EUA foi sendo aos poucos construído: um Campus para o Senhor.

A idéia que prevaleceu para explicar o fechamento do JMC foi que a proliferação e o fortalecimento de escolas de ensino médio no país tornavam não mais necessária uma especial, voltada à preparação para os seminários. Uma questão a ser melhor discutida.

A recuperação da história do JMC não deve ser norteadas por mero saudosismo, ou pela idéia que o Pregador nos pede para evitar: "Jamais digas: Por que foram os dias passados melhores do que estes?, pois não é sábio perguntar assim" (Ec1 7.10). É certamente também uma homenagem àqueles que dedicaram parte de sua vida a um rico trabalho que até hoje rende preciosos frutos na seara evangélica. Pastores ali forjados andaram pelo país construindo e consagrando templos. Regentes e organistas multiplicaram corais pelas igrejas. Sermões pregados, almas convertidas. Trata-se, pois, de evidenciar que até hoje o JMC está presente, não só com os remanescentes de seus alunos e professores, mas também nas novas gerações que colhem os frutos do que se plantou.

Por outro lado, é evidente que as igrejas evangélicas e os que se interessam pela História da Educação no Brasil não podem relegar ao esquecimento um empreendimento desta grandeza. Logo, é importante recordar e celebrar esse rico trabalho educacional e de propagação do Evangelho. Os prédios e árvores que evocam esse bem sucedido trabalho, existentes ainda na cidade de Jandira, são monumentos que devem ser preservados como marcos da história local e das igrejas evangélicas no Brasil.

Niterói, janeiro de 2008 A.D.

Cartas

1928 – 1965

1928

Carta de Charles Roy Harper

1928

Carta de Evelyn D. Harper

1928

Carta de W. A. Waddell

1928

Carta de R. F. Lenington

1964

Uma carta informativa Pemberton
Número 1 – Setembro

1965

Uma carta informativa Pemberton
Número 2 – Maio

Carta de Charles Roy Harper

1928

Tradução – Hope Gordon

José Manoel da Conceição

26 de Abril, 1928

Prezados amigos e colegas

*M*inha parte nesta carta escrita a várias mãos é contar a vocês sobre os esforços evangelísticos dos rapazes, o que poderia cair sob o título de “atividades extra-curriculares.”

1. Osasco. Uma das vinte Escolas Dominicais da Igreja Unida (S. Paulo) está localizada em Osasco, na metade do caminho entre o Km 32 e a cidade (de São Paulo). Enquanto a Escola Dominical propriamente dita e a congregação ainda permanecem sob o cuidado daquela igreja, nosso grupo aqui tem sido responsável por providenciar pregadores. O trabalho da Escola Dominical tem uma assistência de cinquenta a setenta pessoas, das quais a maioria também assiste ao culto com pregação. Três dos rapazes vêm ajudando com este trabalho.

2. São Paulo. Três rapazes, dois da Independente e um da Congregacional, vão à cidade a cada fim-de-semana para ajudar no trabalho de suas igrejas. Um rapaz, Eduardo Carlos Magalhães, neto de Eduardo Carlos Pereira, mantém um trabalho bastante interessante. Perto da estação Central no Braz, ele prega para o pessoal do Exército da Salvação no culto de domingo à tarde. À noite, muitas vezes dirige o culto para um grupo de Independentes no distrito de

Cambucy. É um moço simpático e talentoso, e dele ouviremos na igreja brasileira, mais adiante.

Outro estudante, Silvino Figueiredo, é professor de uma classe numa Escola Dominical, e prega de manhã e à noite a um grupo de Congregacionais no Braz. O terceiro jovem, Adolpho Machado, tem sua vez na direção de trabalhos para os Independentes no Cambucy.

3. No JMC há um período de culto diário, dirigido pelos professores. Aos domingos de manhã um culto é celebrado. Planeja-se abrir uma Escola Dominical à tarde, em benefício das muitas pessoas que vivem na vizinhança.

Por três ou quatro vezes os rapazes celebraram cultos no lar do Sr. Henrique Sammartino, o “fazendeiro” que vendeu esta propriedade ao Mackenzie, e que é mais ou menos o “chefe” por aqui. A família dele é muito católica, tendo até sua própria capela, imagens, etc.; contudo, eles têm sido bondosos para com os rapazes, e os têm convidado a dirigir cultos em seu lar.

4. Itaquy. Dois dos moços vão a Itaquy, um pequeno povoado, a três quilômetros para o nordeste, aonde o Sr. Salley costumava mandar suas equipes de evangelização. A escola está sob os cuidados dos Metodistas, que alegremente dão as boas vindas ao auxílio acrescentado.

5. Não há nenhum trabalho evangélico em Barueri, a 3 quilômetros para o leste, nem em Cotia, a 6 quilômetros para o oeste, mas no correr do tempo espera-se poder plantar Escolas Dominicais em ambos os lugares. Seria esplêndido ter Escolas Dominicais e pontos de pregação em todas essas cidades ao longo da Sorocabana, onde outras denominações não estão trabalhando. Este trabalho estaria ligado àquele da Igreja Unida de São Paulo.

6. Um campo aberto para esforços evangélicos existe entre os japoneses, dos quais há bom número de famílias por aqui. A que mora em propriedade do Colégio é cristã, e anseia por ter cultos em sua língua nativa. Isso teria sido possível neste ano, se tivesse chegado o estudante japonês que pretendia vir. Talvez venha no próximo ano. A mãe e as crianças têm se congregado conosco várias vezes.

Concluindo, eu poderia dar alguma idéia quanto à habilidade desses moços do ponto de vista da escolaridade. Se estivessem estudando em um de nossos colégios nos Estados Unidos, em que classe estariam? Creio que se classificariam mais ou menos da seguinte forma:

Grupo A 4 moços **Grupo B** 3 moços **Grupo C** 3 moços

Os jovens parecem estar contentes com seu trabalho e estudos, e certamente estão estudando com afinco. Se neste Curso nada aprenderem além de como estudar, já terão adquirido um componente de grande valor. Quando terminarem o trabalho esquematizado pela escola, estarão muito melhor preparados para entrar no Seminário do que estariam de outra maneira. No caso do Grego, por exemplo, o curso é programado para quatro anos, incluindo a gramática, a obra Anábasis, alguma leitura clássica e o Novo Testamento. Quando chegar o tempo de entrar no Seminário, eles devem ser capazes de fazer algumas boas exegeses.

Estamos contando com suas orações em favor da escola e daqueles que aqui estão, tentando desempenhar as tarefas que lhes são atribuídas. Com saudações calorosas a cada um de vocês, sou,

Sinceramente,

C. ROY HARPER

Carta de Evelyn D. Harper

1928

Tradução – Hope Gordon

O Acampamento
26 de abril de 1928

Prezados colegas de trabalho

T

em sido um prazer e muito instrutivo observar o desenvolvimento dos rapazes como grupo representando locais, escolas e meio-ambientes muito diferentes. Quando o ano escolar começou, pensei comigo: Será que este plano do Grêmio vai funcionar? Os rapazes vão cooperar, cada um trabalhando em proveito do grupo? Os preguiçosos ou aqueles que não estão acostumados ao trabalho físico não vão tirar vantagem daqueles que estão dispostos e acostumados a trabalhar? Será que haverá reclamações e insatisfação com resultante baixo estado de ânimo?

Vendo o Grêmio funcionar por três meses já se aquietou todo o meu pessimismo. Um fator que tem contribuído muito para o sucesso do plano é que a escola neste ano foi muito feliz na composição de seu primeiro grupo de estudantes. Há dois moços que são líderes naturais. Os outros, dos quais nenhum seria considerado fraco, se juntam em volta deles, seguindo sua liderança, conscientes ou não disso. Os dois rapazes que mencionei têm bom senso, e juízo excepcional, embora estejam entre os mais jovens do grupo. Apesar de serem, ambos, oriundos de famílias abonadas, estão acostumados e gostam do trabalho físico. Um deles age como “chefe de trabalho” no Grêmio. O outro faz as compras e gerencia a cozinha.

O Grêmio está inteiramente nas mãos dos rapazes. O Sr. Harper e eu, vivendo tão perto dos alojamentos dos moços, muitas vezes ouvimos as repreensões que qualquer preguiçoso ou procrastinador recebe da turma. Não ficamos surpresos com o fato de que isso tenha muito mais peso do que qualquer coisa que os “poderosos” pudessem dizer.

O mesmo espírito prevalece tanto durante as horas de estudo como durante o período de trabalho. A vontade do grupo governa. Durante a primeira e a segunda semanas de aulas houve muita risada e conversa durante as horas de estudo à noite. Agora, entre 6:30 e 10:00, a “praça” fica tão quieta que a pessoa às vezes até se pergunta onde estarão os moços. A mudança não significa perda do gosto pela vida, pois eles aproveitam ao máximo as horas fora-do-trabalho-e-estudo para se divertir.

Quase todos têm horários programados para o estudo e apresentação de trabalhos, e os seguem com maior ou menor regularidade.

Antes de terminar, devo mencionar o departamento de música, que, segundo sugestão do Sr. Lenington, eu poderia chamar de “minha cachaça”. Preciso reclamar, juntamente com todos os outros instrutores de música de escolas e colégios do mundo, que os demais professores impõem tanto peso de tarefas até o ponto de que nenhum tempo resta para a música. Neste caso, no entanto, eu

perdoarei os nossos professores, reconhecendo as dificuldades em arranjar o horário para cuidar das várias necessidades de um corpo estudantil inteiramente formado de novos estudantes. Esperamos que, no ano que vem, um número maior encontrará lugar em seus horários para a música. Atualmente só dois dispõem de tempo. Um está estudando piano, e o outro, canto. Esperamos conservar a música tão prática quanto possível para se adequar às necessidades dos jovens como ministros.

Todos estão inscritos num coro que ensaia uma vez por semana.

Não queremos que você seja levado a crer, por este relatório, que temos aqui dez moços perfeitos. Temos dez indivíduos muito apreciáveis, rapazes normais de verdade, todos a cada dia mais apreciados por nós.

Atenciosamente, pelo casal Harper,

EVELYN D. HARPER

Carta de W. A. Waddell

1928

Tradução – Hope Gordon

Curso Universitário José Manuel da Conceição,
Baruery, Linha Sorocabana
S. Paulo, 26 – IV – 1928

A quem possa interessar:

Um homem muito sábio costumava dizer: “Qualquer pessoa que acha que os outros não estão interessados no seu trabalho nunca chega a lugar nenhum”. Por razões inteiramente pessoais presumirei que você está interessado no “Curso Universitário José Manoel da Conceição”.

Começamos as atividades em 8 de fevereiro com três rapazes no culto de abertura e outro chegando naquele dia. Mais seis vieram. O último a chegar foi o moço de Ponte Nova lá pelo dia 20 de março. Nossos dez rapazes representam 18 inscrições dos quais apenas um estava sem preparo, o que mostra uma compreensão pública surpreendentemente boa do grau desta escola. Dos outros sete, três impossibilitados por circunstâncias diversas neste ano, pretendem entrar em 1929; objeções pessoais ou de pais a uma escola no campo evitaram que dois entrassem; outro não pôde conseguir suas credenciais; e um foi enviado a Campinas.

Os 10 representam 3 denominações (2 da Igreja Congregacional, 2 da Independente e 6 da G. A. Presbiteriana); 8 Unidades da Federação (Bahia 1, Espírito Santo 1, Rio de Janeiro 1, Capital Federal 2, São Paulo, 1, Paraná 2, Santa Catarina 1, Rio Grande 1);

6 escolas (Ponte Nova 1, Alto Jequitibá 1, Lavras 3, Mackenzie 3, Castro 1, Cruzeiro do

Sul 1). O mais jovem tem 20 anos, o mais velho 31. Classificam-se assim: 1º Ano – 4;

2º Ano – 1; 3º Ano – 5. Um estuda por sua conta, três por responsabilidade da família, seis foram enviados por cinco presbitérios ou igrejas diferentes. Um grupo mais representativo seria difícil encontrar.

Naturalmente o planejamento é um tanto variado, mas a despeito de haver algum entrecruzamento no currículo, na maior parte devido ao fato de que todos os “terceiranistas” estão mais ou menos em falta com o Grego e o Latim, só sete horários especiais nas matérias são necessários para que o trabalho fique em ordem, e a maioria desses casos terminará com o primeiro semestre. Só o Grego e o Latim do 3º ano deixarão de alcançar o desenvolvimento curricular completo. A princípio vários alunos mostraram ter pouco hábito de estudo. Atualmente quase todos estão trabalhando bem e têm melhorado muito mesmo. Assumiram o lugar e a vida com muito afã, alguns por terem tido experiência de escolas do tipo de Ponte Nova, e outros por se adaptarem excelentemente bem.

O seu Grêmio, que cuida das refeições e do cultivo de plantas como um acessório, está indo muito bem. A principal razão de se tentar iniciar em julho foi a possibilidade de começar com o ano de plantio e colheita. Fevereiro teve

um verão tardio, e com a safra terminando puderam plantar pouco. Um campo de milho foi tudo que lhes foi dado. Eles foram adiante: cercaram e estão prontos para construir o estábulo e o galinheiro; têm batatas (irlandesas) brotando e uma horta. Isso tem tido, por enquanto, pouco valor monetário para eles. Na primeira semana foram hóspedes – a escola pagou o cozinheiro e suprimentos. Em 15 de fevereiro começaram por conta própria. No primeiro mês, com cozinheiro contratado, suas despesas foram de 2\$700 por cabeça/dia ou 756\$000 por ano escolar, em vez de 600\$000 como esperado. Dispensaram o cozinheiro que era sujo, desperdiçador e roubava, e foram em frente. A comida melhorou e custa só 1\$200 por dia. Com a semana encurtada a princípio e mais do seu próprio cultivo, esperam ter um saldo para reduzir as despesas no segundo semestre.

Eles pretendem usar todos como cozinheiros, mas, a princípio, aqueles que mostraram ter mais experiência, foram utilizados. Dos sete que tentaram, Bahia, Paraná e São Paulo ficaram no topo da lista por ordem de resultados.

Seria difícil encontrar dez moços mais agradáveis e alegres. São bons esportistas, bons trabalhadores, cristãos.

Várias delegações mais ou menos oficiais têm nos visitado. Todos têm se declarado muito satisfeitos com o lugar e o plano. Só depois das reuniões dos Sínodos Presbiteriano e Episcopal neste semestre, do Sínodo Independente em fevereiro próximo e da Associação da Congregacional podemos esperar modificação de nosso status oficial.

Do que precisamos.

Primeiro. Dos três professores de tempo integral de que se falou na primeira proposta da escola. Destes, Harper e Waddell foram nomeados. Lenington dá-nos três dias por semana. Mota Sobrinho também. Se estes últimos pudessem ser substituídos por um brasileiro de tempo integral, seria uma grande vantagem. São bons homens. A não ser o

preconceito sempre dirigido contra americanos ou nomes americanos ensinando Português, qualquer dos dois seria perfeito, mas Lenington é valioso demais para outros trabalhos para ser usado nisto, e homens de tempo parcial nunca são totalmente eficientes. Como não há esperança de mais do que 2:500\$ por ano, a não ser que o aumento do valor do dinheiro nos desse 4:000\$000, e isso é inteiramente insuficiente para um brasileiro de tempo integral, se tudo der certo pedirei à Missão para concordar que, com exceção de sempre manter uma vaga aberta para um médico em Buriti, o próximo reforço pedido não seja de um homem dos USA, e sim de um salário de missionário casado, sem acréscimos, para um professor brasileiro, para as cadeiras de Português e Latim.

Enquanto for possível, continuaremos o curso com três professores; um quarto é muito desejado e todo esforço deve ser feito no futuro para atrair um brasileiro.

Segundo. Pediu-se à Junta de Missões \$4,000.00 para uma casa para Harper. Waddell já construiu uma para si, que ele transferirá à Junta ou ao Mackenzie quando desejarem. Uma terceira casa será necessária para o terceiro professor. A propriedade do lado norte do rio custou ao Mackenzie \$2.000.00 até esta data. A casa Appling está perto de ser completada. Se tudo for bem, seria bom pedir à Junta de Missões \$5,500.00: \$2,000.00 para comprar o direito do Mackenzie, e \$3,500.00 para comprar a Casa Appling ou pedir ao Mackenzie que forneça o terreno, e à Junta de Missões que compre a casa.

Terceiro. O acampamento deu-nos neste ano espaço de dormitório para 12 moços, uma casa para os Harpers, alojamentos para homens de tempo parcial e espaço para aulas. Quatro novos quartos estão sendo construídos para o Curso. No próximo ano esta medida cuidará dos assuntos citados acima, e ainda de vinte rapazes. No terceiro ano deveríamos ter um homem de tempo integral, e os Harpers

deveriam estar em sua própria casa, dando espaço para salas de aula e para se ter aqui um total de trinta rapazes. O acampamento nos oferece, assim, provavelmente, amplo alojamento para três anos.

Quarto. Possivelmente até o final do segundo ou terceiro ano o experimento poderá ser suficientemente bem sucedido para exigir mais prédios. Um prédio de administração-aulas-biblioteca-assembléia, adequado até que a escola passe de 100 alunos, pode ser construído por \$15.000,00. Quando houver mais de

40 moços, é preciso que seja providenciado espaço para dormitórios. Se algum dia forem necessários, podem ser construídos em boa forma por 4:000\$000 por rapaz ou, em estilo de acampamento, por 800\$000. Creio que o prédio da Administração, se for algum dia necessário, deveria vir dos USA; dormitórios do Brasil, *na forma escolhida pela Igreja.*

Os sonhos do Mackenzie e Ponte Nova são por prédios sólidos. Deus conceda que estes possam ser!

W. A. WADDELL

Carta de R. F. Lenington

1928

Tradução – Hope Gordon

São Paulo, 30 de abril de 1928

Prezados colegas missionários:



que eu temia, com respeito ao início do Curso Universitário, era que não chegasse a ter a aprovação dos pastores e presbíteros da Igreja – temia que eles, não percebendo a perspectiva do Curso, pudessem entendê-lo como sendo desnecessário e longo demais; como uma despesa injustificável em vista dos resultados que poderia trazer. Felizmente os fatos justificam uma opinião muito mais favorável do juízo desses homens. Embora uns poucos, com visão limitada por sua falta de preparo, possam apresentar tais opiniões, a maioria tem sido forçada pelos fatos tristes a chegarem a uma opinião oposta. Os líderes – diante do inegável fato de que não há um número suficiente de homens que tenham continuado seus estudos depois de deixar as dependências do Seminário, para serem agora capazes de fazer face à demanda de líderes em todos os empreendimentos de benefício à humanidade que ora surgem no Brasil – estão sendo forçados a agir para o melhor preparo deles. Portanto, os próprios fatos, que têm deixado tristes muitos missionários que vêm tentando ajudar os colegas brasileiros na qualidade de ajudantes solidários e não mais como líderes, contribuíram para que muitos daqueles que são mais ajuizados pensem no assunto.

Várias coisas transcorridas neste ano muito me animam. Uma foi o interesse manifestado pelo Curso Universitário durante a reunião da Assembléia Geral. Quando, a convite deles,

participei da Assembléia em nome do Curso, fui recebido com a maior cordialidade. As perguntas feitas no recinto da Assembléia, especialmente em conversas particulares, mostraram-me que o interesse e, creio que posso dizer, a simpatia para com o Curso, é muito grande. A intenção, declarada na Assembléia do Presbitério do Rio e do Sínodo Central, de não permitir que seus estudantes fossem para o Seminário sem fazer o Curso, é outro exemplo deste apoio.

A ação do Seminário Unido de cortar, de maneira absoluta, neste ano, o primeiro ano de seu Curso Propedêutico, mostra que seus diretores falavam sério ao declarar sua intenção de elevar o padrão do preparo ministerial. Campinas tem tido que entrar na linha com melhor preparo de seus alunos, com a continuação do seu Curso Anexo, uma despesa injustificável quando o Curso Universitário, no qual já há sete estudantes matriculados, pode prepará-los de forma mais econômica. Eles vêem que a Igreja realmente fala sério, agora, quando se posiciona a favor de melhor preparo, e espera-se sinceramente que, dentro em breve, compreenderão que um seminário teológico não é lugar para se dar treinamento preliminar. Espero também que alguns dos formados do Curso entrem para o Seminário de Campinas, e que os seus professores percam seu temor injustificado do Curso. A ação do Seminário Independente em São Paulo, enviando ao Curso

seus alunos do primeiro ano, é outro aspecto muito encorajador no novo alinhamento de forças.

O desejo pelo melhor preparo de pastores já foi expresso durante muitos anos, e esforços foram realmente feitos nesta direção, especialmente pelo Seminário de Campinas, anos atrás. Entretanto, faltava ainda amadurecimento e a Igreja não quis seguir a sugestão. No entanto ela tem crescido, não só em números, mas também no horizonte mais amplo de seus membros, e na melhor compreensão de sua tarefa, que já ultrapassa as fronteiras nacionais. Creio que a Igreja agora escutará, e há de assumir a tarefa. Uns poucos homens melhor preparados farão uma tal diferença nos Seminários e na obra da Igreja, a ponto do Curso não ser mais um experimento, olhado de esguelha por missionário, pastor brasileiro, ou presbítero. Para mim – sabendo por experiência própria no Seminário, o quanto estão mal preparados alguns dos homens ali, e também vendo que desastre teria sido os homens do “Quilômetro 32” (Jandira) terem ido diretamente para o Seminário –, o Curso não é mais um experimento, mas uma bênção enviada por Deus, uma resposta à necessidade tão profundamente sentida. Não mais um experimento, mas um fato real, chegando numa hora tremendamente oportuna, para resolver um dos problemas mais gritantes da Igreja Brasileira. Seríamos desleais ao nosso dever e às oportunidades presentes se não o levássemos adiante.

Outro aspecto do Curso, que estava me incomodando, era a reação que poderia ser produzida, nos jovens ou na Igreja, pelo trabalho braçal do Grêmio. Minha memória se voltou à reunião do Sínodo em Campinas, 20 anos atrás, quando em discursos violentíssimos se falou sobre o atrevimento de missionários esperarem que estudantes trabalhassem: um orador, em atitude e voz tremendamente dramáticas, disse que lhe tinham pedido que “rachasse alguma lenha”, algo que ele não se rebaixaria para fazer

(mais tarde feito pelo próprio missionário). Os estudantes no Km 32 cuidam de seus próprios quartos, cortam grama, fazem jardinagem, matam formigas, fazem cerca, cozinham, lavam a louça, racham toda a lenha, fazem suas próprias compras, cuidam dos seus próprios afazeres. Que treinamento bom para seu futuro trabalho! Sinto-me feliz por dizer que não ouvi uma palavra de crítica entre os alunos. Por outro lado, em contrapartida, alguns dias atrás, quando à mesa se comentou uns artigos escritos por um fogoso incendiário num jornal particular, em que lamentava o triste estado dos estudantes da “Fazenda feudal Mackenzie”, “obrigados a suarem para ganhar seu alimento”, um dos jovens disse: “se pelo menos aquele homem tivesse suado um pouco mais, não escreveria tais coisas”. O fato é que este princípio do Grêmio é o que faz com que funcione tão bem. Os estudantes não recebem ordens de ninguém; planejam seu próprio tempo e trabalho, estritamente em seu próprio benefício. Não se preocupem: Ponte Nova (Bahia) e Castro (Paraná) já mostraram alguma reação favorável com relação a uma pessoa fazer algo para ganhar sua educação. Por falar nisso, temos no Curso um homem de Ponte Nova e dois de Castro. Alegremo-nos: Buriti (MT) e Planaltina (GO) logo acrescentarão seu peso em favor da auto-ajuda. Como diz um canto popular antigo (USA), “Esse mundo se move”, no final das contas. Pareceres e sentimentos mudam, e se isso não parar, logo será um constrangimento um homem receber de graça sua educação, simplesmente por estar se preparando para o ministério. E homens estarão no ministério sabendo quanto custa uma existência, e falarão com muito mais poder ao homem trabalhador. Auto-ajuda dará auto-respeito, e manterá o homem solidário com seu semelhante. Creio que estamos no caminho certo para ajudar a Igreja Brasileira.

Cordialmente,

R. F. LENINGTON

Uma Carta Informativa Pemberton

Número 1 – setembro de 1964

Tradução – Philip Glass

O Cruzeiro do Sul



Os céus, do hemisfério sul, a mais conhecida constelação, inspiração para versos e canções, é o Cruzeiro do Sul. Os brasileiros reivindicam-no como se fosse propriedade nacional, e “O Cruzeiro do Sul” é até parte do desenho da bandeira brasileira. Escolhemos usar “O Cruzeiro do Sul” como o nome da nossa publicação, porque ele simboliza os céus do hemisfério sul, a nação brasileira e a cruz de Cristo nestas terras.

Os Pembertons em revista

Jean continua a ensinar inglês e grego no JMC, a supervisionar os cursos americanos que Jeannie e Ann fazem e a lecionar aulas particulares de inglês. É também professora da escola dominical para as meninas mais velhas, e membro do Comitê de Visitação da igreja local. Olson ensina a Bíblia, inglês e geografia, é professor da classe dos meninos da escola dominical, e prega regularmente nas igrejas de São Paulo (32 vezes este ano até agosto).

Tom, 18, viajou para São Francisco no dia 6 de setembro, voando via Caracas, Panamá, e Cidade da Guatemala. Medindo 1,83m e pesando 80k, é ligeiramente mais alto e mais pesado do que Olson. Pretende formar-se em engenharia na “San Francisco State College”, e pretende jogar futebol americano em outros lugares. Tom terminou o ginásio em junho passado na Escola Americana de São Paulo.

Ted, com quase 14 anos, cursa o nono ano na Escola Americana de São Paulo. Ele se encontra em período de crescimento. Atletismo e futebol americano o mantêm ocupado depois da escola. Don, 12, está no sétimo ano da mesma escola. Durante a semana os garotos ficam no Lar Missionário em São Paulo.

Jeannie, 9, faz os trabalhos de casa das escolas brasileira e americana, cursando a escola primária local e tomando lições da escola americana em casa. Ann, com quase sete anos, também tem aulas da Escola Americana em casa. Ambas estudam piano.

A licença

“Ano que vem!” Como é agradável o som destas palavras! No “próximo ano” vamos ter direito à nossa terceira licença, desde que viemos para o Brasil em 1947. Planejamos deixar o Brasil em junho, e após visitar os pais e a família, iremos passar o ano em Cleveland, lugar onde moramos em nosso último período de licença. Olson vai continuar seu trabalho de graduação em História na Universidade de Western Reserve, e Jean vai trabalhar lá.

JMC

Um novo partido político? Uma marca melhor de pasta de dentes? Não, JMC é a sigla do Instituto José Manoel da Conceição, onde temos vivido e trabalhado desde 1956. Fundado em 1928

pelo Dr. William A. Waddell, um missionário presbiteriano americano, a escola recebeu o nome de José Manoel da Conceição. Este senhor, que era padre da igreja católica romana, deixou sua igreja em 1862 para se tornar o primeiro pastor presbiteriano nascido em solo brasileiro. O Instituto JMC é propriedade da Igreja Presbiteriana do Brasil, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, das Missões Presbiterianas Unidas e Americanas, e do Instituto Mackenzie. O JMC é considerado um “seminário de segundo escalão” desde que seu principal propósito tem sido preparar homens jovens para os seminários teológicos. Sua sede é em Jandira, uma cidade de 3.000 habitantes, localizada a 32 quilômetros de São Paulo, a maior cidade do Brasil. Então, não esqueçam! O JMC significa “nossa” escola, “nossa” casa.

Procuram-se intérpretes?

O corpo de alunos multirracial do JMC inclui um número de rapazes e moças bilíngües. George e Elizabeth Kupty (do Egito) dominam o árabe e o grego. O pai de Joel Keller é francês, e sua mãe uruguaia; de maneira que Joel fala francês e espanhol. Ines Cornejo é chilena e também fala espanhol. Joel de Oliveira, um autêntico índio brasileiro, pertence à tribo Terena e fala aquele dialeto indígena. Holandês é a língua mãe de Anna Marie Westering, da Holanda, enquanto inglês é a de Natalie Browne, que nasceu na China. Os pais de Reinhold Ortlieb vieram da Alemanha, e Paulo Cosiuc da Rússia. Portanto, seja em grego, árabe, francês, espanhol, terena, holandês, inglês, alemão ou russo, nós podemos ajudar.

Notícias escolares por Don Pemberton

Ted e eu estudamos na Escola Graduada de São Paulo (em inglês: “São Paulo Graded School”). A escola começa às 08h15min da manhã e termina às 03h00min da tarde. Há um ginásio com muitos tipos de equipamento. Monitores acompanham o desempenho dos estudantes do ginásio. Durante a semana, Ted e eu vivemos no “Lar Missionário”. O lar pertence à Missão

Presbiteriana e foi especialmente criado para servir os filhos dos missionários.

A vida começa aos 70

Brasil Presbiteriano, o jornal oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, dedicou sua primeira e última páginas da edição de junho ao “Pastor Aposentado”, ou “A Vida Começa aos 70”. O artigo conta a vida do Rev. Phillip S. Landes, missionário presbiteriano aposentado, agora com 81 anos. O Rev. Landes nasceu no Brasil, filho de um missionário presbiteriano. Sua esposa, Margaret Hall Landes (Dona Margarida), também nasceu no Brasil, neta de imigrantes americanos que vieram para o Brasil em torno de 1860, assim como fizeram também outras famílias sulistas depois da guerra civil americana.

De 1912 até 1953, os Landes fizeram parte da Missão Presbiteriana dos EUA. Desde a sua aposentadoria, o Rev. Landes vem atuando como evangelista itinerante para a Missão Presbiteriana, diretor da Escola e da Fazenda Buriti, professor da escola para o estudo da Bíblia no JMC e atualmente, pastor efetivo da Igreja Presbiteriana de Jandira. Embora a igreja de Jandira exista há uma década e meia, ela nunca teve sede própria, congregando nas dependências do JMC. Sob a liderança firme do Rev. Landes, a igreja vem crescendo em termos de membresia, as contribuições tem aumentado, e a construção do templo já foi iniciada.

O Rev. Landes e Sra. vivem em Jandira, e são nossos vizinhos. Gostaríamos que vocês pudessem também conhecê-los.

A caravana evangélica

Em 1962, o Rev. Floyd Gilbert e Olson organizaram uma caravana evangélica formada por um ou dois professores e oito estudantes. Até este momento, o grupo já fez seis viagens nos períodos de férias. Dados estatísticos mostram: 105 dias na estrada; 20.000 quilômetros viajados; nove dos 22 estados brasileiros visitados; trabalhos realizados em mais de 45 cidades e 69 igrejas. Na maioria das vezes as viagens foram feitas na nossa Kombi.

A viagem mais ambiciosa, pela distância percorrida, foi realizada no último mês de julho, quando cinco estudantes, o Prof. Josué Xavier e Olson viajaram por duas semanas e 4.000 quilômetros através de Mato Grosso, um dos estados do distante centro-oeste brasileiro, com duas vezes o tamanho do Texas. Devido às distâncias e à ausência de boas estradas, a viagem foi feita por trem, avião e ônibus. O que impressionou muito foi a topografia da vasta região. É uma terra de campinas e florestas, de imensas fazendas de criação de gado e solitárias choupanas. Por lá existem índios, civilizados e não civilizados. As ondas de colonizadores que se deslocam em direção ao centro-oeste brasileiro desmatam as florestas, matam os jaguares, fazem prospecção de diamantes e empurram o Brasil rumo ao dia em que “A Terra do Futuro” será a “Terra do Presente”.

Seis cidades e sete igrejas foram programadas para serem visitadas. Seis delas são pastoreadas por “Ex-Manuelinos” (alumni do JMC). As despesas da viagem foram custeadas pela Escola Dominical Presbiteriana de Orangeville, Pa, e pelo Sr. e Sra. Bruce Dillingham de Skokie, Illinois. As igrejas visitadas forneceram hospedagem. O trabalho realizado nas igrejas foi entusiasticamente recebido pelos crentes locais (crente é a denominação brasileira para protestante). Por diversas vezes os cultos foram assistidos por mais de 250 pessoas, e algumas programações para crianças tiveram mais de 150 participantes. A comunidade protestante em Mato Grosso cresce de forma encorajadora, mas há uma grande falta de obreiros. Um dos estudantes da caravana decidiu retornar a Mato Grosso quando terminar o Seminário.

A cidade de Corumbá, na fronteira com a Bolívia (país que visitamos), é conectada com o resto do Brasil por uma ferrovia de um só par de trilhos, e com o Uruguai, Argentina e Paraguai, através do Rio Paraguai. Corumbá localiza-se em uma região incrivelmente rica; um dos maiores municípios brasileiros criadores de gado. A região de Urucum contém a “maior reserva de manganês do planeta”

(South American Handbook, 1960, p.332).

Na mesma região localizam-se ricos depósitos de minério de ferro e calcário em abundância. Quando o problema do transporte for solucionado, o potencial desta região será tremendo.

Outra deficiência é a de energia elétrica. Visitamos a usina de Urubupungá, onde uma represa se estende de uma margem à outra do Rio Paraná. Até 1967 ela estará fornecendo 1.200.000 kilowatts para a região. A construção de uma segunda usina será então iniciada, criando uma oferta adicional de 3.000.000 de kilowatts.

Lá no alto do planalto brasileiro, a 64 quilômetros de Cuiabá (capital de Mato Grosso) estão os 12.000 acres do rancho Buriti, propriedade da Missão Presbiteriana. A Escola Buriti atende a região num raio de muitos quilômetros. Um plano de assentamento está sendo desenvolvido, por meio do qual centenas de famílias serão trazidas para o rancho como colonos agricultores. Este grupo incluirá várias centenas de presbiterianos oriundos da Coréia.

Vastas distâncias, riquezas inexploradas, terras virgens, um futuro a realizar-se: tudo isto proveniente de Mato Grosso. Porém a oportunidade de servir a Cristo fala mais alto. Ministros, evangelistas, doutores, professores, enfermeiras, são todos necessários. Esperamos que nossos ‘Manuelinos’ (alunos do JMC) possam ofertar suas vidas para o trabalho em regiões remotas. Se cada um destes doasse dois, três ou cinco anos ao centro-oeste brasileiro, como o trabalho de Cristo seria renovado e acrescido! Há apenas 15 ministros presbiterianos num estado um pouquinho menor do que o Alaska – um para cada 40.000 pessoas. Precisamos “orar ao Senhor da Colheita”.

Pessoas que vocês conhecem

Alguns de vocês irão se lembrar de ter “encontrado” Maria Block anos atrás, quando estávamos morando em Santa Catarina. Maria desejava ardentemente estudar, mas precisou agir com certo grau de discrição e diplomacia

na hora de aceitar a bolsa de estudos oferecida a ela por nossa missão, já que o avô era radicalmente contra a educação escolar da neta. Havendo concluído o seu bacharelado há alguns anos e tendo lecionado aqui no JMC durante quatro anos, este ano voltou à Universidade para buscar seu diploma de mestrado. O que pensaria o seu querido e teimoso avô de tal “falta de sabedoria”, se ele ainda estivesse vivo?

Outra jóia de Santa Catarina, lá atrás, no difícil ano de 1948, foi a pequena Nely Mello, filha de um dos líderes locais. A ela também foi oferecida uma das bolsas de estudo da Missão, porém depois de dois anos cursando o ginásio, foi-lhe negada a continuação da bolsa por “falta de iniciativa”. Sem recursos para pagar seus estudos, essa garota, a quem “faltava iniciativa”, estudou os dois anos restantes do ginásio por conta própria. Num período de apenas alguns meses, fez as provas correspondentes aos períodos escolares, assegurando assim o seu diploma de primeiro grau. Esforçou-se então na busca de seu diploma do curso Normal, lecionando por alguns anos numa de nossas escolas presbiterianas. Procurou então educação superior, e está agora lecionando psicologia em um colégio público no Paraná. Nely escreve artigos semanais sobre a educação religiosa no lar, para o jornal local, e dirige um programa radiofônico semanal sobre o mesmo tema. Entre seus muitos afazeres, encontrou tempo para encontrar um marido advogado e professor – esta é a garota a quem faltava iniciativa!

Vocês que contribuem com recursos para as missões estrangeiras através de suas igrejas, puderam compartilhar um pouco da vida dessas moças, e elas por sua vez passaram a influenciar a vida de incontáveis outras.

Reverendo João

Ele chegou ao JMC em 1931, somente três anos depois que a escola começou. Durante dois anos estudou aqui e em seguida, no Seminário em São Paulo. Mas justamente quando o seu curso no Seminário estava terminando, um

convite chegou: retornar ao JMC como professor de filosofia. Desde 1936, o Rev. João Euclides Pereira tem vivido e trabalhado aqui, servindo ao mesmo tempo como diretor, vice-diretor, deão dos estudantes e tesoureiro. O Rev. João e a Dona Abigail permaneceram no JMC durante 29 anos. O Rev. João fundou oito igrejas, é um pastor da ativa e trabalha como inspetor governamental de escolas.

Feliz natal e próspero ano novo

As palavras estão escritas em português, mas o significado delas é universal. Para todos vocês os nossos melhores votos. Que o Natal possa novamente ser um tempo em que Cristo seja real para vocês, e que Deus possa abençoá-los ricamente em 1965.

Conheçam os nossos colegas

Filho e neto de missionários presbiterianos, o Rev. Richard Waddell é um cidadão brasileiro. Seus avós, os Chamberlains, fundaram o Instituto Mackenzie em São Paulo. William A. Waddell, seu pai, era educador e pastor, presidente do Instituto Mackenzie, fundador do Instituto Ponte Nova e do nosso JMC.

O próprio Rev. Richard incorporou-se à Missão Presbiteriana em 1931, ano em que Margaret Grotthouse veio de Los Angeles para lecionar no JMC. Foi aqui que eles se encontraram e se casaram. Após trabalhar por 20 anos nas igrejas rurais do interior do Estado da Bahia, os Waddells se mudaram para São Paulo, onde o Rev. Waddell atuou como secretário executivo da missão e depois presidente do Instituto Mackenzie. Ele agora está em Salvador, capital da Bahia, trabalhando com o Presbitério local. Seu filho, Richard Jr., estuda Capelania na Universidade Vanderbilt, e William, o segundo filho, é capelão-assistente do exército, na Alemanha.

Nosso Endereço

Instituto J. M. C.

Caixa Postal 33, Barueri, EFS, Estado de São Paulo, Brasil, América do Sul.

Uma Carta Informativa Pemberton

Número 2 – maio de 1965

Tradução – Philip Glass

Os Pembertons em revista



“tropa em revista”

por pouco não se transforma em uma turba com a chegada do período de licença. Ted e Don terminaram respectivamente o nono e o sétimo anos na Escola Americana de São Paulo. Jeannie e Ann aproximam-se do final do 1º semestre na escola brasileira local. As aulas de grego de Jean e os cursos de inglês e geografia de Olson estão caminhando. O primeiro ano da faculdade de engenharia de Tom no San Francisco State College, incluiu futebol, trabalhos temporários, um Simca-57 e estudos.

A licença

Um “assim se espera” calendário de eventos

19 de junho – deixar São Paulo para Indianápolis, via Miami e Chicago.

21 de junho – pegar um utilitário Chevy em Crawfordsville, Ind., e começar a viagem para a casa de Jean na Pensilvânia, via Cleveland.

23 de junho a 11 de julho – visita ao pai da Jean, a outros parentes Patterson e a igrejas relacionadas na Pa., Nova Jersey, Dol., e Nova York. Também realizar um peregrinação a Comissão de Missões Ecumênicas e

Relacionadas, em Nova York – e a Feira Mundial.

12 de julho a 25 de julho – Visita aos pais de Olson, outros parentes Pemberton, e igrejas relacionadas no Tenn. e N. C.

26 de julho a 2 de setembro – Ida e volta à Califórnia, com barraca e equipamento de acampamento, via `Lincoln Land` (Ky., Ind., Ill.) Memorial Hoover (West Branch, Iowa);

Dakota do Sul (Black Hills, Badlands, Monte Rushmore, Deadwood); Wyoming (rodeio em Cody e Yellowstone); Montana; Idaho; Washington (Spokane, Scottle, Monte Renier); Oregon; Cal. (the Redwoods, São Francisco, Sacramento, Los Angeles); Represa Hoover (Nevada); O Grande Canyon; Novo México (Floresta Petrificada, Albuquerque, Cavernas Carlsbad); Juarez, México; Texas (El Paso, San Antonio); Oklahoma; Arkansas; Missouri; e de volta para casa em Cleveland.

Endereços:

19 de junho a 11 de julho:

P. O. Box 174

Orangeville, Pennsylvania 17859

12 de julho a 31 de agosto:

P.O. Box 346

Crossnore, North Carolina 28616

Depois de 1 de setembro:

14710 Private Drive

East Cleveland, Ohio 44112

Conheçam os nossos colegas

REVERENDO JOAQUIM

Ministro, professor, acadêmico, escritor e tradutor, Rev. Joaquim Augusto Machado, vice-presidente do JMC, é um homem de muitos interesses e talentos. Ministro presbiteriano por mais de 30 anos, pastoreou seis igrejas antes de vir para o JMC,

e lecionou inglês, francês, latim e português em várias escolas.

Mestre na língua portuguesa, Reverendo Joaquim traduziu trabalhos teológicos, e é um dos tradutores oficiais dos livros de Sherlock Holmes para uma das maiores editoras brasileiras.

Há dez anos está no JMC, preparando futuros ministros para falar e escrever corretamente a bela língua portuguesa.

Dona Yolanda, sua esposa, é professora de música; seu filho Jonatas trabalha em São Paulo; o filho David estuda regência de ópera na Alemanha; e a filha Dorotéia é professora e organista de igreja.

É uma satisfação contar com a família Machado entre nossos amigos e colegas do JMC.

O RC (Representante da Comissão)

A tarefa de Representante da Comissão (R. C.) não é fácil. Ele é o “picles” no sanduiche: tomando o seu lugar entre a fatia de pão em baixo e a mostarda, em cima. Ele é um pastor de pastores...” (Testemunha Brasileira, 1965). Este “homem recheio” é o Rev. Eugene Lodwick, pastor, educador e administrador.

Em 1940, Bob e Irene Lodwick chegaram ao Brasil. Depois de pastorear no estado de Goiás por dez anos, ele tornou-se diretor do JMC. Tendo preparado a escola para seu primeiro diretor brasileiro, o Rev. Lodwick regressou a Goiás para servir como diretor do Instituto Samuel Graham, fruto da sua visão para o trabalho presbiteriano em Goiás.

Escolhido como Representante da Comissão no Brasil pelos seus colegas e pela Comissão em Missões Ecumênicas e Relações, Bob é agora o representante oficial da Igreja Presbiteriana Unida.

Seu filho Bobby é estudante do segundo ano do Seminário Presbiteriano de Campinas, Brasil. Weldon é estudante do segundo ano letivo da faculdade de Muskingum, Ohio. Mary, Irene e Evangeline estudam em São Paulo.

Saudamos Bob Lodwick – amigo chegado, co-cidadão da cidade de Maryville, colega admirado e chefe amado.

Coleção memorial Donald Douglass

Donald Ralph Douglass, filho do Doutor e Sra. Ralph Douglass de Albuquerque, Novo México, deu a sua vida na ‘Batalha do Bulge’. Em 1946, foi iniciada a Coleção Memorial de Donald Ralph Douglas. Ela foi instalada na biblioteca do Instituto JMC, local onde a irmã do Dr. Douglas – Sra. Evelyn Harper – era esposa do diretor.

A família Douglass acaba de acrescentar outros 40 volumes à coleção. Livros de história, literatura, música, filosofia, psicologia e folclore. Esses livros serão formalmente apresentados à escola pelo Rev. Richard Irwin e pela pessoa que escolheu os livros para a Coleção do Memorial, a Srta. Mylnen Fazia.

Em Cristo, livres.

1955 – Coréia: arame farpado

Estávamos os dois lá, mas havia o arame farpado. Nunca nos encontramos. Ele era prisioneiro de guerra, um número: CHANG YONG LIN, POW, apenas 18 anos. Eu era capelão. Ambos presbiterianos, irmãos em Cristo, porém separados por arame farpado.

Ele foi recrutado pelo exército norte-coreano quando tinha 16 anos. Odiando o comunismo, rendeu-se aos aliados e depois do armistício recusou-se a voltar para a Coréia do Norte...

Dois anos em um campo de detenção na Índia, imigrante no Brasil, agricultor em Mato Grosso, “adotado” pelo Rev. e Sra. Phillip Landes, estudante do JMC, primeiro lugar no ginásio e curso secundário...

Os jornais do dia – batam corações! As “listas” estão aqui, com os nomes dos estudantes que passaram – apenas 15% no exame vestibular para o curso médico da Universidade pública. Lá está! – CHANG YONG LIM, ex-prisioneiro de guerra, sem lar. Ele veio de longe; ele vai longe.

Apertamo-nos as mãos no momento que ele se despede para ir cursar a faculdade de medicina. Obteve uma bolsa da Presbiteriana Unida; sou seu patrocinador. Doze anos desde a Coréia. Presbiterianos, irmãos em Cristo, amigos. 1965 – Brasil: não há mais arame farpado

Os Gaults

Um dos dias mais festivos no JMC, em 1964, foi aquele domingo quando a escola recebeu a visita do Sr. e Sra. Scott Gault, de La Plata, Missouri. Os Gaults, presbiterianos unidos, fizeram uma generosa oferta para a Missão do Brasil Central, para a construção de algumas edificações em suas escolas.

O quinhão do JMC no “Fundo Gault” cobrirá as despesas de novos dormitórios para 150 rapazes. Os velhos dormitórios serviram por mais de 30 anos e estão muito inadequados. Os novos edifícios não apenas fornecerão acomodações confortáveis para os estudantes, mas também permitirão ao JMC aceitar um número maior de estudantes do sexo masculino. A primeira unidade para 50 rapazes deverá estar pronta para ser ocupada antes do fim do ano. Todos nós do JMC estamos muito gratos aos Gaults.

Vitórias

Talvez a maior dificuldade no sistema educacional brasileiro seja o temido “vestibular”, aplicado em janeiro de cada ano. Nenhum estudante pode entrar em qualquer Universidade brasileira a menos que passado no vestibular, conseguindo notas altas. Frequentemente de dois a três mil estudantes competem por 300 vagas.

Este ano os nossos ex-manuelinos (ex-estudantes do JMC) brilharam nos testes de entrada das universidades. Chang Yong Lim passou para a Escola de Medicina. Assir Pereira (Geografia) e Rubens Ferreira da Silva (Línguas Clássicas) passarão a estudar na Universidade de São Paulo, continuando também a cursar Teologia. Christiano Mello (Educação Física) e Gerson Moraes de Araújo (Pedagogia) estão no Estado do Paraná, e Oracy Nunes de Oliveira (Pedagogia) está no Estado de Mato Grosso. Ireno Dias Ribeiro é agora estudante do último ano de Biologia na Universidade de São Paulo, e foi convidado a tornar-se o mais novo professor do JMC.

O Instituto JMC está orgulhoso dos seus formandos. Estamos muito felizes por termos tido participação nas suas vitórias.

Ela é crente

No trem para São Paulo... fazendo anotações para “O Cruzeiro do Sul”. No outro lado do corredor, uma garota lê... o livro é uma Bíblia. ‘Ela é crente’ – não pergunto... não preciso. Eu sei. Ela é crente, ela crê, é uma protestante. Por quê? A Bíblia está em suas mãos... O Livro! Ela é crente.

Vinhetas

ROBERT E. LODWICK



Visitamos o Instituto José Manuel da Conceição em nosso primeiro domingo no Brasil: 21 de abril de 1940. O Rev. Philip Landes nos acompanhou do hotel Terminus até a estação da Estrada de Ferro Sorocabana e até a estação de Jandira, no km 29. Os colegas da Missão do Brasil Central eram dois casais: Rev. Charles Roy Harper e Da. Evelina e o casal Jessé e Barbara Wyant. Foi um domingo alegre. Eu estava com 26 anos de idade e minha esposa, Irene, com 25 anos. Os alunos ao nos verem disseram: “Moços”! O sermão do Rev. Landes naquela manhã explicava o “Fogo Estranho” de Levíticos 10. Apesar de nunca ter estudado português, eu podia entender algo do sermão.

Durante os dias no JMC, em casa dos Wyants, tive contato com os estudantes, que achei muito alegres e simpáticos. Com o Sr. Jessé Wyant assisti e falei em algumas aulas. Preguei no culto que era diário. Usei como base na palestra o versículo 26 do capítulo 30 de Provérbios. A tradução que o Sr. Wyant usou foi a seguinte: “Os querogrilos são povo pequeno, mas fazem suas casas nas rochas”. Era um texto desconhecido dos alunos que acharam graça no termo “querogrilo”. Nos meus 30 anos no Brasil sempre encontrando os pastores e outros que assistiram àquele culto, descobri que eu tinha o apelido de “Querogrilo”.

Naquela primeira visita ao JMC, descobri, em 1940, o que mais tarde, em 1951, quando fui escolhido como diretor do JMC, me ficou mais claro ainda, isto é: “Charles Roy Harper left me big shoes to fill”. À tarde de segunda-feira, 22 de abril de 1940, fui convidado para jogar basquete com os alunos do Colégio. A nossa bagagem ainda não estava conosco. Tinha ficado no hotel

em São Paulo. Mr. Harper ofereceu os seus sapatos “keds” para que eu jogasse com a turma. Foi naquela quadra de chão poeirento perto da cozinha. Joguei com entusiasmo... os manuelinos gritavam: “Mas como o americano pula e encesta!” No fim, por causa dos “keds” grandes demais pra mim fiquei com bolhas enormes nos dois pés... e as bolhas, cheias de terra. No dia seguinte, quase não podia andar... fiquei com os pés pro alto... foi cancelada a programação de visita ao Seminário de Campinas. Sararam as bolhas... e, no tempo combinado, Irene e eu seguimos para o Instituto Gammon, em Lavras, MG, onde ficamos por um ano estudando português, com os excelentes professores Rev. Francisco Alves e Augusto Gotardelo.

Chegando em nosso primeiro campo de trabalho no sudoeste de Goiás, logo soubemos mais do JMC pelos alunos Severino Gomes e Eudócio Mendes dos Santos (os dois se tornaram excepcionais pastores, voltando ao sudoeste servindo a vida inteira nos campos de Mineiros e Rio Verde).

De Goiás até o JMC

A reunião da comissão executiva da Missão foi realizada em Rio Verde (GO), em julho de 1950. Não pude assisti-la, pois estava bastante ocupado com o trabalho na região sudoeste do Estado. O casal Graham estava fora em “furlough” (licença) nos Estados Unidos. Além do serviço do campo, eu também dirigia a Escola Evangélica de Jataí, na ausência dos Grahams. Isto não exigia tanta presença, porém mais supervisão e cuidado com as finanças, pois a competente e dedicada Ambrosina Lima (ex-aluna do JMC) era a superintendente e

professora da escola. Não podendo ir até Rio Verde, recebemos alguns visitantes no Domingo, vindos da reunião. Um desses foi o Rev. Charles Roy Harper. Ele não somente ajudou nos cultos e na escola dominical na sede em Jataí como também me acompanhou a pé até uma chácara, distante uma légua da cidade. Foi nesse encontro, que fiquei sabendo que, por causa da asma de Da. Evelina, os Harpers pensavam em ir para os Estados Unidos no final daquele ano, para férias e tratamento dela. De leve, Mr. Harper falou que eu seria indicado para o cargo de diretor do JMC. Não levei isso a sério, pois estava muito contente no sudoeste de Goiás, vendo um bom crescimento nas congregações do campo. Além disso, em outubro de 1950, completariamos cinco anos no Brasil, merecendo um ano de “furlough” nos Estados Unidos.

Em dezembro, recebi o convite para mudar para o JMC como diretor. Um dos motivos do convite incluía o fato de que nosso campo do sudoeste de Goiás estava com o maior número de alunos no Jota do que qualquer outra área do país. Com os recém-formados e outros, a lista incluía Eudócio Mendes dos Santos, Severino Gomes Monteiro, Nilson Ferreira, Sinval Cabral de Souza, Roberto Bueno, Luiz Leão, Daily França, Rute Moura, Carlos Araújo, Josefina Franco, José Inocêncio de Lima, Francisco (Chico) Souza, Terso Aguiar de Souza e Ambrosina Lima.

Aceitei o convite principalmente por uma razão : a saúde de minha esposa, Irene. Ela se achava muito esgotada com o cuidado dos quatro filhos: Robert, Weldon, Mary e Irene. Mary e Irene nasceram com 15 meses de intervalo (not good family planning). O vasto campo, as congregações e igrejas crescendo, exigiram mais e mais viagens para atendê-los, apesar de que já contávamos, desde 1947, com um jeep. Os dias fora de casa aumentaram os problemas para Irene no zelo do lar. No Jota, eu poderia estar em casa, pelo menos à noite.

No fim de dezembro, rumamos para São Paulo no jeep. Era tempo de chuvas pesadas.

Ficamos para despedidas no campo com cultos em Rio Verde, Santa Helena, Mateira em route. Em Mateira, à beira do Rio Paranaíba, choveu tanto que tivemos de desistir de atravessar até São Paulo, pelo Triângulo Mineiro, via Barretos, e fomos por Quirinópolis, Bom Jesus e Santa Rita do Paranaíba. No trecho antes de Bom Jesus, quase aconteceu um desastre. No banco da frente do jeep estavam Irene, Robertinho e Ireninha. Weldon cuidava de Mary no banco traseiro. A chuva havia parado um pouco, e o jeep estava completamente aberto. Weldon e Mary conversavam e cantavam. Mas, de repente, notei um silêncio. Olhei para o banco de trás e vi Weldon dormindo, mas nada de Mary. Parei o jeep e observei que Mary estava a uns 300 metros correndo atrás de nós. Ela havia caído na estrada. Felizmente, a chuva molhou a terra da estrada. Mary estava suja de lama e um pouco sem fôlego, mas aparentemente sem ferimentos. Poderia ter sido muito pior. Anos depois, quando Mary começou a perder a audição do ouvido direito, pensávamos que isto podia ter sido HelenaH uma seqüela da queda naquela estrada de Goiás.

As aulas no JMC começariam logo. Eu tivera alguma experiência com administração no Seminário em Chicago e com o ensino nas igrejas, mas nenhuma experiência formal para esta nova tarefa. Tinha confiança, nos meus 36 anos, de que podia aprender com o auxílio de Deus a vencer todos os obstáculos, no serviço dele. Assim, enfrentei o novo programa no Colégio. Era necessário conhecer os professores e fazer a escala de aulas. A secretária, também começando, era a Da. Zulmira Silva. Da. Nina que trabalhava com o diretor Harper, deixou o JMC para servir como sua secretária no Mackenzie.

Verifiquei que tínhamos ótimos professores, tradição do Colégio desde o início com Waddell, Harper, Themudo Lessa, Henrique Maurer e outros. O Rev. João Euclides Pereira foi vice-diretor e ensinou aulas de História e Filosofia; Dario Batos, Ciências; Rev. Fernando Buonaduce, Latim; Da. Elza Telles, Francês e Português; Rev. Renato Finza Telles, Química.

Uma novidade para as moças foi o curso de Escola Bíblica para leigas. Além de ser diretor, lecionei as seguintes matérias: Bíblia, História da Igreja, Grego e Inglês; e, pura alegria, treinava e jogava basquete.

O time de basquete jogava naquela mesma quadra de terra que conheci em 1940: menor do que um campo oficial e com as cestas, tabelas e aros longe das melhores condições. Com os moços do clube de esportes, iniciamos as melhorias, com planos de cimentar o piso, colocar novas tabelas e cestas, aumentar o tamanho da quadra e fazer uma bancada de cimento do lado inclinado. Com muito esforço e tantas horas de trabalho na lama, com chuva e com sol, a quadra ficou pronta. O motorista do caminhão do Colégio, Sr. Américo, ajudou bastante, arranjando a compra do cimento e transportando-o até o local. O presidente da Esportiva, Abimael Etz Rodrigues, presidiu a inauguração da quadra e, para surpresa minha, descerrou uma placa com o meu nome ali escrito. Que benção e que alegria!

Em todos os anos que trabalhei no Jota continuei a treinar o time de basquete e muitas vezes joguei com os alunos. A quadra foi iluminada mais tarde e servia para as festas e brincadeiras dos alunos, em especial na festa do Dia do Conceição.

Alguns alunos que nunca haviam jogado basquete se tornaram excelentes jogadores. Entre estes outros que chegaram com experiência, posso dizer os nomes de uns, com o risco de esquecer de muitos outros: Takashi Shimizu, Jonatas do Vale Moreira, Celso Loula, Joás Araújo, Oswaldo e Wilson Duraes (estes dois de Salinas, MG), Manoel Araújo, de Rio Verde (GO), Carlito (de Santa Helena de Goiás), Eládio, Isaias Gadoni, Luiz Leso.

O ano letivo de 1951 correu mais ou menos bem. Houve problemas gerais, incluindo os financeiros. Gostei de lecionar. A maioria dos alunos comportou-se bem. Os exames seguiram com o costumeiro sistema de honra, isto é, o professor confiava na honestidade dos alunos dispensando a vigilância do professor.

A saúde de minha esposa não melhorou, causando dificuldades e fazendo absolutamente necessária a volta aos Estados Unidos em “furlough” para tratamento.

A vida espiritual dos alunos e professores ocupava lugar importante nos programas elaborados. Durante todos os anos em que servi como diretor, tivemos a semana especial de trabalhos espirituais com grandes líderes da Igreja como pregadores e dirigindo aulas. Entre os convidados que prestaram valiosa cooperação menciono o Rev. Miguel Rizzo, Rev. José Borges dos Santos Jr., Rev. Oswaldo Emerique e Rev. Philip Landes. Achamos de muito proveito essa ênfase especial.

Procuramos cobrir despesas do Colégio com participação das organizações com representantes do Conselho Deliberativo: Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Missão Presbiteriana Central e Missão Oeste do Brasil. Estas entidades forneciam a terça parte do orçamento, os alunos próprios ou seus presbitérios, ou igrejas, ou famílias contribuía com outra terça parte das despesas do Jota; e foi a campanha anual para levantar dinheiro com amigos, igrejas e pessoas generosas, especialmente em São Paulo, que completou o total necessário para que o Colégio pudesse funcionar. Andei, andei e andei em São Paulo batendo em portas para receber doações. Acho que foi a minha tarefa mais difícil como diretor! Lembro-me bem de uma experiência durante uma campanha. O Rev. Borges havia me convidado a lecionar um curso da História da Igreja, especialmente na Reforma, na sua Igreja Unida, na rua Helvétia, na cidade. Um casal que assistiu às aulas, Paulo Ferraz e Sra., comprometeu-se a doar uma grande importância. Mas condicionou a doação a uma boa safra de café nas suas fazendas. Veio a geada e morreram os pés de café. Fiquei muito triste por sua perda e ainda mais por causa da oferta para o JMC. Imagine minha surpresa quando ele, mesmo com o prejuízo, deu a quantia total que havia prometido. Três pessoas

além de nós do Colégio se destacaram nas campanhas. Eram o Rev. Charles Roy Harper, então tesoureiro do Mackenzie, onde tivemos os jantares durante as campanhas; Lysias Oliveira e Vicente de Barros (parente do famoso governador de São Paulo, Adhemar de Barros).

Na publicidade para as campanhas contamos sempre com o entusiasta Prof. Fernando Buonaduce e com a Imprensa Metodista, onde ele também servia.

Quanto aos professores, Sr. Harper providenciou residências para eles nos terrenos do Jota. Assim moravam em casas do Colégio o Rev. João Euclides Pereira e Da. Abigail, Rev. Renato Fiuza Teles e Da. Elza, Sr. Dario Bastos e Da. Enuncie, Rev. Jacó da Silva e Da. Zulmira, Rev. Buonaduce, Sr. Américo Fernandes (com outras chegadas e saídas do pessoal). A idéia do Harper foi de dar serviço de tempo integral a todos os professores, tendo-os morando no campus e sempre disponíveis para os alunos. Com as dificuldades financeiras, o Colégio não podia pagar-lhes o suficiente, e eles arranjaram empregos fora do Conceição... lecionando e servindo as Igrejas. Isso limitava o tempo deles com os alunos e tornava difícil conciliar os horários das suas aulas com seus outros empregos. Eu e alguns poucos professores ficamos quase inteiramente com aulas à tarde, quando os alunos estavam menos dispostos a estudar e assistir aulas.

No princípio do JMC, eram poucos alunos e mais professores por aluno. A ênfase foi em dar boas aulas e aumentar os dons intelectuais e espirituais. Depois com o maior número de alunos e aumento de tarefas administrativas o Jota, uma família, tornou-se UMA INSTITUIÇÃO. Não tendo, naqueles tempos, luz, água e estradas de rodagem boas, ficamos com muito trabalho para manter uma usina de luz elétrica, primeiramente à gasolina e mais tarde tocada a óleo diesel (war surplus material). Foi necessário dispor do Ford van, pois ir a São Paulo, fazer compras, ir aos bancos, recolher professores e, às vezes, alunos em São Paulo tomava tempo excessivo e não servia

a todos igualmente. O prof. Buonaduce comprou a “perua” Ford. Eu o ensinei a guiar.

Precisávamos economizar em número de pessoas não-professores que empregávamos e assim dispensamos os serviços do Sr. Américo. O aluno Benon Wanderley Pais que possuía carta de motorista profissional tomava conta do caminhão do Colégio e também da usina de eletricidade a diesel. A energia elétrica produzida com as máquinas do Jota ficaram muito sobrecarregadas com a ligação de algumas casas na vila e o uso proibido de ferros elétricos e outras máquinas caseiras, todas necessárias em casas modernas.

Foi justo abrir uma estrada na área da figueira deixando a Companhia Light colocar os postes e trazer a energia elétrica até a vila de Jandira e ao Colégio. Diminuiu assim a responsabilidade do Colégio neste sentido.

Um dos resultados da campanha anual foi o poço artesiano que forneceu água aos prédios e casas do Colégio. Foi uma bênção para a administração do Jota ficar mais aliviada com a luta com problemas de luz e água.

O alvo de toda a obra missionária era de estabelecer igrejas e instituições que ficariam capazes de se manterem sem subvenções da Igreja-mãe e que teriam os seus diretores e pastores nacionais. Isto eu pude realizar em Goiás e procurei fazer no JMC. Pelo fato de que a esposa não gozava de boa saúde, fui obrigado a ver que eu não ficaria como pastor em Goiás até ser jubinado, nem como diretor do Jota a vida toda. Confiei plenamente na capacidade dos irmãos e colegas brasileiros de fazer igual ou melhor na liderança do trabalho iniciado pelos missionários. Assim, o Rev. Wilson Castro Ferreira foi escolhido o primeiro diretor nacional para o Instituto José Manuel da Conceição. Boa escolha, pena que ele achou impossível ficar por longos anos na direção.

Em dezembro de 1951, chegando ao fim do ano escolar, na formatura, lembro-me daquela classe do curso clássico. Alguns nomes: João Wilson Faustini, que admiravelmente dirigiu o coro do Jota na ausência de Da. Evelina Harper,

Célia Morais, Crisogno Coelho, Carlos Araújo. Uma turma excelente.

O Rev. João Euclides Pereira foi escolhido como diretor interino durante o ano de 1952, quando nossa família foi em “furlough” e estudos para os Estados Unidos. Passamos a maior parte do ano estudando em Oberlin, Ohio, na Graduate School of Theology. Irene estudou no Conservatory of Music. Nasceu a caçula, Evangeline Alderton Lodwick. Mary sofreu duas operações por causa da infecção nos rins. Foi um ano difícil, pois os problemas de saúde de Irene levaram-na a tratamento em hospitais. Voltamos ao Colégio em fevereiro de 1953. Havia pouca diferença no andamento do Jota. O Rev. João foi ótimo diretor e poderia ter ficado na liderança, se ele assim o desejasse. As finanças do Colégio indicavam que seria melhor manter uma ligação mais direta nos Estados Unidos por meio de um diretor missionário. Assim fiquei, mas precariamente, devido à necessidade de levar Irene aos EUA para ser internada num hospital especializado em doenças mentais. Lutei com o cuidado dos cinco filhos, mas tendo auxílio amável de pessoas do Colégio, tais como Da. Geni Nogueira, esposa de Pedro Alves; a família Shimizu; Da. Hope Gordon e outros. Por fim, eu tive de regressar aos EUA passando três anos em Oxford, Ohio, sendo “campus pastor” da United Christian Fellowship. O Rev. Wilson Castro Ferreira dirigia o Colégio, e Olson e Jean Pemberton trabalhavam como missionários cedidos ao Jota.

O Rev. Wilson me convidou para substituí-lo na direção em 1959 quando ele fez estágio em Nova Iorque, estudando drama. Com prazer, retornei a Jandira e fiquei mais um ano e meio no Jota. Quando o Rev. Wilson retornou dos EUA, servi como deão. O casal Pemberton estava em “furlough” de um ano naquele período.

Voltando os Perbemtons, dirigi o Instituto Samuel Graham até que fui chamado para o escritório da Missão em São Paulo, em janeiro de 1961. Atuando como secretário executivo da Missão por nove anos, fiquei sempre a par do

que acontecia no Jota, vendo a diminuição das matrículas de candidatos ao ministério de jovens maduros (adultos no comportamento) e aumento de alunos quase crianças que precisavam de disciplina em tudo.

Assim foi passando o Jota de outrora e o final do fechamento. Depois fui aos Estados Unidos, onde foi necessária minha presença, já que Irene não mais precisava ficar internada em tratamento de saúde, tendo em vista a administração de novos remédios tranquilizantes.

O JMC sempre procurava incluir alunos de todas as denominações. Havia cooperação com a Igreja Episcopal. Durante meu tempo no Jota, houve um aluno, Sumio Takatsu, que mais tarde se tornou bispo da Igreja Episcopal.

O Rev. Sherrill, missionário, visitava o Colégio para dar instrução a um grupo de candidatos ao ministério na Igreja Episcopal: Takashi Shimizu, Alfredo Rocha e Sidney Ruiz (também mais tarde bispo).

Além dos cultos diário, funcionava nos prédios do Colégio a Igreja Presbiteriana de Jandira. Ministros e leigos da Igreja Presbiteriana dirigiam os trabalhos de culto e da escola dominical. O Sr. Hermenegildo, da Vila de Jandira, é sempre lembrado por causa de suas prédicas e pela maneira de fala muito lenta e de certa hesitação e ênfase. Um pastor que vinha aos domingos à noite era o Rev. Jorge César Mota, muito inteligente e muito autoritário na direção dos cultos. Por causa de distúrbios entre certos alunos no culto, ele tomava para si o dever de confrontar estes alunos, incluindo uns da família Dourado, da Bahia. Quase que o reverendo foi agredido por eles! A minha opção expressa ao Rev. Mota era de que eu, como diretor do Jota, e nosso deão tínhamos a responsabilidade de zelar pelo comportamento dos alunos sob nossa direção e não o pastor da Igreja que vinha somente aos domingos à noite. O Rev. Mota não concordava comigo! Em poucos anos, a Igreja local construiu o seu templo resolvendo um dos problemas.

Por ser durante muitos anos considerado um “seminário menor”, os nossos diplomas valiam

nas outras escolas, colégio e universidades. Mas houve um período quando os poderes públicos ameaçaram tirar esse privilégio. Foi necessário fazer esforços para colocar tudo em ordem como documentos e construções para cumprir com as exigências do governo. Assim fizemos uma área coberta atrás do prédio Harper. Tivemos instalações sanitárias e chuveiros com água esquentada em aparelho elétrico. Em pouco tempo, a classificação de seminário menor permaneceu e paramos os trabalhos de oficializar o Jota pelas leis de outros colégios. A área coberta foi fechada com paredes e se tornou a casa de residência do Prof. João Faustini e Da. Queila.

Apesar de eu nunca ter jogado futebol, apreciava muito o entusiasmo e habilidade dos jogadores do Jota. Por algum tempo, o time ficou invicto. Assistia aos jogos torcendo pelo Jota. Lembro-me de alguns bons jogadores: Heber Ferrer, Armando Gonçalves e o irmão Flávio, Apiscá, Eládio e Wilson, de Mato Grosso.

Durante minha ausência de três anos (1956-59) foi construído o auditório Waddel. Um prédio grande, mas somente parcialmente terminado. Havia um distinto eco que tornava difícil entender o que se falava no palco. Servia muito bem para os concertos do coral do Jota. Por fora, achei a construção muito feia. O arquiteto foi o Dr. Lavitola, do Mackenzie.

No meu tempo no Jota, o prédio nunca foi acabado, nem por fora e nem por dentro. Fiquei com saudades do salão de cultos na velha instalação.

Novas personalidades chegaram e ajudaram muito o Colégio...

“O tempo passa” ... Da. Isva está na secretaria do Colégio... casa-se com o brilhante aluno Josué Xavier. Hope Gordon casa-se com o aluno João Silva... Isaias Gadoni, aluno, casa-se com enfermeira Myrte... Daily Resende França casa-se com Rute Moura; Sinval Cabral de Souza com Celina Fukuda.

Mas tempo passa, e o Rev. João Euclides Pereira e o Rev. Daily França falecem em acidente de automóvel perto de Brasília... Também o Rev. Armando Gonçalves, ex-aluno e ex-diretor, morre em acidente de carro. Notícias boas e tristes recebemos de amigos do JMC. Rev. Olson Pemberton assume a direção do Instituto Bíblico Eduardo Lane, em Patrocínio (MG). Pena que ele nunca quis aceitar a direção do JMC.*

Há muita história bem documentada pelo Rev. Dr. Waldyr Carvalho Luz, em seu livro *Nem General, nem Fazendeiro: Ministro do Evangelho*, publicado em Campinas, em 1994, pela editora Luz do Caminho.

* Há um lapso no relato do Rev. Lodwick: O Rev. Pemberton foi Diretor do JMC.

Relatórios

1934 – 1941

1934

Relatório pessoal de Charles Roy Harper
à Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana
– USA e à Missão do Sul do Brasil

1936 – 1937

Respostas a uma série de perguntas
sobre o JMC enviadas da Índia

1939

Relatório pessoal de Charles Roy Harper
27 de dezembro

1941

Relatório do Curso José Manuel da Conceição

Relatório pessoal de Charles Roy Harper à Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana – USA e à Missão do Sul do Brasil

1934

Tradução – Hope Gordon

Meus caros Colegas no Trabalho

Saudações

Quando um professor se senta para escrever um relatório à Junta e aos seus colegas missionários, seu desejo é que estivesse lá fora no campo evangelístico, onde há maiores possibilidades de eventos pitorescos, ou que fosse um especialista em alguma atividade e pudesse relatar descobertas estranhas no âmbito científico. A pessoa sente que o relato de uma vida rotineira de escola não seja muito inspirador.

No entanto, a vida em Jandira está longe de ser monótona. O mês que se seguiu à reunião da Missão no ano passado, setembro, testemunhou uma mudança de guarda-livros, senão de tesoureiros da Missão, visto que a Srta. Hubscher deixou o Mackenzie. Em lugar de iniciar outra moça nos mistérios dos modernos livros da Missão, pareceu-me ser mais sábio assumir todo o trabalho, e assim ficar aliviado da responsabilidade de livros, que realmente estavam nas mãos de outra pessoa. Muitas vezes é mais fácil a própria pessoa fazer o trabalho do que buscar identificar um ou outro erro que outra tenha cometido.

Em seguida vieram as atividades de formatura de 1933 e o turbilhão costumeiro de atividades, sociais e administrativas.

Oito rapazes, seis dos quais presbiterianos e dois independentes, se formaram. Então saíram as equipes de evangelização, uma para Bauru e o oeste, outra para Santa Catarina, esta trabalhando no campo de um ex-aluno formado no JMC, o Rev. Martinho Rickli. Nos Estados Unidos, atividades de equipes de evangelização ficam limitadas a viagens curtas, de alguns dias ou talvez de duas semanas. Aqui os rapazes, por iniciativa própria e confiando em ofertas de amigos, fazem extensas viagens de dois meses. Relatórios desses esforços estudantis pela causa de Cristo são bastante animadores. Eles ajudam os pastores em reuniões em igrejas muito espalhadas, estimulam os jovens e animam os velhos. Não são poucos os arrolados em aulas preparatórias pelos esforços desses moços. E como voltam entusiasmados! Uma das reuniões do Grêmio “Miguel Torres” foi usada para que se ouvissem os relatórios pessoais do trabalho de verão.

Todo o projeto está nas mãos dos estudantes, incluindo pessoal, itinerário, solicitação e despesas financeiras. Atualmente há duas novas equipes de evangelização trabalhando. Uma voltou a Santa Catarina, enquanto que a outra foi a Goiás e Minas. Resultados

igualmente esplêndidos são esperados de seu trabalho de verão.

Comissão de cooperação

Em dezembro de 1933 assisti à reunião conjunta dos três grupos cooperadores – Comissão de Cooperação, Conselho de Educação Religiosa e Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil –, ocasião em que a nova Confederação Evangélica do Brasil foi planejada e uma constituição elaborada, para ser submetida a todas as partes interessadas. A aprovação necessária veio de um número suficiente de entidades para tornar a Confederação uma realidade em 19 de junho de 1934. Isto promete ser um ótimo avanço diplomático, unindo em um corpo três grupos cooperadores que antes só estavam ligados de modo vago, e cujas funções, administração e pessoal muitas vezes se sobrepunham. Como representante do Conselho do Brasil, informei a matéria a seu secretário, mas aparentemente nenhuma ação foi tomada. Como resultado, perdemos a oportunidade de entrar na Confederação como membros fundadores, embora esta honra não traga consigo nenhum privilégio especial.

Federação de Escolas Evangélicas

Houve então, em Umuarama, uma reunião da Federação de Escolas Evangélicas do Brasil, o que representou uma ótima oportunidade de conhecer, de primeira-mão, problemas e educadores de outras missões, a saber, os grupos metodistas e presbiterianos do sul. Desta reunião cresceu outro movimento, que teve uma seqüência interessante.

Conferências de jovens

Um grupo de jovens na reunião da Federação resolveu programar uma Conferência de Jovens em Umuarama. Uma comissão foi nomeada e me pediram para atuar como presidente para levar adiante o projeto. Em consequência, trabalhei durante o ano para organizar um grupo de conferencistas e fazer propaganda da Conferência, que foi chamada de “Retiro para

Mocidade Evangélica”. A reunião tornou-se possível pela ajuda generosa de muitos amigos bondosos, na sua maioria missionários, e pelo apoio entusiástico dos preletores, que deram liberalmente de seu tempo, energia e, em muitos casos, dinheiro. Foi a primeira conferência desse tipo em Umuarama e pareceu ser um sucesso. Tivemos um grupo um tanto pequeno, vinte e cinco ou trinta ao todo, incluindo os preletores, esposas, crianças e jovens, mas houve ótimas e entusiasmadas reuniões. Um dos formados do JMC, Rev. Eduardo P. Magalhães, foi um membro notável. O Rev. Epaminondas M. do Amaral foi esplêndido em suas mensagens da noite, enquanto que outros estiveram bem em seus respectivos campos: o Rev. Renato R. dos Santos brilhando na música, D. Hilda Araújo Figueiredo na área social dos jovens, e a Sra. J.M. Sydenstricker em suas aulas sobre Missões.

A conferência foi um sucesso pelo fato da idéia ter criado raízes e prometer perpetuar-se. Uma comissão de brasileiros, com a ajuda do Sr. Baker, de Lavras, foi organizada e autorizada a planejar a segunda conferência, a se realizar na primeira quinzena de dezembro de 1935.

Igreja de Bela Vista

Em princípios do ano, fui convidado por, ou através do Sr. Lenington a assumir o púlpito da igreja de Bela Vista no primeiro domingo de cada mês. Tenho feito isso durante o ano, sentindo que assim os contatos com a Igreja Brasileira seriam proveitosos, mas principalmente inspirado pela esperança de que, de certo modo, possa alargar meu serviço para o Mestre e o seu povo. Imagino que esta pregação me faça mais bem do que faz ao povo Dele, pois me incita a fazer um trabalho evangelístico positivo, quando às vezes me sinto sobrecarregado por rotinas.

Pregação em inglês

Várias vezes durante o ano preguei em inglês ao grupo da Fellowship em São Paulo, além de

dirigir o Culto do Dia de Ação de Graças para a Colônia Americana naquela cidade.

Visita de Sr. Mack

Recentemente ficamos contentes com a curta visita do Sr. Rev. S. Franklin Mack, secretário de publicidade da Junta e secretário de jovens, que veio à América do Sul no interesse de um novo método de propaganda para a igreja mãe, o de filmes de missões estrangeiras. É uma tentativa de visualizar a obra de nossa Junta de Missões em outras terras, através do auxílio do ver e do ouvir. A Junta Missionária reconhece que a futura fonte de doações precisa ser a de milhares de pessoas comuns; mesmo porque os poucos doadores ricos estão desaparecendo rapidamente.

Mr. Mack veio a nós de Buenos Aires, e tinha esperança de tomar um avião até Cuiabá, mesmo porque Buriti é o ponto dos jovens na América do Sul, mas, como não lhe foi possível conseguir uma passagem de volta por ar, foi obrigado a desistir da viagem e ir, em vez disso, à Bahia, onde teve um encontro com a maioria dos missionários da Missão Brasil Central. Voltando de avião ao Rio, embarcou para Trinidad.

Congresso de Jovens

Uma atividade escolar que mereceu ação especial foi o Congresso de Jovens, realizado na Igreja Unida em São Paulo e organizado por alguns dos estudantes do JMC em conjunto com o Rev. Eduardo P. Magalhães, mencionado acima, ligado à Conferência de Jovens. Teve a abertura na quinta-feira à noite e encerrou-se na tarde do domingo seguinte. Mais de 100 delegados foram inscritos e as sessões foram bem assistidas e entusiásticas. Um programa cuidadosamente planejado foi executado, e os jovens, especialmente, se sentiram gratificados pelo enorme gasto de energia despendido para a sua realização. O coral do JMC contribuiu com vários números musicais, sacros e seculares, conforme a ocasião.

Trabalho evangelístico dos estudantes do JMC

Deve-se mencionar a inauguração de uma pequena igreja na velha cidade de Parnaíba, centro de catolicismo. Isto é resultado direto do trabalho de alguns dos moços do JMC, especialmente de Davi Azevedo de Santa Catarina, que tem dado generosamente de seus fins-de-semana para esta gente. Ele vai ser um grande pastor. O templo foi inaugurado, e umas 18 pessoas já foram recebidas por profissão de fé.

Também em Cotia, a estação seguinte à de Jandira na direção sul da Estrada de Ferro, outros moços têm feito cultos a cada semana. Isto resultou em seis profissões de fé. Outro centro para trabalho é Barueri, mas o solo por enquanto não tem cedido.

É ótimo poder noticiar uma nova igreja em Osasco, sob a denominação Presbiteriana Independente. Nosso interesse especial nesta congregação data da época, vários anos atrás, em que Dr. Waddell e eu alternávamos os domingos no serviço a essas pessoas. Recentemente, nossos próprios rapazes do JMC têm estado trabalhando naquele campo, e merecem louvor pela igreja que agora é visível dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana.

Outros moços têm igualmente realizado um bom e consagrado trabalho, dirigindo cultos ou lecionando classes de Escola Dominical em outros lugares.

O Conselho da Faculdade Mackenzie

Como substituto do Sr. Landes, que tem estado fora durante a maior parte do ano, coube-me assistir às reuniões do Conselho da Faculdade Mackenzie. Esta responsabilidade tem absorvido uma parte significativa do meu tempo, por ter havido um bom número de longas reuniões durante o ano. Esperamos que as coisas se tenham normalizado agora. Um relatório mais completo aparece em outro lugar.

Associação Umuarama

Minhas atividades como seu representante na Diretoria da Associação Umuarama aparecerá

em um relatório à parte. Aqui, basta dizer que o lugar está agora equipado para servir a seus membros, tanto grupos quanto indivíduos. Todos que vão lá se tornam entusiasmados por Umuarama, e espera-se que muitos dos membros de nossa Missão irão lá neste ano assistir a Plenária.

JMC

O trabalho mais importante do ano tem sido aquele no JMC, onde tivemos mais de cinquenta estudantes. Aqueles de nós que estávamos levando adiante o trabalho de Dr. Waddel, além do nosso próprio, ficamos muito contentes quando ele apareceu a tempo de assumir suas aulas para o último período. Pessoalmente, sinto-me muito encorajado com o JMC. Embora desapontado na ocasião, quando a Assembléia Geral da igreja nacional deixou de nomear um homem para nosso corpo docente, talvez, apesar de tudo, tenha sido em favor dos melhores interesses da nossa escola. Treinando nosso próprio corpo docente em nossas salas de aula, e depois recebendo seu sustento das igrejas nacionais, vamos reunir um grupo melhor e seremos, talvez, capazes de manter melhor nossos ideais de trabalho do que se o corpo docente viesse já pronto para nós.

A reação dos estudantes é esplêndida. Temos tantos quanto podemos manejar confortavelmente. O departamento de Português foi fortalecido para o próximo ano. Temos quatro pastores jovens lá fora, no campo ativo, e no ano que vem teremos doze estudantes em Campinas e doze no Seminário Independente em São Paulo.

Estes moços ficarão espalhados durante os três anos do curso do Seminário. Começando no próximo ano, deve haver um fluxo constante de estudantes do JMC saindo para as igrejas. Esta é nossa fonte de maior esperança de cooperação futura, pois eles são nossos amigos calorosos e entusiasmados e trabalharão com ardor a nosso favor. Quando cerca de vinte e cinco moços estiverem no ministério ativo,

um sentimento forte em favor de maior cooperação deve aparecer. Um moço formado em Campinas recentemente me contou em Umuarama que, quando nossos rapazes do JMC chegaram ao Seminário, o espírito do corpo estudantil mudou completamente. Se isso é verdade no Seminário, não será razoável esperar o mesmo nas igrejas? No começo, os moços do JMC eram um tanto desprezados pelos estudantes em Campinas. Agora ganharam sua posição por puro valor próprio, e capturamos seu corpo estudantil enchendo suas salas de aula com nossos próprios graduados. Tem sido muito interessante assistir a isso.

Os independentes continuam a dar apoio financeiro, assim como a Fellowship Cristã de São Paulo, enquanto que o Sínodo Central da Igreja Presbiteriana prometeu contribuir com pelo menos metade das despesas de Dario Bastos, um de nossos instrutores, com a probabilidade de seu salário total ser assumido por essa entidade.

Este foi um ano de crise. Perdemos um dos membros do nosso corpo docente, enquanto outro já está na lista dos aposentados, mas ainda trabalhando muito até que um corpo docente pleno possa ser conseguido. A carga no ano que vem será impossível, a não ser que a Missão providencie adequadamente, a esta altura, para que haja um substituto para o que nos deixa. Precisamos de alguém que possa começar a lecionar logo depois deste próximo mês. Esta pessoa pode ser um missionário, ou dinheiro pode ser usado na contratação de um brasileiro, mantendo a promessa original da Missão quanto a pessoal. Sinto que, como o Relatório do Leigo enfatizou tanto, se vamos manter uma escola com um carimbo norte-americano, e ideais quanto a padrões de ensino possíveis, ela deve ser uma das quais podemos nos orgulhar com justiça e não nos envergonhar. Quando temos que nos distribuir insuficientemente em meia dúzia de matérias, não há tempo para dominar nada completamente.

Miss Grotthouse

A Sra. Harper e eu desejamos acrescentar uma palavra de apreço pelos serviços esplêndidos prestados ao JMC pela Srta. Margaret Grotthouse durante os três anos passados. Sempre sentimos por ela um interesse pessoal, além daquele que nasce do relacionamento entre colegas no mesmo educandário, pelo fato de a termos encontrado em São Anselmo e termos sido responsáveis por fazê-la interessar-se pelo Brasil e pelo JMC.

Ela teve um trabalho difícil e executou-o muito bem. Sentiremos muito sua falta, mas a perda para o JMC e para a South Brazil Mission representará um ganho correspondente para a Central Brazil Mission. Nossos melhores votos

e orações sinceras a acompanham, ao assumir uma nova fase de sua vida missionária.

Conclusão

Concluindo este esboço imperfeito das atividades do ano, é de coração que agradecemos ao Pai Sábio e Amoroso pelo privilégio de poder testemunhar a favor de Jesus Cristo neste país, e é com coração esperançoso que olhamos para o futuro, com a certeza de que o que estamos fazendo ajudará a trazer o Reino de Deus sobre esta terra.

Respeitosamente submetido,

C. ROY HARPER

Respostas a uma série de perguntas sobre o JMC enviadas da Índia

1936 – 1937

Tradução – Hope Gordon

1. Os rapazes na escola realmente ganham o suficiente para pagar pelo seu alimento e por suas roupas?

Resposta – Baseada em estatísticas de 1936.

Todos os 53 moços (1936) diminuíram suas despesas de comida através da participação de cada um no trabalho da cooperativa, i.e., lavar pratos, cortar lenha, bombear água, carregar suprimentos da estação ferroviária para a cozinha e a despensa, limpar o pátio, a cozinha e a sala de jantar, trabalhar na horta, etc.

Trinta dos rapazes trabalharam em outras tarefas remuneradas no campus para pagar toda ou parte de sua pensão. Muitos moços, cuja pensão e livros eram pagos pelos presbitérios ou por indivíduos, ganharam dinheiro para roupa e outras despesas eventuais.

A pensão para cada rapaz, relativa aos 10 meses de aulas em 1936, deu um total de 354\$000. A seguir uma lista dos rapazes que mais ganharam, o que faziam, e de onde o dinheiro vinha.

Oito moços (de nível de estudo mais adiantado) deram aulas no Curso Preliminar, ganhando 300\$000 cada um ou 84,7 por cento de sua pensão. Pago pelos estudantes do Curso Preliminar.

E.B., um dos 8 moços acima, também assumiu a responsabilidade pelas ferramentas da horta e da carpintaria (pago pela escola), e fazia as compras para [a mesa] as refeições, na ocasião das Reuniões de Missão, ganhando um total de 677.600\$ no ano (pago pelos missionários).

D.L. ganhou 265\$.800 como cozinheiro (pago pela Cooperativa).

A.P. ganhou 200\$.000 por tocar o sino para as aulas (pago pela Escola).

E.C. ganhou 207.000 como cozinheiro (pago pela cooperativa).

M.F., um rapaz que estuda inteiramente por conta própria, ganhou 767.000 tomando conta da bomba d'água a gasolina (pago pelos professores e pela cooperativa das moças), cortando mato (pago pela escola e professores), trabalhando para o acampamento de engenharia do Colégio Mackenzie, que se realiza de dezembro a fevereiro (pago pelo Mackenzie).

O.A. ganhou mais de 200\$.000 como barbeiro da escola (pago por professores e estudantes).

L.R. ganhou 200\$000 varrendo salas de aula (pago pela escola).

L.C. ganhou 212.300 como carpinteiro no novo dormitório (pago pela Missão Presbiteriana) e como responsável por cuidar do pomar (pago por professores e cooperativa dos moços).

S.D. ganhou 134\$.000 como assentador de tijolos (pago por vários).

D.M. ganhou 302\$000 consertando roupas para a esposa de um professor (pago pelo professor), matando formigas carregadeiras (pago por professores) e servindo mesas na época da Reunião da Missão (pago pelos missionários).

J.V.S. ganhou 96\$300 fazendo serviço de escrita no escritório da escola (pago pela escola).

S.T. ganhou 228\$400 como encanador (pago pela escola, Missão e cooperativa de alunos, ou por professores, dependendo de onde o trabalho era feito).

L.R. ganhou 256\$000 como alfaiate (pago por colegas) e como cozinheiro (pago pela cooperativa).

A.D. ganhou 363\$800 em vários serviços – como jardineiro para um professor, fazendo consertos em prédios (pago pela escola), etc.

J.M. ganhou 307\$000 cortando mato, matando formigas, trabalhando em construção, etc. (pago por vários).

V.L. ganhou 77\$400 na biblioteca (pago pela escola) e em serviços diversos.

W.C. ganhou 192\$200 como cozinheiro para a cooperativa de estudantes.

Dois outros alfaiates entre os estudantes ganharam dinheiro que não foi registrado como rendimento no livro de Tesouraria. Vários rapazes ganharam quantias extras servindo de tutor para um jovem barbeiro que vinha quatro vezes por semana da cidade vizinha de Cotia. Ele estava estudando para o curso médio sem assistir às aulas regulares.

Vários outros moços ganharam pequenas quantias. Assim vivemos em nossa comunidade “pegando a roupa suja” uns dos outros.

2. As sociedades missionárias, direta ou indiretamente, não contribuem com a manutenção da escola, a não ser com os salários que você menciona no artigo?

Resposta – A declaração financeira da escola para o ano de 1936 responde isto. É dada abaixo:

Receita	
SALDO DE 1935	630.500
De Fontes Nacionais (i.e., no Brasil)	
Igreja “Fellowship” Cristã	1:000.000
Sínodo Central, Igreja Presb. do Brasil	600.000
Colégio Mackenzie	
(por trabalhos de tesouraria em N.Y.)	300.000
Assembléia Geral da Igreja Presb., Brasil	2:000.000
Igreja Independente, (Rev. João Euclides)	3:600.000
Doações	1:211.500
Doações para novos cômodos	8:941.800
<i>De EUA mandado diretamente</i>	17:653.300
Missão Leste no Brasil (East Brazil Mission)	1:760.000
East Jordan, Michigan, Doação memorial	1:695.000
Missão Brasil Central, Igreja Presb. USA	1:500.000
<i>De pagamentos, de Curso Preliminar, etc.</i>	359.000
Ano Preliminar	4:760.000
Verba da Junta Missionária, Regular	10:000.000
Verba da Junta Missionária, Especial	3:150.000
Verba para dormitório de Moças	29:501.000
Departamento de Internos	23:433.600
Juros	63.200
Déficit	5:023.800
	99:539.400

Este déficit representa o saldo que se deve a uma parte que adiantou 6:000.000 para a compra de uma propriedade necessária.

Despesas	
Ensino Curso Regular	19:590.600
Ensino Curso Preliminar	4:165.600
(A escola pôde contar com 100\$000 do Curso Preliminar.)	
Departamentos de Internos (Cooperativas Fem. e Masc.)	23:433.600
Despesas de Manutenção	3:166.600
Construção – Novos quartos, 8 quartos novos	9:739.800
Dormitório de Moças	29:501.000
Melhoras, Reparos, Arborização	1:365.700
Equipamento	572.100
Terreno e direito de passagem	7:500.000
	99:539.400

Isto não inclui os salários de dois casais missionários enviados pela Missão do Sul do Brasil, (pela Junta de Missões da Igreja Presb., USA).

3. *De onde vem dinheiro para bibliotecas e livros textos? Experiências aqui e na América mostram que estes últimos não conseguem alcançar uma vida média de cinco anos.*

E é isso que significa aluguel de 20% por ano?

Resposta – A biblioteca de aproximadamente 800 volumes representa doações em dinheiro e livros de muitos amigos do Instituto. Livros textos são comprados e vendidos aos estudantes com um pequeno lucro (5-10%). Este lucro é uma proteção contra a perda de livros nos correios, livros que não são usados mais, etc. Eles são readquiridos no final do ano, se o estudante deseja vendê-los, a 80% do custo para o aluno, contanto que o livro continue a ser usado no curso.

4. *A escola paga os rapazes por trabalho?*

Você não diz isso, exceto na sentença,

“há trabalho muitas vezes no campus para aqueles que querem ganhar dinheiro extra.”

De onde vem o dinheiro para pagar o trabalho extra?

Resposta – Respondido em (1).

5. *Você diz que os moços por vezes fazem seus próprios móveis. Onde arranjam o material e as ferramentas para fazê-los?*

Resposta – A Standard Oil Co. fornece muito material para móveis na forma de caixas que vêm para o Brasil no transporte de querosene e gasolina. Madeira também é vendida para os estudantes, e as ferramentas são fornecidas pela escola.

6. *Os moços não arrendam o terreno que usam para horta?*

Quem fornece as ferramentas, sementes e fertilizantes, e em que base?

Resposta – Não. A Escola fornece as ferramentas, mas a cooperativa dos rapazes compra sementes, etc.

7. *Quem providencia o material para suas equipes atléticas? Uniformes, bastões de hóquei, bastões de beisebol, bolas, etc.? Sabemos por experiência própria que quando rapazes que não têm dinheiro tentam competir com times da cidade, tais coisas são necessárias, e que eles não podem providenciá-las. Fomos forçados a limitar drasticamente nossa participação em tais eventos, só por causa de tais problemas. Quem paga as viagens quando jogam com tais times?*

Resposta – Os rapazes têm inteiramente, em suas próprias mãos, a Associação Atlética. Os únicos esportes com que se ocupam são voleibol, basquete, futebol e natação. A Associação compra bolas e o pouco equipamento de que precisam. O campo de basquete é ao ar livre, e feito pelos próprios moços; eles nadam no rio. Neste ano organizaram seis times de basquete (o que inclui cerca de 50% dos moços,) aos quais deram os nomes dos seus seis professores do sexo masculino. Estão tendo um torneio. A roupa é variada. Os moços que não têm calçados apropriados para o basquete e jogam descalços. Recentemente a Associação comprou camisetas de basquete para os dois times mais fortes entrarem em um torneio na cidade de São Paulo. A Associação se financia com doações de seus membros ou amigos. Cada um dos moços que jogou na cidade pagou sua própria passagem de trem. Os vários jogos de futebol foram realizados nos campos de Barueri ou Tamboré (próximos) com times vizinhos, e não têm praticamente nenhuma despesa.

A escola não assume nenhuma responsabilidade financeira pela Associação Atlética, Organizações de Alimentação (Cooperativas tanto de rapazes como de moças), Sociedades Literárias, ou Equipes de Evangelismo. Estas organizações estão inteiramente nas mãos dos estudantes e são auto-governadas, auto-sustentadas e auto-divulgadas.

Relatório pessoal de Charles Roy Harper

27 de dezembro de 1939

Tradução – Hope Gordon

À Junta de Missões Estrangeiras e à Missão Brasil Central.

Pais e Irmãos:

F

oi exatamente na ocasião

da Páscoa, em abril próximo passado, que entramos no Brasil pela terceira vez. Assistimos na grande Igreja Presbiteriana do Rio a um culto de Santa-Ceia que reuniu várias igrejas. Para nós, que acabávamos de voltar, o culto parecia dar a ênfase exata para nossa terceira estada no campo missionário, o testemunho da excelência do Reino de Jesus Cristo, o centro de nossa missão e de nossas vidas.

Voltando atrás alguns meses e pegando a narrativa onde a deixamos no relatório do ano passado, desejo contar os passos que foram dados para eu retornar ao Brasil em dezembro, deixando o regresso da família para dentro de alguns meses. Mas tanto o Dr. Browning como o Dr. Dodd levantaram sérias objeções a se encurtar o período de permanência nos Estados Unidos, especialmente em vista da incomum recepção inicial, e fomos aconselhados a completar o tempo lá. Isso foi possível, do ponto de vista da escola, pela lealdade do pessoal docente e sua prontidão em levar as atividades adiante, com trabalho extra, até nossa volta em abril. Ficamos especialmente agradecidos ao Sr. e Sra. Wyant por sua cooperação no planejamento, e ao Sr. José Salum Vilela e esposa, D. Teó, por sua boa vontade em permanecer, mesmo significando isto obrigações extras para todos.

Isso me possibilitou continuar os estudos no Seminário Teológico de São Francisco durante o semestre de inverno, bem como fazer uma viagem de uma semana ao sul da Califórnia, junto com a Sra. Harper, com o Coro à Capela do Seminário. No dia em que o ônibus de nosso coro saiu de Glendale, alegrou-nos reencontrar um antigo professor nosso, de Princeton, agora presidente da Junta de Missões Estrangeiras, Dr. Charles R. Erdman, que tinha vindo para despedir-se do grupo.

Recomendamos bastante Santo Anselmo a missionários que desejam um bom seminário onde estudar, por ser uma cidade agradável para se morar, e bom lugar para a educação de crianças.

Queremos registrar nossa apreciação ao tratamento e grande consideração que nos foram dados pelos secretários, pelo pessoal e membros da Junta. Todos foram muito bondosos e de grande ajuda durante todo o período de nosso descanso. Somos muito gratos à Junta pelo modo generoso com que ajudou a cuidar de despesas resultantes de nosso acidente, pelas verbas médica, educacional e de locação, e por tudo com que contribuiu para nos deixar em forma física, espiritual e intelectual para voltar ao campo.

Pouco tempo depois de retornarmos ao campo, estávamos novamente cheios de tarefas. O Sr. Wyant nos entregou a administração da

escola e comecei a dar aulas de Bíblia, Introdução ao Grego, duas aulas de Inglês, Anabatismo e Introdução ao Hebraico, num total de 25 períodos de aula por semana.

Em várias ocasiões foi meu privilégio dirigir os cultos da Christian Fellowship Church em São Paulo.

A pedido do Dr. Lenington, na ocasião doente e hospitalizado, participei de uma reunião do Conselho da Faculdade Mackenzie. Após seu falecimento, participei de mais uma reunião.

Como substituto do Sr. Salley na Comissão Executiva e na Comissão de Previsão, foi um prazer ajudar no trabalho dessas Comissões. Vários horários foram elaborados pela Comissão para a delegação da junta. Era como um jogo de xadrez chinês montar itinerários que conviessem a todos os viajantes e a todos os missionários. Esperamos que a delegação tenha conseguido uma visão abrangente do campo interno, sem sacrificar nenhuma peculiaridade.

Foi refrescante receber a visita da Delegação. Os membros estiveram em nossos lares, fizeram palestras na escola, pregaram nas igrejas da cidade, fizeram um *tour* pelo Mackenzie e nos trouxeram mensagens entusiásticas e inspiradoras. Já aguardamos com alegria sua próxima visita.

Antes de terminar posso dizer uma palavra sobre nossos estudantes. O relatório da escola JMC faz um relato mais completo do trabalho nela. O corpo estudantil é um grupo interessante, composto de muitas denominações, tipos físicos e nacionalidades.

Temos um pastor japonês, ordenado da Igreja Reformada dos EUA, que está estudando português. É muito apreciado pelos estudantes e professores. Outro pastor japonês, da Igreja Episcopal, deixou sua noiva aos nossos cuidados, para aprender Português e Música. Outra japonesa, pequenina, chamada Sono Yuaça, é filha de um pastor da Holiness Japonesa. Kinso e Ryoshi completam a colônia

japonesa: a primeira estudando Português, e a segunda fazendo o curso pós-graduação de 3 anos.

O amor de Deus alcançou a Penitenciária do Estado em Florianópolis, há três anos, e transformou o coração de um dos prisioneiros: José Moreira da Silva, solto em janeiro passado, procurou o Presbitério desejando servir a Cristo. A Primeira Igreja de Florianópolis colocou-o à porta do JMC, mas sem fundos suficientes para se sustentar e a esposa. Começou no nível inferior do curso preliminar e tem feito trabalhos que merecem crédito. Parece ter um ótimo espírito evangelístico e conhece a Bíblia admiravelmente bem, sendo capaz de citar incontáveis textos por capítulo e versículo, e recitá-los de cor.

Oton Dourado, um de nossos ótimos baianos, escreve de Nova Rezende, Minas, que ele e outros tiveram o privilégio de pregar a um grupo de 50 pessoas que nunca antes tinham ouvido o Evangelho. E como ele ficou entusiasmado com a oportunidade!

Waldyr Luz, que chegou há cinco anos, vindo de Castro, terminou o curso neste ano de maneira brilhante. Não teve nenhuma falta durante o ano e recebeu uma média anual de 99.3 em todas as matérias, a mais alta entre todas que qualquer estudante já recebeu na escola.

O trabalho escolar não é espetacular, mas exige tudo o que temos para dar; e os resultados através dos anos são gratificantes.

Ao iniciarmos o novo século das Missões, que seja sem temer as forças do mal, em paz com Deus, certos de Sua ajuda sempre presente ao longo do caminho. Virá um tempo de provas e de perseguições; será preciso atravessar águas profundas, mas que nossa fé viva em Jesus Cristo, nosso Senhor, seja mais profunda ainda.

Cordialmente,

CHARLES ROY HARPER

Relatório do Curso

José Manuel da Conceição

Para o ano de 1941

Tradução – Hope Gordon



O dia 13 de Novembro de 1941 encerrou o 14º ano académico do Curso JMC. Nas páginas que se seguem é nosso desejo dar uma imagem em palavras de nossa vida escolar. Primeiro, queremos dizer que somos agradecidos a Deus por mais um ano de vida e serviço, e pedimos que Ele aceite os esforços dos professores e estudantes, durante o ano, como oferta voluntária de nossa parte em benefício da causa de Cristo no Brasil.

A matrícula

O número de matriculados chegou a 103, ou oito a mais do que no ano passado, com 80 moços e 23 moças matriculados. Por várias razões perdemos 13 durante o ano. E 28 rapazes e 8 moças vieram para estudar conosco pela primeira vez.

Durante esses 14 anos de atividade, o Curso ofereceu a 325 jovens a oportunidade de estudar. Tivemos 254 moços e 71 moças. Dos 68 estudantes que se formaram, 44 já terminaram seus estudos teológicos, e o ano de 1942 verá ainda 16 nos seminários.

Os 325 podem ser classificados do seguinte modo:

90 presentes atualmente na turma de 1941
67 formados, antes de 1941
41 completaram os cursos que tinham em mente
127 saíram

325 no total

A quinta classe de 1941 tinha apenas um aluno, Felipe Manuel de Campos, da Igreja Cristã

Presbiteriana, e que tem planos de entrar no Seminário de Campinas no próximo ano.

O Corpo Estudantil representava os seguintes grupos eclesiais:

Igreja Cristã Presbiteriana	59
Igreja Presbiteriana Independente	26
Igreja Metodista do Brasil	12
Igreja Congregacional	4
Igreja Reformada Calvinista	1
Igreja 'Holiness'	1 . . . 103

Distribuição, segundo as classes, de estudantes que terminaram o ano: Homens e Mulheres.

Candidatos ao ministério

	Presb.	Pres. Ind.	Metod.	Congregs.
Classe: 1941 – 5º Ano	1			
1942 – 3º Ano	3			1
1943 – 3º Ano	3	3	1	1
1944 – 2º Ano	6	3	2	
1945 – 1º Ano	7	6	2	
1946 – Ano B	6	3	1	2
1947 – 1ª Série	5	2		
	<hr/> 31	<hr/> 17	<hr/> 6	<hr/> 5 = 59

Não candidatos (incluindo 19 moças)

	Presb.	Pres. Ind.	Metod.	Outros
Classe: 1943 – 3º ano	1		1	1
1944 – 2º ano		1		
1945 – 1º ano	6	1		1
1946 – B	8	1		
1947 – 1ª série	7	1	3	
	<hr/> 22	<hr/> 4	<hr/> 4	<hr/> 2 = 32/90

O corpo docente

Quatorze professores, incluindo o contador que ajudou com os livros de tesouraria, faziam parte do corpo docente deste ano. Dez eram brasileiros, os outros quatro norte-americanos. Nove homens, cinco mulheres. Dois novos professores estiveram conosco neste ano, Rev. Julio Camargo Nogueira, da Igreja Presbiteriana, e Fernando Buonaduce, que terminou seu curso no Seminário Metodista neste ano. D. Anna Rickli recebeu uma bolsa para o Scarritt College, Nashville, Tennessee, e viajou em setembro para um curso de especialização. Além desses, dois alunos ajudaram nos laboratórios e um estava encarregado das aulas de Desenho e Redação. Todos cooperaram com a máxima eficiência e boa vontade e foram inteiramente satisfatórios.

C. R. Harper, Grego e Hebraico.

João Euclides Pereira, Filosofia, Psicologia, Lógica, História da Filosofia.

Jessé W. Wyant, Ciências Cósmicas, Ciências Físicas e Naturais, Economia, Inglês.

Evelyn D. Harper, Música, Inglês.

Bárbara S. Wyant, Pedagogia.

Dario de Oliveira Bastos: Fisiologia, Ciências Físicas e Naturais, Trigonometria.

Anna Rickli, Álgebra, Português (1^{as} séries e turma B).

Eulália Alcântara Lima, Aritmética e História (1^{as} séries).

T. Henrique Maurer Júnior, Latin (II, III), Português (II, III), História (III), Literatura (V).

Isac Nicolau Salum: Latim (B, I), Português (I e 1^{as} séries, depois de D. Ana)

José Salum Vilela, Tesouraria.

Antonietta Leuba, Francês.

Fernando Buonaduce, Geografia, Geometria (I, II), Instrução Moral e Cívica e, no fim do ano, Álgebra.

Nomes de estudantes auxiliares

Gerson Meyer, assistente no laboratório de Química.

Sono Yuaça, assistente no laboratório de Física.

Naftaly Trindade, instrutor em Desenho e Redação.

Igrejas que cooperam

Conforme organizado atualmente, o JMC está prestando serviço a várias denominações bem como às Missões das Igrejas Presbiterianas do Sul e do Norte (USA). Duas Igrejas nacionais autônomas, a Presbiteriana Independente e a Congregacional, estão enviando seus estudantes a esta escola para receberem seu treinamento Pré-Teológico, além de manterem muitos no Curso Secundário.

Neste ano que passou, a Independente teve 18 estudantes no Curso Secundário e 3 no Curso Pré-Teológico. Estes 3 vieram só neste ano, tendo terminado seu curso ginásial em outras cidades.

Os Congregacionais têm 4 estudantes matriculados, 2 no primeiro estágio, 1 no Curso Geral, e 1 que veio só para o Curso Pré-Teológico. Outros virão no próximo ano.

Nossa contribuição à Igreja Cristã Presbiteriana está sendo dada conforme o acordo assinado em 1936, entre os representantes do JMC e da Assembléia Geral. Como está no acordo, o JMC tem o privilégio de treinar rapazes que, em razão da idade avançada ou por falta de recursos, não estão habilitados a cursar o ginásio oficial. Estes moços não só fazem seu curso secundário conosco, como também continuam, via de regra, fazendo nosso Curso Pré-teológico, entrando no Seminário em pé de igualdade com aqueles que fazem lá seus estudos pré-teológicos e terminam os estudos teológicos em três anos.

Por outro lado, aqueles que se formam em ginásios são mandados diretamente para Campinas por seus Presbitérios para os estudos Pré-Teológicos.

A Igreja Metodista está mantendo quatro estudantes no Curso Secundário.

As cooperativas

Este foi o segundo ano em que o cozinheiro, Sr. Ananias Paixão, serviu à Associação, satisfazendo a todos. Mais uma vez sua remuneração foi paga por D. Dulce Ferraz, amiga sincera da escola. Em 1942 ela está disposta a contribuir com a metade da despesa, ou seja,

100\$000 a cada mês. Espera-se que algum outro amigo dos estudantes pague a outra metade, para que essa despesa suplementar não se constitua em ônus para os próprios jovens.

Durante todo o ano, as moças e alguns dos professores, incluindo o Sr. Wyant, D. Anna, os Harpers e outros que estavam no campus na época, faziam suas refeições com os rapazes.

A Associação foi administrada por Gerson Meyer como presidente, e João Gomes como vice-presidente. Apesar da administração eficiente de sempre, foi necessário, pela segunda vez na história da escola, aumentar o orçamento para cada estudante. A razão disso foi dupla: 1) Aumento geral no custo de vida; 2) Necessidade de comprar lenha para cozinhar. Até aqui, a escola tinha podido fornecer lenha de seu arvoredo, sem cobrar, mas nos últimos dois ou três anos, o suprimento tem diminuído e a Associação tem sido forçada a comprar lenha. Neste ano foi necessário comprar uma parte ainda maior. Para cobrir esta despesa a Escola pagou 355\$000.

Alguns dos moços trabalharam em uma horta, contribuindo assim para o bem-estar da Associação.

A Sociedade Feminina, dirigida durante o primeiro semestre por Mercedes Rangel e no segundo por Maria Harma, teve uma administração igualmente boa, mas foi obrigada a aumentar suas cotas da mesma maneira que os rapazes.

Saúde

Somos agradecidos à Clínica de Saúde da “Associação Evangélica Beneficente”, que continua a prestar serviços aos estudantes quando solicitada. Além disso, desejamos agradecer de modo especial aos seguintes colaboradores, pelos serviços profissionais prestados aos estudantes: Dr. Seth Ferraz, Dr. Job Lane Junior, Dr. Cícero Jones; Dr. Artur Amaral Filho, oculista; Dr. Ialmar Castelo, Dr. José Verlangieri, Dr. Benedito Rodrigues e esposa, Dra. Olga Saraiva Salem, Dr. Áureo de Araújo, Dr. Daniel Salem, Dr. Sosthenes Martins.

Estes dentistas foram muito generosos em oferecer gratuitamente seus serviços, cobrando apenas pelos materiais.

A saúde coletiva dos estudantes foi muito satisfatória. Não houve epidemias. Os mosquitos não incomodaram tanto como em anos passados, embora fosse necessário dormir sob mosquiteiros.

Houve uma amigdalectomia e dois casos de hospitalização, um por extração de dentes, o outro por hemorragia resultante também de uma extração.

Dia do JMC – ex-alunos e visitantes

No dia 26 de outubro, pela quarta vez consecutiva, a Escola tornou-se hospedeira de seus amigos, quando entre 450 e 500 pessoas visitaram o campus. Um dos formados, Rev. Tércio Pereira, foi o orador visitante. Plataforma e bancos foram organizados ao ar livre para acomodar o grande número de pessoas. Todos trouxeram seus lanches para piquenique. Uns quarenta ex-alunos estavam presentes e fizeram uma reunião durante a tarde para escolher uma nova diretoria. Estes antigos alunos prometeram equipar um dos quartos da nova enfermaria. Uma programação literária e esportes preecheram o tempo da tarde.

Os clubes estudantis

O clube religioso (Grêmio “Miguel Torres”!) foi dirigido este ano por Hélio Cerqueira Leite, e deu uma ótima contribuição à vida espiritual da escola. Foi responsável pelas devocionais à noite, pela Escola Dominical e Equipes de Evangelização.

O clube literário (Grêmio “Castro Alves”), liderado por Abimael Lima, deu oportunidade para o desenvolvimento literário e forense de seus membros.

Caravana universitária de evangelização ou Equipes Gospel

Depois de encerrado o ano letivo, três grupos de jovens, constituindo as Equipes de Evangelização de 1941, saíram rumo a Minas Gerais, aonde foram para trabalhar nos campos de alguns pastores nacionais. Um grupo está

trabalhando no campo da “West Brasil Mission” com o Sr. Sloop, outro perto de Cabo Verde, outro ainda em Muzambinho e arredores. Este movimento começou em 1931 e tem continuado ininterruptamente desde então. Todo ano são recebidos convites dos pastores de grandes campos, pedindo que os moços viagem em suas regiões durante o mês de dezembro. O trabalho é sustentado por ofertas das Igrejas. Milhares de folhetos de Literatura Evangélica são distribuídos. Vários estudantes têm entrado no JMC por causa do trabalho dessas caravanas.

Coral a Capella

Qualquer estudante que queira tem o privilégio de cantar no Coral A Capella. O coral é composto de 65 vozes, e é dirigido por D. Evelina Harper. Em 19 de outubro apresentou um programa de músicas sacras com leituras bíblicas, pela Rádio Cultura de São Paulo. A meia-hora de programa, de 10 às 10:30, foi paga pelo Sr. José Camargo Ferraz.

Em 9 de novembro o Coro constituiu parte de um Coral de 160 vozes que, sob a liderança do Prof. Albert W. Ream, apresentou o segundo Festival Musical na Igreja Metodista em São Paulo. A grande igreja central estava completamente lotada.

Do coral maior da Escola, foi selecionado um grupo menor, conhecido como a *Caravana Musical Evangélica*, que tomou parte em mais de 40 cultos durante o ano, cantando em várias igrejas de S. Paulo, e visitando também igrejas em Sorocaba e Rio de Janeiro.

O Coro fez uma viagem ao Rio, capital federal, nas férias de junho, onde permaneceu por dez dias, apresentando 11 vezes um programa completo de música sacra em várias igrejas evangélicas, além de apresentar programas radiofônicos às 10:30 da noite, em dois domingos, pela “Voz Evangélica” e de cantar na reunião do Sínodo Central da Igreja Presbiteriana e na Conferência Regional das Senhoras Metodistas.

Antes de ir ao Rio, o Coro cantou na Rádio Cultura de S. Paulo, no dia 8 de junho às seis e

meia; também apresentou seu programa na Igreja Fellowship de S. Paulo, na Igreja Unida e na Terceira Igreja Presbiteriana Unida no Brás. No final do ano, o Coro foi à Campinas, a fim de participar das cerimônias de graduação do Seminário Teológico, no Teatro Municipal.

As despesas da viagem ao Rio foram cobertas por ofertas levantadas nas igrejas visitadas, juntamente com contribuições de amigos.

Consideramos o trabalho do Coral a Capella da maior importância. Não só treina os estudantes na apreciação da boa música, como também é um ótimo modo de pregar o Evangelho. Embora seja um método novo no Brasil, está tendo sucesso e apreciação. Além disso, tem o valor de tornar conhecida a escola, bem como seus ideais e necessidades, e muitas vezes é um instrumento, ao nos trazer novos estudantes.

Miscelânea

Duas máquinas de datilografia estiveram à disposição dos alunos que desejassem estudar datilografia.

Quinze alunos estudaram órgão sob a liderança da Sra. Harper.

Muitos tinham obrigações regulares de pregação e ensino bíblico aos domingos, tanto em São Paulo como nos subúrbios, assim ajudando na obra de várias igrejas e também adquirindo experiência prática.

Sociedade de amigos do JMC

O esforço de aumentar o número de amigos contribuintes não foi muito bem sucedido. Uns poucos foram acrescentados, e alguns antigos saíram, deixando o resultado de 206 membros, cujas contribuições prometidas chegavam a \$4:493,000. Durante o ano, 3:116.000 foram coletados pelo tesoureiro, dos quais 2:500.000 foram destinados às despesas gerais da Escola.

Durante as férias alguns estudantes estão fazendo um esforço especial para aumentar o número de pessoas de seu conhecimento na Sociedade. O trabalho realizado por esta Sociedade é digno do mais alto louvor.

Os Cultos

O culto diário estava a cargo dos professores. Nos domingos tivemos a colaboração do Rev. A. C. Salley, Prof. Isac Salum, Prof. Wyant e Sr. Harper. Ocasionalmente um visitante trouxe a mensagem, como o Rev. Wm. C. Kerr e o Rev. James Ellis.

Construções

Enfermaria. Através de algumas generosas doações recebidas foi possível construir uma pequena Enfermaria, de três cômodos e banheiro, suficiente para acomodar quatro ou cinco pacientes, além da enfermeira estudante.

Acréscimo ao Dormitório. No início do ano o acréscimo de três novos quartos e um banheiro ao dormitório feminino foi terminado, tornando possível acomodar 21 meninas.

Refeitório. A extremidade aberta do refeitório dos rapazes foi fechada com janelas com molduras de ferro, tornando o cômodo mais agradável no tempo frio ou chuvoso.

Cozinha. Durante as férias a cozinha foi reparada. O telhado foi erguido consideravelmente e novos caibros serrados de peroba substituíram as velhas madeiras da mata.

Desejamos registrar aqui nossa consideração pela forma eficiente com que o Sr. Wyant geriu a construção, os consertos e as benfeitorias.

Instalação de luzes elétricas

Pela bondade do Sr. Paulo Ferraz e esposa, em memória do seu pai Sr. José Henrique Ferraz, a escola recebeu um presente generoso de 19:200.000. Uns dezesseis contos desta oferta foram usados para fazer a tão desejada instalação de luz elétrica na escola. Foi necessário colocar nosso próprio sistema gerador. A instalação de um dínamo General Electric, de segunda-mão, provido de energia por um motor reconstruído de Chevrolet, que queima gás feito de carvão, foi conseguido pelo Sr. Hans van der Berg, Sr. Wyant e alguns estudantes. Somos especialmente agradecidos ao Sr. Hans van der Berg, que construiu o equipamento em Castro, Paraná, e o trouxe de caminhão, fazendo duas viagens a Jandira, e dando mais de dois meses

do seu tempo à escola, enquanto fez a instalação. Depois de quatorze anos de vida acadêmica, finalmente temos o privilégio de ver os estudantes usufruindo de luz elétrica em vez dos fumacentos lampiões de querosene.

O restante da oferta de dezenove contos foi usado em outros melhoramentos, tais como a compra de um novo motor para bombeamento de água, aquisição de livros para a biblioteca, melhor fechamento do refeitório, etc.

O Fundo Theophilo Calemi para bolsistas

Saldo de 1940		63.900
Recebido em 1941		<u>1: 433.900</u>
Aplicado em estudantes		
merecedores, 1941	1:150.600	
Saldo para 1942	<u>347.800</u>	
	1:497.800	1.497.800

Deste fundo, os estudantes seguintes, cuja média anual segue ao nome, foram auxiliados:

Gabriel Pires	89,6
Gentil Toledo	80,2
Raul Anacleto	93,5
Maria Harms	82,4
Caetano Leite	91,4
Sono Yuaça	86,6
Alcides Matos	85,5
Naftali Trindade	87,7
Benedito Mendonça	83,7

Fundo Médico Valério Silva

Saldo de 1940		365.100
Recebimentos em 1941		<u>1:449,000</u>
Valores empregados:		
Medicamentos para estudantes	180.600	
Serviços médicos	90.000	
Ambulatório (Clínica)	200.000	
Hospital Samaritano		
Estudantes A	105\$000	
B	111\$000	
C	100\$000	316.000
Auxílio p/ óculos de aluno	60.000	
Auxílio para comprar chapas dentárias	200.000	1:046\$600
Em prol de construção de Enfermaria	500.000	
	<u>267.500</u>	
Saldo para 1942		1:814.100

Dotação

A dotação foi aumentada por seis títulos do Estado de S. Paulo, seis contos, rendendo 8%. Fundos para isso vieram do Sr. H. C. Anderson, que deu um conto, da Sra. John Knox Hall, que mandou \$50.00 (1:025.000) e da provisão geral orçada. No presente momento a escola tem 13 contos em títulos, rendendo uma entrada anual total de 921.600. É altamente aconselhável aumentar esse fundo tão depressa quanto possível, a fim de garantir ao máximo a nossa receita.

Biblioteca

500\$000 da doação do Sr. Paulo Ferraz foram colocados à parte para novos livros para a biblioteca. Muitos livros novos foram comprados e alguns velhos foram reencadernados. Durante as férias, muito tarde para serem classificados este ano, recebemos uns 30 bons livros em português, que terão grande demanda no ano que vem. Foram presente de Miss Nancy Holt, de Porto Alegre.

Atualmente a Biblioteca tem 1122 obras, incluindo 1529 volumes. Em 15 anos perdemos 15 livros, só um livro por ano – que é um ótimo recorde.

Planos futuros

Do Plano de Cinco Pontos indicado no relatório de 1939, todos os itens exceto um já foram executados. Água ainda não foi colocada no Quarteirão Teixeira. Durante o ano, no entanto, o sistema de água foi muito melhorado. No lado Sul, outro poço foi aberto, ao lado do anterior. Em tempos de falta de água, ambos os poços estão disponíveis. Do lado Norte, o poço foi bastante aprofundado, revestido de tijolos e coberto. Não houve falta de água. Parte desses melhoramentos foi conseguida pelo recebimento de uma oferta anônima de um conto de réis.

Submetemos agora uma nova lista de necessidades:

A. Equipamento

1. Instalação de água no Quarteirão Teixeira (continuar).
2. De dois a cinco novos quartos no Quarteirão Teixeira.
3. Cercar o campo de basquete com arame pesado.
4. Colocar mesas menores para 8 a 10 pessoas no refeitório.
5. Nova casa para residência de professor (15:000,0000)
6. Outra sala de aula.
7. Bancos escolares com descanso de braço.
8. Banheiro com chuveiros para rapazes.
9. Microscópio e novo equipamento para laboratório.
10. Laboratório separado para Biologia e Fisiologia.
11. Togas para o Coro.
12. Plantio de um alqueire de eucalipto.
13. Prédio de capela separado para cultos.

Programa Administrativo

1. Aumentar o Fundo de Dotação para 50:000.000.
2. Aumentar o Fundo de Empréstimos a Estudantes para 15:000.000.
3. Aumentar o Fundo de Bolsas.
4. Aumentar o número de membros na Sociedade de Amigos do JMC, para que cinco contos sejam disponibilizados a cada ano para o orçamento.
5. Assegurar a ajuda financeira de todas as entidades cooperadoras.

East and West Brazil É um prazer informar que a East Brazil Mission pôde aumentar sua doação anual de \$200.00 para \$400.00, e que a West Brazil Mission está agora contribuindo

com \$100.00 ou 2:000.000 para o orçamento em cada ano. Isto representa um grande desafio na carga financeira levada por aqueles que estão na direção da escola.

Doações

Desejamos expressar a nossa gratidão pelas muitas ofertas recebidas durante o ano. Podem ser classificadas da seguinte forma:

De Entidades Cooperadoras	23:575.000
Doações para Fins Especiais	32:641.000
Contribuições regulares de indivíduos	2:905.000
Contribuições ocasionais de indivíduos	1:989.300
Doações Especiais	2:000.000
Contribuições da Sociedade de Amigos do JMC	2:500.000
Total	65:610.800

Que este relatório sirva para expressar nosso sincero agradecimento a todos os amigos por seu apoio leal para com a escola e por tornarem possível a continuação desta obra promissora.

Teremos prazer em receber doações em nome da Escola, quer sejam para algum propósito determinado, quer para a manutenção geral e melhoramentos do estabelecimento.

Quadro de honra

Os seguintes estudantes, com notas acima de 85, foram colocados no Quadro de Honra:

1. Severino Monteiro	94.13	6. Antonio Fernandes Vieira	91	10. Carlos Capilé	87.4
2. Aristeu Pires	94.12	7. José Ortenci	89.7	11. Teodoro José dos Santos	87.02
3. Raul Anacleto	93.5	8. Gabriel Pires	89.6	12. Sono Yuaça	86.8
4. Hélio Cerqueira Leite	91.8	9. Naftali Trindade	87.7	13. Alcides Matos	85.5
5. Caetano Leite	91.4				

Prêmios

A Sra. A. C. Salley ofereceu um prêmio de 100\$000 ao estudante que mostrasse o maior progresso durante o primeiro semestre. O corpo docente escolheu Alcides Matos, de Dourados, Mato Grosso, como o ganhador.

Outros prêmios foram dados pela Sociedade de Amigos como estímulo por bom trabalho. A lista abaixo indica os ganhadores.

Primeiro prêmio, 100\$000 para o estudante com as melhores notas. Severino Monteiro, Rio Verde, 94.13.

Segundo, Terceiro, Quarto, Quinto prêmios de 50\$000 cada, aos que tiveram média acima de 90. Aristeu Pires, 94.12; Raul Anacleto, 93.5; Hélio Cerqueira Leite, 91.8; Caetano Leite 91.4.

Sexto e Sétimo prêmios de 50\$000 cada, aos dois estudantes dos três primeiros anos que tiveram o maior progresso durante o ano. Alcides Matos e Eliseu Gonçalves Vieira.

Oitavo e Nono prêmios de 50\$000 cada, aos dois que tiveram o menor número de faltas e que foram mais pontuais: Valder Steffen, sem nenhuma ausência, e Domingos Hidalgo, com apenas 3.

Receita 1941	Despesas 1941
Saldo de 1940:1:605.000 1:605.000	Ensino
Contribuições de	Curso Geral, Viagem e
Entidades Cooperadoras	Aposentadoria 20:067.000
Missão Central do Brasil 15: 200.000	Curso Ginásial, 1º. Ano 6:500.000
Missão do Leste do Brasil 3:275.000	Ano Preliminar 5:335.000
Missão do Oeste do Brasil 1:500.000	Auxílio especial para
Igreja Presbiteriana	um professor 1:800.000 34:102.000
Cristã (USA) 3:600.000 23:575.000	Escritório
Contribuições Regulares	Material, apoio à secretaria,
Igreja Fellowship de S. Paulo 1:000.000	guarda-livros, e selos 4. 471;600
Sociedade de Amigos do JMC 2:500.000	Manutenção da propriedade
Oferta para ajudar no	Árvores 1:022.500
sustento de um professor 1.800.000	Cercas 193.290
Contribuições mensais 2:960.000 8:260.000	Reparos e melhoramentos 467.200
Taxas e Ensino	Ferramentas 147.500
Taxas de giz e papel 485.000	Limpeza 540.900 2;371;300
1º. Ano do Ginásio 5:047.600	Despesas Gerais
Segundo Ano Preliminar 6:582.700	Jornal Diário 93.000
Saldo de Crédito das	Biblioteca 536.900
Taxas de Dormitório Fem. 262.200	Dormitório das moças 575.000
Saldo de Crédito de	Datilografia 234.800
Taxas de Laboratório 436.300	Miscelânea 610.200
Taxas de Datilografia 345.000 13:158.800	Equipamento 382.100
Entrada de Dotação	Taxas 151.200
Saldo de crédito de	Prospectos 198.000
rendimentos de títulos,	Tocar o sino nos horários
descontando outras	de aula 200.000
obrigações de juros 532.500	Dia do JMC 89.000 3:070.200
Doações para Fins Especiais	Despesas Especiais
Para Construção e	Construção e Instalações:
Melhoramentos:	Instalações sanitárias
De Sr. Paulo Ferraz,	para escritório: 774.300
em memória de	Restante p/ ampliação do
Sr. José Henrique Ferraz 19:200.000	dormitório fem. 792.800
Da Sociedade Feminina da	Cozinha e refeitório 4:241.500
Igreja Unida 430.000	Enfermaria 6:068.400
Vários outros 147.100	Instalação de eletricidade 16:139.500
De vários para Enfermaria 3:408.300	Motor para bomba de água 2:015.000
Anônimos, para instalação	Melhoramento no
da água 1,000.000 24:185.400	sistema de água 1:000.000 31.031.500
Da Sociedade de Amigos	Débito do balancete da
do JMC para Prêmios 500.000	viagem do Coral 376.500
Da Sra. A. C. Salley	Prêmios para os estudantes 600.000
para prêmios 100.000	Mobília para o quarto
Do Rev. H. C. Anderson	de visitantes 531,800
para Dotação 1:000.000 1.000.000	Doação ao Idealista 200.000
Para Quarto de Hóspedes,	Ajuda à Associação
móveis 526.800 526.800 26:312.200	dos rapazes para
Déficit 2:865.900	comprar madeira 355,000
Total 78:238.900	Variosos expenses 1:129.000 34:223.800
	Total 78:238.900

Relação do corpo estudantil de 1941, com local de nascimento e residência

P – Presbiteriano	M – Metodista	I – Presbiteriano Independente	C – Congregacional
5º Ano		Quantidade na Classe	
1. Felipe Manuel de Campos, P.		Laranjal, São Paulo	1
4º Ano			
2. Gerson Meyer, P.		Muzambinho, Minas	
3. Abmael Monteiro de Lima, P.		Bonfim, Bahia	
4. Humberto L. Reyes, P.		Ovalle, Chile	
5. Isaar Carlos de Camargo, I.		Sorocaba, São Paulo	
6. Abdias D'Ávila, C.		Rio de Janeiro	5
3º Ano		Quantidade na Classe	
7. Aristeu de Oliveira Pires, P.		Mundo Novo, Bahia	
8. Giovannangelo Rizzo, C.		Petrópolis, Rio de Janeiro	
9. Hélio Cerqueira Leite, P.		Brotas, S. Paulo	
10. Caetano Abreu Leite, P.		Rio de Contas, Bahia	
11. Adão Rufino Ribeiro, M.		Olímpia, S. Paulo	
12. Sono Yuaça, M.		Japão, S. Paulo	
13. Ciro Machado, I.		Botucatu, S. Paulo	
14. Antonieta Leuba, M.		New York, Niterói, Rio de Janeiro	
15. Daniel Vieira Ramos, I.		Agudos, S. Paulo	
16. Alaíde Camargo Borba, P.		Campo Grande, Mato Grosso	10
2º Ano		Quantidade na Classe	
17. Emiliano Gonçalves Guimarães, P.		Pirituba, Bahia	
18. Andrelino Dias da Silva, I.		Itajubá, S. Paulo	
19. Marcelino Pires de Carvalho, P.		Dourados, Mato Grosso	
20. Nerino Pires de Carvalho, P.		Dourados, Mato Grosso	
21. Wilson Gonçalves Salum, I.		Alpinópolis, Minas	
22. Jair Ribeiro de Melo, I		Ipê, S. Paulo	
23. Naftali Trindade, M.		Miguelópolis, S. Paulo	
24. Miltão de Almeida Leitão, P.		Cantiatinho, Pernambuco	
25. Eliseu Narciso, P.		Sorocaba, S. Paulo	
26. Jorge Vicente da Silva, M.		Capital, S. Paulo.	
27. Breno Frederico de Oliveira, P.		Barretos, S. Paulo	
28. Ambrosino Franco de Oliveira, P.		Serra do Cafezal, Goiás	12

1º Ano	Quantidade na Classe
29. Paulo de Almeida, I.	Tatuí, S. Paulo
30. João de Souza Gomes, P.	Rio Verde, Goiás
31. Herculano Almeida Sampaio Júnior	Londrina, Paraná
32. Isac Silvério, P.	Nepomuceno, Minas
33. Alberto Schützer, P.	Carmo de Paranaíba, Minas
34. João de Almeida, P.	Cruz das Almas, S. Paulo
35. Adelino Moreira, M.	Uberlândia, Minas
36. Alberto Schutzer, P.	São Carlos, S. Paulo
37. Domingos Rodrigues Hidalgo, P.	Bernardino do Campo, S. Paulo
38. Francisco Ferreira de Souza, I.	Serra do Cafezal, Goiás
39. Otília Montijo, P.	Cavalcante, Goiás
40. Kinzo Uchida, M.	Saitawa, Japão
41. Raul Anacleto, I.	Nova Rezende, Minas
42. José Ortenci, I.	Pirajuí, São Paulo
43. Odorica Bandeira, P.	Cavalcante, Goiás
44. Daura de Oliveira, I.	Iepê, S. Paulo
45. Rhoda Murbach, P.	Bauru, S. Paulo
46. Moisés Rodrigues, P.	Riachuelo, R. de Janeiro
47. Maria Harma, R.	Carambeí, Paraná
48. Ifigênia Carvalho, P.	Sta. Maria da Vitória, Bahia
49. Eli Amaral Camargo,	Capital, S. Paulo
50. Lia Ferreira de Souza, P.	Cocos, Bahia
51. Domingos Jacó Hessel, P.	Tatuí, S. Paulo
	23

Ano B	Quantidade na Classe
52. Valdir Faria, P.	Londrina, Paraná
53. Benedita Zacarelli, P.	São Carlos, S. Paulo
54. José Lima, P.	Londrina, Paraná
55. Gabriel Pires, P.	Uberlândia, Minas
56. Ângelo de Oliveira Santos, P.	Uberlândia, Minas
57. Egídio Ravagnani, I.	Bauru, S. Paulo
58. Calvino Rodrigues, P.	Iepê, S. Paulo
59. Teotônio de Souza França, C.	Anápolis, Goiás
60. Gentil Toledo, P.	Tietê, S. Paulo
61. Alderico Souza, P.	Carmo de Paranaíba, Minas
62. Francisco Silva, P.	Belo Jardim, Pernambuco
63. Taisuke Sakuma, P.	Yamaguti, Japão
64. Zenith Barbosa Camos, P.	Camanducaia, Minas
65. Mercedes Rangel, I.	Cruzeiro, S. Paulo
66. Celso Coelho Ferraz, I.	Assis, S. Paulo
67. Valder Steffan, P.	Capital, S. Paulo
68. Carlos Capilé, P.	Dourados, Mato Grosso

Ano B	Quantidade na Classe
69. Teodoro Capilé, P.	Dourados, Mato Grosso
70. Teodoro José dos Santos, C.	Rio de Janeiro
71. Jacira Villon, P.	Rio de Janeiro
72. Atail Pulino, I.	Bebedouro, S. Paulo
	21

Primeira série	Quantidade na Classe
73. Elias Cruz, P.	Parnaíba, S. Paulo
74. Geraldo Gomes de Souza, P.	Rio Verde, Goiás
75. Severino Gomes Monteiro, P.	Rio Verde, Goiás
76. Alcides Augusto de Matos, P.	Dourados, Mato Grosso
77. Osaël Bastos Martins, P.	Mundo Novo, Bahia
78. Noemi Menezes, M.	Capital, S. Paulo
79. Eliseu Vieira Gonçalves, I.	Sertanópolis, Paraná
80. Benedito Furtado de Mendonça, P.	Porto Feliz, São Paulo
81. Antonio Vieira Fernandes, P.	Assis, S. Paulo
82. Jalmira de Oliveira Santana, P.	Sta. Maria da Vitória, Bahia
83. Joaquim Ferreira Pires, P.	Barretos, S. Paulo
84. Altair de Oliveira Bastos, I.	Iepê, S. Paulo
85. Hanako Yamamoto, M.	Japão
86. Celso Gomes Barbosa, P.	Bernardino de Campos, S. Paulo
87. Palmiro Francisco Andrade, I.	Biguassú, Sta. Catarina
88. Elias Gonçalves Campanhã, P.	Jaú, S. Paulo
89. Célia dos Reis, M.	Capital, S. Paulo
90. Ivone Barbosa Campos, P.	Camanducaia, Minas
	<u>18</u>
	Total 90

Os que se retiraram durante o ano	Quantidade na Classe
1. Tito Campos	Buritano, S. Paulo
2. Cid de Melo	Dourados, Mato Grosso
3. José Moreira da Silva	Morretes, Paraná
4. Marina Walsh	Dois Córregos, S. Paulo
5. Harold Boaventura	Guarandaia, Minas
6. Isa Faria	Alto Jequitibá, Minas
7. Nabukaso Yamamoto	Osaka, Japão
8. José Inocêncio Lima	Campeira, Goiás
9. Rubens Ribeiro	Alpinópolis, Minas
10. Zélia Amaral Camargo	Porangaba, S. Paulo
11. Salim Elias	Fernando Prestes, S. Paulo
12. William Barbosa	S. João da Boa Vista, S. Paulo
13. Susana Camião	Pinhal, S. Paulo
	<u>13</u>
	Total 103

Lista dos Formados do JMC

Classe de 1929		Número na Classe
1. Adolfo Machado Correia, I.	Pastor	
2. Eduardo Pereira de Magalhães, I.	Pastor	
3. Fernando Nanni*, P.	Pastor	
4. Martinho Rickli, P.		
5. Paulo Braga Mury, P.	Obreiro leigo	5
Classe de 1932		
6. Luiz Pereira de Lago, I.	Obreiro leigo	
7. Paulo Fontes de Araújo, P.	Pastor	
8. Teófilo Calemi*, I.		
9. Valério Manoel da Silva*, P.	Pastor	
10. Francisco Alves, P.	Pastor	
11. João Euclides Pereira, I.	Professor	
12. João Rodrigues Bicas, I.	Professor	
13. João Constantino Ramos, P.	Professor	
14. Yutaca Ohara, P.	Professor	9
Classe de 1933		Número na Classe
15. Dario de Oliveira Bastos, P.	Professor	
16. Eudes Ferrer, P.	Pastor	
17. Myron H. Anderson, P.	Dentista	
18. Onésimo Augusto Pereira, I.	Pastor	
19. Tércio Pereira Moraes, I.	Pastor	
20. Wilson Fernandes da Silva, P.	Pastor	
21. Américo Justino Ribeiro, P.	Pastor	
22. Pedro Rodrigues de Jesús*, P.		8
Classe de 1934		Número na Classe
23. Cesarina Xavier Pinto, I.	Missionária	
24. Davi Azevedo, P.	Pastor	
25. Jorge César Mota, P.	Pastor	
26. Ernesto Alves Filho, P.		
27. Erintos de Carvalho, I.	Pastor	
28. Jócio Caldeira de Andrade, I.		
29. Jorge César Mota, P.	Pastor	
30. Donato Demétrio Soares de Assis, P.		
31. Valter Ermel, I.	Pastor	9

Classe de 1935		Número na Classe
32. João Rangel Simões, P.	Pastor	1
Classe de 1936		Número na Classe
33. Donato Demétrio Soares de Assis, P.	Pastor	4
34. Orestes F. Nogueira, P.	Pastor	
35. Sherlock Nogueira, I.	Pastor	
36. Silas Dias, I.	Pastor	
Classe de 1937		Número na Classe
37. Abimael Campos Vieira, P.	Pastor	10
38. Alceu Moreira Pinto, I.	Seminário	
39. Fernando Buonaduce, M.	Professor	
40. José Salum Vilela, I.	Professor	
41. Lázaro Manoel Camargo, P.	Pastor	
42. Lutero Cintra Damião, I.	Pastor	
43. Orlando Andrade, P.	Pastor	
44. Renato Fiúza Teles, P.	Pastor	
45. Geraldo Boamorte, P.	Pastor	
46. Isac Nicolau Salum	Professor	
Classe de 1938		Número na Classe
47. Domiciano de Macedo, P.	A ser ordenado	8
48. Domício Pereira de Matos, I.	A ser ordenado	
49. João Bernardes da Silva, I.	A ser ordenado	
50. Lauro Rodrigues de Oliveira, I.	A ser ordenado	
51. Mário Barbosa Gomes, P.	A ser ordenado	
52. Oscar Chaves, P.	A ser ordenado	
53. Rubens Cintra Damião, I.	A ser ordenado	
54. Wilson Castro Ferreira, P.	Seminário	
Classe de 1939		Número na Classe
55. Aduino Araújo Dourado, P.	Seminário	8
56. Álvaro Simões, I.	Seminário	
57. Jorge Pinto, I.	Seminário	
58. Josué França, P.	Seminário	
59. Luiz Rodrigues, P.	Seminário	
60. Milton Ribeiro, P.	Seminário	
61. Sebastião Tilman, P.	Seminário	
62. Valdir Luz, P.	Seminário	

Classe de 1940		Número na Classe
63. Alfredo Stein, P.		
64. Joaquim Mourão, P.	Seminário	
65. Luiz Boaventura, P.	Seminário	
66. Oton Guanaes Dourado, P.	Seminário	
67. Rui Anacleto, I.	Seminário	8
	Seminário	

Classe de 1941		Número na Classe
68. Felipe Manoel de Campos, P.	Seminário	<u>1</u> 68
Resumé: Formados:	Presbiterianos	40
	Presbiterianos Independentes	27
	Metodista	<u>1</u> = 68
Ministros ordenados	Presbiterianos	19
	Presbiterianos Independentes	<u>12</u> = 31
Professores a serem em breve ordenados	Presbiterianos	3
	Presbiterianos Independentes	<u>4</u> = 7
Nos seminários	Presbiterianos	13
	Presbiterianos Independentes	<u>3</u> = 16
Outras Carreiras		<u>10</u>
	Total	68

Somos muito agradecidos pelo privilégio que o JMC tem em contribuir com a causa de Cristo no Brasil. Possa Deus continuar a aceitar e abençoar este esforço.

C. ROY HARPER – Diretor
Em 1941

Prospectos

1928 – 1966

1928

Curso Universitário José Manuel da Conceição

1929

Curso Universitário José Manuel da Conceição

1936

Curso Universitário José Manuel da Conceição

1938

Curso Universitário José Manuel da Conceição

1960

Instituto José Manuel da Conceição

1966

Instituto José Manuel da Conceição

CURSO UNIVERSITARIO

“JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO”

A Igreja Evangelica no Brasil recebeu grande sympathia o annuncio deste Curso, e já foi approvado pela Assembléa Geral da Presbyteriana e por muitos dos mais amigos do ensino. Circumstancias imprevisíveis tornaram physicamente impossivel abrir as aulas em julho de 1927 e pareceu melhor adiar a inauguração até o anno de 1928.

Na organização do Curso, cujo nome guarda em lembrança a benção que Deus concedeu á Igreja no Brasil, na pessoa do primeiro Brasileiro ordenado ao ministerio sagrado, é o proposito da Missão e do Mackenzie College pôr os seus recursos ao dispor da Igreja de Christo no Brasil para fazer um estabelecimento que será verdadeira nacional.

O Mackenzie possui uma propriedade, utilizada somente tres semanas no anno, propria para uma escola do typo proposto. Pareceu bem, portanto, este talento em serviço para o bem geral da Igreja. Os organizadores não darão á experiencia que a organização formal convidando em termos como convidarão formal e directamente, a comunidade.



n inteira e plena s
ões que possam ter interesse
operadores effectivos chegarem a um
permita a incorporação do estabelecimento em pessoa
juridica, poderá ser determinada a organização
e a Missão se eliminará logo que o apoio de
nacionais o permitir. A relação continuada
kenzie College terá que ser determinada pelos
cooperadores. Assim, por meio deste arranjo
procuramos conciliar o auxilio que os dois
res podem prestar á nacionalização completa
o estabelecimento.

A experiencia universal demonstra que o curso
adequado para aquellos que se destinam ás pro-
fessões liberaes é um unico até o fim de nove annos
estudo sério; isto é, até o fim do terceiro anno
gymnasial. Completado este estudo fundamental,
estudo de toda a erudição humana, os peritos unan-
imemente recommendam a differenciação dos es-
tudos, conforme a carreira visada pelo alumno. O
Curso Universitario utilizará os dois annos restantes
do periodo gymnasial, e os dois annos de estudo
philosophico com tanta razão exigidos pelos semi-
narios brasileiros, para um curso que contempla
especialmente as necessidades dos aspirantes ao mi-
nisterio ou ao ensino superior das humanidades.
tanto não augmenta o tempo de estudo acima
já determinado pelas diversas corporações
do assumpto, mas procura dirigir o es-
tudo directamente á méta collimada. Evita as

materias que necessariamente envolvem inferencias
theologicas; e. g. não include a lingua hebraica, visto
que o ensino dessa lingua envolve necessariamente
certos preconceitos quanto ao Velho Testamento; po-
rém abrange as materias que devem anteceder o
estudo de Theologia, de fal forma correlacionadas,
que desenvolvam no estudante a cultura intellectual
necessaria para a comprehensão adequada das ma-
terias importantissimas do curso superior.

REQUISITOS PARA A MATRICULA

Todo o pretendente deve apresentar provas de
idoneidade moral, physica e intellectual. Para as
primeiras servirá apresentação neste sentido pelo
seu pastor e o director da escola onde estudou, ou
documentos equivalentes. Para a ultima exige-se,
para a matricula no primeiro anno, o certificado de
ter completado o 3.º anno Gymnasial ou o 2.º anno
de Preparatorios do programma da Federação Uni-
versitaria Evangelica, ou exames que revelem pre-
paro igual. O accesso aos annos superiores é per-
mittido mediante equivalencia de preparo.

Moços, com dezoito annos pelo menos de idade,
e preparo que não combina com o curso das Escolas
da Federação, serão acceitos para preparar-se para
a matricula, caso o estudo necessario não exceda a
um anno.

PROGRAMMA DO CURSO

Os numeros abaixo representam o numero de aulas por semana dadas á materia indicada.

1.º Anno:	Portuguez — Literatura Classica e revisão de Grammatica	3
	Latim — Cezar e Quintiliano	3
	Grego — Lições elementares	3
	Inglez —	2
	Algebra —	4
	Quimica — sendo uma de laboratorio	2
	Physica — sendo uma de laboratorio	3
2.º Anno:	Portuguez — Historia da literatura e Gram. Historica	3
	Latim — Quintiliano e Virgilio	3
	Grego — Xenophonte	3
	Geometria — (1 sem.)	3
	Trigonometria — (1 sem.)	3
	Chimica — sendo uma de laboratorio	3
	Physica — sendo uma de laboratorio	2
	Biologia —	3
3.º Anno:	Portuguez — Biblia, Redacção e Oratoria	3
	Latim — Patristica	3
	Grego — Trechos Classicos	3
	Physiologia —	2
	Philosophia — Logica e Psychologia	3
	Historia — Antiga, Romana e Medieval	3
	Sociologia — Economia Politica e Sociologia	3
4.º Anno:	Portuguez — Historia de Literatura Universal — Biblia — Redacção e Oratoria	3
	Grego — Novo Testamento	3
	Sciencias Cosmicas —	5
	Philosophia (1 sem.)	3
	Historia de Philosophia — (1 sem.)	3
	Historia Moderna e do Brazil	3
	Sociologia e Politica Social —	3

Linguas 43 3/4%, Math. e Sciencias 33 3/4%,
Materias Philosophicas 22 1/2%.

Cursos especiaes de Inglez serão organizados com o fim de preparar todos os estudantes para usarem essa lingua para fins de estudo.

Cursos de pedagogia de dois typos serão organizados:

- 1) um curso para habilitar aquelles que pretendem dedicar-se ao ministerio;
- 2) um curso mais especializado para preparar lentes das materias do curso.

Instrucção em musica, canto individual e em côro, será dada a todos os estudantes. Aquelles, cujo trabalho em outros departamentos permita gastar o tempo necessario, será permittido estudo mais desenvolvido.

Havendo pretendentes a cursos especiaes para a preparação de obreiros em educação religiosa e serviço social, taes cursos serão organizados, utilizando materias do curso fundamental e as mais que o fim desejado exigir.

Durante o periodo de organização haverá os seguintes cursos especiaes, organizados de tal maneira que seus formados possam matricular-se nos seminarios theologicos: 1) de um anno para estudantes que já completaram o 1.º anno do Curso de Philosophia annexo a um Seminario Theologico; 2) de dois annos para os formados dos gymnasios seridos (curso de 5 annos); 3) de tres annos para

portadores dos certificados do 3.º anno gymnasial. Os cursos 1) e 3) funcionarão unicamente com as turmas que se matricularem no anno de 1928. O curso 2), pelo menos com as turmas matriculadas em 1928 e 1929.

CALENDARIO

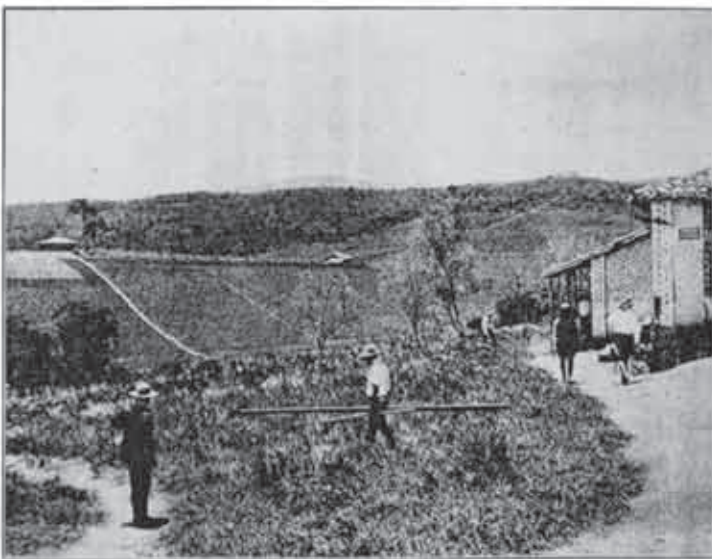
Matricula até o dia 8 de Fevereiro de 1928.
Exames vestibulares nos dias 6 e 7 de Fevereiro.
Abertura das aulas 8 de Fevereiro de 1928.
Encerramento do 1.º Semestre 22 de Junho de 1928.
Abertura do 2.º Semestre 9 de Julho de 1928.
Encerramento e entrega de diplomas. 14 de Novembro de 1928.

Pretendentes a qualquer anno do Curso deverão escrever com bastante antecedencia ao Director, Rev. Dr. W. A. Waddell, Baruary, Estado de São Paulo, expondo detalhadamente o curso de estudos já feito.

DESPEZAS

A collaboração das associações protectoras permite que o ensino e casa sejam sem onus para os estudantes, ficando as despesas pessoasas: mobilia, mesa, vestuario, lavagem de roupa, livros, material escolar, etc., por conta delles.

A mobilia, a que se refere o paragrapho antecedente, poderá ser comprada em seu conjuncto na



J. M. C.

CONDIÇÕES ESPECIAES PARA FAMILIAS

Aos casaes forneceremos pelo aluguel de 50\$000 (sem fogão) um apartamento de saleta, saleta de jantar, quarto e cozinha. - Tem direito de occupal-o desde 1.º de Fevereiro até 15 de Novembro inclusive, sendo a ultima data improrogavel. - Tratarão dos seus proprios affazeres domesticos.

Casaes sem filhos podem, se preferiram, occupar um apartamento de saleta e quarto fazendo parte quanto aos serviços, as refeições e despesas, elle da Associação dos Moços, ella do Gremio das Moças.

Aluguel 20\$000 nas condições supra.

— 7 —

propria séde do Curso pela quantia de cento e vinte mil réis (120\$000), e constará das seguintes peças:

Cama de vento de lona, com colchão.

Jogo de lavatorio, de ferro, bacia, jarro e balde.

Cadeira reforçada.

Mesa de 100 x 60, com uma gaveta.

Lampeão de parede.

Propõe-se a organização de um Gremio Cooperativo entre os estudantes para fazer face ás despesas de mesa. Terrenos de boa qualidade para lavoura serão postos á disposição do Gremio, junto com um núcleo de aves e animaes domesticos, cujo cuidado e lucros conseguidos tocarão aos estudantes.

Cada estudante, no inicio do semestre, entrará com a quantia de 300\$000 para o fundo geral. Deste far-se-ão os gastos para o alimento. Entrando do trabalho dos estudantes, cereaes, verduras, ovos, galinhas, leite, etc., reduzir-se-ão os gastos geraes. Na entrada do novo semestre só será necessario cada um completar o que faltar para perfazer a quantia de 300\$000. Tudo dependerá da boa energia da collectividade.

Com boa administração por parte do Gremio, será possivel diminuir immediata e sensivelmente as despesas de mesa e eventualmente eliminal-as.

— 8 —

SÉDE

O curso funcçionará no acampamento de Engenharia do Mackenzie College, situado na parada Km. 32 da Linha Sorocabana, quatro kilometros alén da estação de Baruary. *Endereço postal* — Baruary, Linha Sorocabana, S. Paulo. *Endereço telegraphico* — Acampamento, Baruary.

Os trens da Sorocabana que sahem de S. Paulo ás 9, e 16 horas, param no Km. 32. Compra-se passagem para *Cotia* e avisa-se ao chefe do trem sobre o destino. Trens do Km. 32 para S. Paulo ás 8.47 e 16.26.



1929

CURSO UNIVERSITARIO
“JOSE’ MANOEL DA CONCEIÇÃO”
HISTORICO DE 1928

Abriram-se as aulas do Curso no dia 8 de Fevereiro de 1928, sendo a assistencia no primeiro semestre de 10 moços. Encerrou-se o semestre em 20 de Junho. Em 28 de Junho houve abertura das aulas do segundo semestre com 11 moços, sendo 4 do 1.º, 2 do segundo e 5 do 3.º annos.

Durante o anno diversos estudantes tem auxiliado no trabalho de igrejas paulistanas e todos em trabalhos evangelicos na vizinhança ou em logares na Linha Sorocabana.

1

— 2 —

ORGANISAÇÃO

Na organização do Curso, cujo nome guardará em lembrança a benção que Deus concedeu á sua Igreja no Brasil, na pessoa do primeiro Brasileiro ordenado ao ministerio sagrado, é o proposito da Missão e do Mackenzie College pôr os seus recursos ao dispôr da Igreja de Christo no Brasil para fundar um estabelecimento que será verdadeiramente nacional.

O Mackenzie possui, uma propriedade, utilizada sómente tres semanas no anno, propria para uma escola do typo proposto. Pareceu bem, por tanto, pôr este talento em serviço para o bem geral da Causa. Os organisadores não darão á experiencia qualquer organização formal, convidando em termos geraes, como convidaram formal e directamente, a cooperação em inteira e plena sociedade, das diversas corporações que possam ter interesse no caso. Quando os cooperadores effectivos chegarem a um numero que permitta a incorporação do estabelecimento em pessoa juridica, poderá ser determinada a organização formal, e a Missão se eliminará logo que o apoio de socios nacionaes o permittir. A relação continuada do Mackenzie College terá que ser determinada pelos demais cooperadores. Assim, por meio deste arranjo flexivel, procuramos conciliar o auxilio que os dois fundadores pôdem prestar á nacionalisação completa do novo estabelecimento.



Residencia de Lentes e Casa de Inquilino
Horta do Gremio ao pé do Morro



O GREMIO

2

A experiencia universal demonstra que o curso propedeutico para aquelles que se destinam ás profissões liberaes é um unico até o fim de nove annos de estudo sério; isto é, até o fim do terceiro anno gymnasial. Completado este estudo fundamental, lastro de toda a erudição humana, os peritos unanimemente recommendam a differenciação dos estudos, conforme a carreira visada pelo alumno. O Curso Universitario utilizará os dois annos restantes do periodo gymnasial, e os dois annos de estudo philosophico com tanta razão exigidos pelos seminarios brasileiros, para um curso que contempla especialmente as necessidades dos aspirantes ao ministerio ou ao ensino superior das humanidades. Portanto não augmenta o tempo de estudo acima do prazo já determinado pelas diversas corporações que tratam do assumpto, mas procura dirigir o esforço mais directamente á méta collocada.

Abrange as materias que devem anteceder o estudo de Theologia, incluindo, a pedido de partes interessadas, a lingua Hebraica, de tal forma correlacionadas, que desenvolvam no estudante a cultura intellectual necessaria para a comprehensão adequada das materias importantissimas do curso superior.

REQUISITOS PARA A MATRICULA

Todo o pretendente deve apresentar provas de idoneidade moral, physica e intellectual. Para as primeiras servirá apresentação neste sentido

pelo seu pastor e o director da escola onde estudou, ou documentos equivalentes. Para a ultima exige-se, para a matricula no primeiro anno, o certificado de ter completado o 3.º anno Gymnasial ou o 2.º anno de Preparatorios do programma da Federação Universitaria Evangelica, ou exames que revelem preparo igual. O accesso aos annos superiores é permittido mediante equivalencia de preparo.

Moços, com dezoito annos pelo menos de idade, e preparo que não combina com o curso das Escolas da Federação, serão aceitos para preparar-se para a matricula, caso o estudo necessario não exceda a um anno.

PROGRAMMA DO CURSO

Os numeros abaixo representam o numero de aulas por semana dadas á materia indicada.

- 1.º Anno: Portuguez — Literatura Classica e revisão de Grammatica 3
 Latim — Cezar e Virgilio 3
 Grego — Lições elementares 3
 Inglez — 2
 Algebra e Geometria 4
 Chimica — sendo uma de laboratorio 2
 Physica — sendo uma de laboratorio 3
- 2.º Anno: Portuguez — Historia da Literatura, Gram. Historica, Redacção e Oratoria 4
 Latim — Virgilio e Quintiliano 2
 Grego — Xenophonte 3

- Geometria e Trigonometria 3
 Chimica — sendo uma de laboratorio 3
 Physica — sendo uma de laboratorio 2
 Biologia — 3
- 3.º Anno: Portuguez — Biblia, Redacção e Oratoria 2
 Latim — Quintiliano e Patristica 4
 Grego — Trechos Classicos 3
 Physiologia — 2
 Psychologia e Logica 3
 Historia — Antiga, Romana e Medieval 3
 Economia Politica e Sociologia 3
 Pedagogia 1
- 4.º Anno: Portuguez — Historia de Literatura Universal—Biblia—Redacção e Oratoria 2
 Grego — Novo Testamento 3
 Hebraico 4
 Sciencias Cosmicas — 4
 Philosophia e Hist. de Philosophia 3
 Historia Moderna e do Brasil 2
 Sociologia e Politica Social — 2
 Pedagogia s 1

Linguas 47½%, Math. e Sciencias 32½%
 Materias Philosophicas 20%.

Cursos especiaes de Inglez serão organizados com o fim de preparar todos os estudantes para usarem essa lingua para fins de estudo.

Instrução, em musica, canto individual e em côro, será dada a todos os estudantes. Aquelles,

cujo trabalho em outros departamentos permita gastar o tempo necessario, será permittido estudo mais desenvolvido.

Havendo pretendentes a cursos especiaes para a preparação de obreiros em educação religiosa e serviço social, ou de lentes das materias do curso, taes cursos serão organizados, utilizando materias do curso fundamental e as mais que o fim desejado exigir.

Durante o periodo de organização haverá o seguinte curso especial, principiando com o 3.º anno e limitado aos formados dos Gymnasios seriados ou os que apresentarem preparo equivalente.

3.º Anno Especial

Portuguez e Latim 3.º anno	6
Grego conforme o preparo	3
Logica e Psychologia 3.º anno	3
Historia da Civilização, materia deste curso	3
Econ. P. e Soc. 3.º anno	3
Pedagogia	1
Classe especial em Inglez se preciso fôr.	

4.º Anno Especial

Portuguez, Grego, Hebraico 4.º anno	9
Grego, para dar maior facilidade	3
Sciencias Cosmicas 4.º anno	4
Philosophia e Hist. Ph. 4.º anno	3
Sociologia 4.º anno	2
Pedagogia 4.º anno	1

CALENDARIO

Matricula até o dia 1 de Fevereiro de 1929
Exames vestibulares nos dias 30 e 31 de Janeiro.
Abertura das aulas 1 de Fevereiro de 1929.
Encerramento do 1.º Semestre 20 de Junho de 1929.
Abertura do 2.º Semestre 28 de Junho de 1929.
Encerramento e entrega de diplomas. 14 de Novembro de 1929.

Pretendentes a qualquer anno do Curso deverão escrever com bastante antecedencia ao Director, Rev. Dr. W. A. Waddell, Baruary, Estado de São Paulo, expondo detalhadamente o curso de estudos já feito.

DESPESAS

A collaboração das associações protectoras permite que o ensino e casa sejam sem onus para os estudantes, ficando as despesas pessoas: mobilia, mesa, vestuario, lavagem de roupa, livros, material escolar, etc., por conta delles.

A experiencia mostra que o orçamento das despesas pessoas previsto no prospecto de 1928 foi excessivo.

Mobilia custou aos diversos estudantes desde 20 até 67\$000.

O Gremio Cooperativo forneceu bem sua mesa e encontrou as mais despesas de casa no primeiro semestre á taxa de 110\$480 por pessoa. Até 31 de Agosto não parece que as despesas do segundo semestre excederão esta somma.

A' boa administração por parte dos dirigentes eleitos pelo Gremio e á boa vontade da parte de todos os membros deve-se este resultado.

A lavoura e mais planos para auxilio mutuo deram resultados excellentes. Com a continuação da boa administração por parte do Gremio, será possível manter as despesas neste nivel ou ainda abai-las.

Offerecemos para a informação dos pretendentes á matricula o seguinte orçamento de despesas pessoas para o anno de 1929.

Mobilia	20\$000 a 70\$000
Livros e material escolar	100\$000 a 150\$000
Gremio Entrada	200\$000
» Pagam. de Junho	150\$000

Para as mais despesas pessoas, conforme seu costume individual de gastos, sempre considerando a séde rural do curso.

SÉDE

O Curso funcionará no acampamento de Engenharia do Mackenzie College, situado na parada Km. 32 da Linha Sorocabana, quatro kilometros além da estação de Baruary. Endereço postal — Baruary, Linha Sorocabana, S. Paulo. Endereço telegraphico — Acampamento, Baruary.

Os trens da Sorocabana que sahem de S. Paulo ás 9, 13, 16 e 19 horas, param no Km. 32. Compra-se passagem para Cotia e avisa-se ao chefe do trem sobre o destino. Trens do Km. 32 para S. Paulo ás 5.40, 8.47, 15.50 e 17.

CORPO DOCENTE 1928

W. A. Waddell D. D., Union e Princeton — Philosophia-Mathematica.

R. F. Lenington B. A. e B. D. Illinois e Mc Cormick — Portuguez e Latim.

C. R. Harper B. A., M. A. e B. D. Monmouth e Princeton — Grego e Sciencias.

João Marques da Motta Sobrinho, B. D. Recife — Portuguez e Latim.

E. D. Harper B. A. Monmouth — Inglez e Musica.

Curso Universitário José Manuel da Conceição – 1936

Reconhecendo o privilegio de auxiliar no preparo de obreiros para o trabalho, no Brasil, de nosso Salvador, comprometto-me a contribuir com a quantia de até o dia de de 1936, para a Campanha de novos quartos do Curso Universitario J. M. da Conceição.

Nome :

Endereço :

Data :

1

Curso Universitario

José M. da Conceição

Campanha para um novo Pavilhão



GRUPO DE ESTUDANTES. — 1936

PARADA JANDYRA - E. de Fe. Sorocabana
S. PAULO

2

CURSO UNIVERSITARIO J. M. DA CONCEIÇÃO

Achando-se já este curso superlotado, com 64 moços quando as accomodações são para 51 sómente, a Directoria resolveu fazer uma campanha para levantar 10 contos de réis, quantia necessaria para construir mais 6 quartos do pavilhão já iniciado, o qual, quando acabado, conterà 30 quartos, abrigando 60 estudantes.

Cada quarto, feito de tijolos, rebocado, assoalhado e coberto com telhas francezas custará um conto e meio, accommodando dois estudantes.

Alumnos do Curso, nas proximas ferias e depois d'ellas, serão autorizados a fazer a campanha nas Igrejas com autorizoção de suas autoridades.

A Commissão : Rev. Alfredo B. Teixeira
C. Roy Harper
A. M. Orecchia.

S. Paulo, 25 - Maio - 1936.

3



DOIS QUARTOS QUASI ACABADOS

4



ENDEREÇOS

Postal: BARUERI - Linha Sorocabana
Est. de São Paulo
Telegráfico: JANDIRA - E. F. S.

PROSPETO

PARA

1938

CURSO UNIVERSITÁRIO "JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO"

HISTÓRICO E ORGANIZAÇÃO

Fundado em 1928, o Curso "J.M.C." completou, em 1937, o décimo ano de seu funcionamento. No primeiro ano, frequentaram as aulas 11 rapazes; de 1930 para cá, têm-se admitido algumas moças. A matrícula de 1937 atingiu a 80: — 15 moças e 65 rapazes. Dos moços, 40 pertencem à Igreja Presbiteriana, 22 à Igreja Independente, e 3 à Igreja Metodista.

Durante essa década, frequentaram as aulas 189 alunos: — 152 moços e 37 moças. Dos 46 que se formaram, 22 já terminaram os seus estudos

1

— 2 —

nos Seminários e 16 estão recebendo o ensino teológico.

O Estabelecimento, cujo nome lembra a bênção que Deus concedeu à Igreja no Brasil, na pessoa do primeiro brasileiro ordenado ao ministério evangélico, é uma obra de cooperação. Os membros fundadores foram a Missão Presbiteriana do Sul do Brasil e o Mackenzie College. A Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, reunida em S. Sebastião do Paraíso, aprovou o plano dos organizadores.

Solicitada a cooperação dos que poderiam interessar-se pela obra, diversas corporações trouxeram o seu concurso ao empreendimento, na seguinte ordem: — Sinodo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Sinodo Central da Igreja Presbiteriana do Brasil, Missão Presbiteriana do Este do Brasil, Igreja Episcopal Brasileira, Igreja Congregacionalista Brasileira, Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil (que se associou em 1932), Missão Presbiteriana Oeste do Brasil.

Em Fevereiro de 1936, o Sinodo da Igreja Presbiteriana Independente indicou para professor do Curso, com tempo integral, um dos seus membros. No mesmo ano, a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil declarou que considerava necessário o Estabelecimento, votando-se uma verba para ele.

2

— 3 —

Organizou-se legalmente a Associação, com estatutos registrados, para que pudesse receber certas propriedades.

Faz-se por meio deste prospecto, um convite cordial a qualquer corporação evangélica, que funcione no Brasil e tenha interesse no preparo de obreiros religiosos ou de professores de humanidades, para que coopere com o Estabelecimento, na sua obra.

PATRIMÔNIO

A. TERRENOS E BENFEITORIAS

I. DOADOS PELO MACKENZIE COLLEGE

Conforme escritura passada no 3.º Tabelionato, de S. Paulo, no dia 17 de março de 1937, o Mackenzie College doou ao Curso Universitário "José Manoel da Conceição" as suas propriedades em Jandira, que consistem do seguinte: a) um terreno de 9 alqueires, ao sul dos trilhos da E. F. Sorocabana; b) quartos e outras dependências, construídos para o acampamento da Escola de Engenharia Mackenzie; c) cinco alqueires de terra, ao norte da linha; d) uma residência para professor e uma casa de campo edificadas nesse terreno.

O Mackenzie College reservou-se o direito de usar a propriedade para o trabalho de campo dos

3

estudantes de engenharia, a casa de campo, e os "stands" para exercícios de tiro. Por essa doação, o Mackenzie desobriga-se da sua responsabilidade, quanto ao preparo, depois do curso primário, de estudantes que se destinam ao ministério ou a outro serviço dessa ordem, visto que, não só ajudou na fundação do "J. M. C.", mas continuará a tomar parte na sua Assembléia.

II. TERRENOS ADQUIRIDOS PELO CURSO

O Curso adquiriu uma gleba, com a área aproximada de 1 alqueire, entre o rio Barueri-Mirim e a E. F. Sorocabana, em 7 de Abril de 1936. Em maio e junho de 1937, foram compradas outras duas glebas, situadas ao norte do rio, medindo ambas 1/2 alqueire.

Estes terrenos, reunidos àqueles que foram doados pelo Mackenzie, perfazem 15 e 1/2 alqueires, área das terras que o Curso possui atualmente.

III. EDIFÍCIOS DOADOS PELA MISSÃO

O "Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church, U S A." ofereceu ao Curso:

- a) duas residências para professores, localizadas ao norte do rio;
- b) uma nova casa para as moças;
- c) uma parte do laboratório.

IV. OUTRAS PROPRIEDADES

a) Um laboratório destinado aos estudos de Física, Química, Biologia e Fisiologia, com espaço para turmas de 24 alunos.

b) Prédio para biblioteca, que consta de quasi mil obras.

c) Um edifício com quatro compartimentos, para o estudo de música.

d) Um cômodo, onde se acham o escritório e a livreria e uma sala de descanso para as moças.

e) Duas salas, que serviram para os cultos e para as aulas, e que estão sendo transformadas em dormitórios.

e) Oito quartos novos, em grande parte construídos com donativos dos amigos do Curso, uns filiados à Igreja Nacional, outros, a corporações estrangeiras.

g) Quatro salas de aula, duas das quais se comunicam por portas em sanfona, formando um Salão Nobre que comporta mais de cento e vinte pessoas.

Dessas salas uma é velha e as outras três são novas, resultado da Campanha deste ano.

Há um sistema telefônico interno e instalação de água.

CAMPANHAS

Parte desses edifícios deve-se aos recursos levantados entre os nossos amigos, por meio de duas campanhas.

a) CAMPANHA de 1936. Destinou-se à obtenção de fundos para se construírem seis quartos novos, dada a escassez de dormitórios para os rapazes. Atingiu-se o alvo, mercê das ofertas de dinheiro e de materiais, assim como de mão de obra, por parte dos estudantes. Eis o resumo da Receita:

Da S. Paulo Christian Fellowship	1:500\$000
Da Igreja Nacional	3:848\$600
Valor da mão de obra oferecida por diversos estudantes	600\$000
De outras fontes	1:918\$200
Total	7:866\$800

Construíram-se seis quartos, assoalhados e rebocados por fora e por dentro, que custaram Rs 7:800\$800, ficando um saldo de Rs. 66\$000, aplicado na melhoria dos pavimentos de alguns quartos velhos.

b) CAMPANHA DE 1937. A necessidade de mais dormitórios e o barulho originado dos trens, que passam perto de duas salas de aula, foram os motivos que nos levaram a transformar esses cômodos em dormitórios e construir, num lugar mais afastado, três novas salas de aula.

Pedimos, de novo, o concurso de nossos irmãos e amigos e, até o dia 22 de outubro, recebemos a quantia de Rs. 4:249\$300, para custear essas obras. Outro amigo ofereceu-nos 3:000\$000, enquanto esperamos 2:000\$000, já prometidos. Atingem essas ofertas a soma de Rs. 9:249\$300.

Com essas instalações, o Curso pode acomodar 10 moças e 68 rapazes.

B. FUNDOS

Pela oferta generosa do Rev. John Knox Hall, presbítero de uma das duas igrejas que formaram a Igreja Unida de S. Paulo, atualmente morador nos Estados Unidos, o Curso possui três apólices consolidadas do Estado de S. Paulo, com juros de 8%, os quais se destinam à compra de livros de consulta para os professores.

NATUREZA DO CURSO

A experiência universal demonstra que o curso propedêutico para aqueles que se destinam às profissões liberais é o mesmo até o fim de oito ou nove

anos de estudos, isto é, até o fim do terceiro ano ginasial. Depois disso, os peritos, unânimemente, recomendam a diferenciação dos estudos, conforme a carreira a que o aluno vise.

Segundo os planos aprovados pelas Igrejas, o Curso Universitário adota um programa de cinco anos, baseado nesse trabalho preliminar.

O Curso contempla especialmente as necessidades dos aspirantes ao ministério ou ao ensino superior das humanidades. Ministra as disciplinas que devem anteceder o estudo de Teologia. As matérias do curso são de tal forma correlacionadas, que desenvolvem no estudante a cultura intelectual necessária para a compreensão adequada das matérias importantíssimas do curso superior.

Para os candidatos já formados pelos ginásios e que desejarem, por sua resolução ou por conselho dos tutores eclesiásticos, fazer no "J. M. C." os estudos pre-teológicos, temos programas de dois ou três anos.

REQUISITOS PARA A MATRÍCULA

Para a matrícula, exige-se o seguinte acerca da idoneidade física, intelectual e moral do pretendente:

- 1) Idade mínima de 16 anos.
- 2) Bom estado de saúde.

3) Certificado de ter completado o 3.º ano ginasial, ou exames que revelem preparo igual, para cursar o 1.º ano. Com estudos mais avançados, permite-se o acesso aos anos superiores.

4) Exames vestibulares, para a matrícula no Curso Preliminar.

5) Ser o candidato membro professo de qualquer igreja evangélica.

6) Apresentação do seu pastor, ou do diretor da escola, em que estudou.

O Curso aceitará um número limitado de moças, devendo as candidatas mandar com antecedência o seu pedido de matrícula, para que o Diretor possa providenciar em tempo.

Não se concede matrícula ao aluno ou à aluna que não aproveitar satisfatoriamente os estudos, ou que se portar de modo inconveniente, no ano anterior.

CURSO PRELIMINAR

Aceitar-se-ão pretendentes, com a idade mínima de dezesseis anos e preparo irregular, afim de preparar-se para a matrícula no 1.º ano, se o estudo necessário não exceder a dois anos.

As associações protetoras só fornecem meios para o curso que principia com o 4.º ano gina-



Corpo discente — Curso Geral - 1937



Corpo discente — Curso Preliminar - 1937

— 10 —

sial. Portanto, pelo ensino neste curso extraordinário, cobram-se 200\$000 por ano. 100\$000 pagos *adiantadamente*, cada semestre. Os matriculados no 1.º ano, com uma ou duas matérias em atraso, podem valer-se das aulas do curso, mediante o pagamento de 40\$000 por matéria.

Esse curso preliminar não é um curso de Madureza e segue o programa infra: Série "A": — Português (Lexeologia), Francês (princípios), Bíblia, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Caligrafia.

Série "B": — Português (Sintaxe), Francês, Latim (princípios), Inglês (princípios), Álgebra (até Involução), Desenho.

PROGRAMA DO CURSO PRE-TEOLÓGICO

1.º Ano:	Horas por semana
Português — Literatura Clássica. Revisão de Gramática e Redação	3
Latim — César e Recapitulação da Gramática	3
Inglês —	4
Álgebra e Geometria	5
Física — sendo duas de laboratório	5
Música	2
	22

— 11 —

2.º Ano:	Horas por semana
Português — Gramática Histórica, Redação e Oratória	3
Latim — Cícero e Virgílio	3
Grego — Lições Elementares	5
Geometria e Trigonometria	4
Química — sendo duas de laboratório	5
	20
3.º Ano:	
Português — Bíblia (História de Israel). Estudo de Camões. Literatura Portuguesa e Brasileira	3
Latim — Horácio e Patrística	3
Grego — Xenofonte	3
Psicologia	3
História — Antiga, Romana e Medieval	3
Biologia — sendo duas de laboratório	5
	20
4.º Ano:	
Português — Bíblia, Redação e Oratória	3
Grego — Trechos Clássicos	3
Fisiologia e Higiene, sendo uma de laboratório	3
Lógica e Epistemologia	3
Economia Política e Sociologia	3
História Moderna e do Brasil	2
Pedagogia	3
Filosofia da História	2
	22

5.º Ano:	Horas por semana
Português — História da Literatura Universal, Redação e Oratória	3
Grego — Novo Testamento	3
Hebraico	5
Ciências Cômicas e Antropologia	3
Metafísica e História da Filosofia	5
Sociologia	2
Política Social	1 22

Será ministrado o ensino de música e de canto coral a todos os estudantes. Um número limitado daqueles, cujo trabalho em outros departamentos permita gastar o tempo necessário, poderá ter estudo mais desenvolvido.

PROGRAMA DO CURSO POST-GINASIAL DE DOIS ANOS

1.º Ano:	Horas por semana
Inglês	4
Português — Gramática histórica, Redação e Oratória	3
Grego Clássico — Gramática e traduções	5
Latim — César e recapitulação da gramática	3
Psicologia	3
Lógica e Epistemologia	3
Economia Política e Sociologia	3
Música	2 26

2.º Ano:	Horas por semana
Português — História de Israel, Estudo de Camões, Literatura Portuguesa e Brasileira	3
(Assistirá, também, a umas aulas de História da Literatura Universal).	
Grego — Xenofonte	3
Pedagogia	3
Hebraico	5
Ciências Cômicas e Antropologia	3
Metafísica e História da Filosofia	5
Sociologia	2 24

PROGRAMA DO CURSO POST-GINASIAL DE TRÊS ANOS

1.º Ano:	Horas por semana
Português — Gramática Histórica, Redação e Oratória	3
Português — História de Israel, Estudo de Camões, Literatura Portuguesa e Brasileira	3
Inglês	4
Grego — Lições elementares	5
Latim — César e Cícero	3
Psicologia	3
Música	2 23

2.º Ano:	Horas por semana
Português — Análise da Bíblia, Redação e Oratória	3
Grego — Xenofonte	3
Grego — Trechos clássicos (Platão, Lísias, Homero, etc)	3
Latim — Virgílio e Patrística	3
Lógica e Epistemologia	3
Economia Política e Sociologia	3
Pedagogia	3
Filosofia da História	2 23

3.º Ano:

Português — História da Literatura Universal, Redação e Oratória	3
Grego — Novo Testamento	3
Hebraico	5
Ciências Cômicas e Antropologia	3
Metafísica e História da Filosofia	5
Sociologia	2
Política Social	1 22

PROGRAMA DO CURSO FEMININO

Até o fim do 1.º ano, segue o programa regular do Curso.

2.º Ano:	Horas por semana
Português — Gramática Histórica, Redação e Oratória	3
Pedagogia, sendo duas de laboratório (1)	4
Matemática — (Geometria e Trigonometria) (1)	4
Química — Sendo duas de laboratório	5
Psicologia	3
História — Antiga, Romana e Medieval	3
Biologia — Sendo duas de laboratório	5 23

3.º Ano:

Português — História da Literatura Universal, Redação e Oratória	3
Fisiologia e Higiene	3
Economia Política e Sociologia	3
História Moderna, do Brasil e Filosofia da História	4
Pedagogia	3
Ciências Cômicas e Antropologia	3
Sociologia (2)	2
Política Social (2)	1 22

(1) A pretendente deve escolher uma dessas duas matérias.
(2) Podem ser omitidas essas matérias.

TRABALHO EVANGÉLICO

Durante o ano, alguns estudantes têm auxiliado no trabalho de igrejas paulistanas e outros em trabalhos evangélicos na vizinhança. Quasi todos os alunos, individualmente ou em grupos, têm ajudado muito, nas férias, o trabalho das igrejas.

Aconselhamos os tutores a determinar o trabalho evangélico, que deve ser feito pelos estudantes. A experiência mostra que não convém permitir a um primeiranista o ocupar-se, regular ou largamente, nesse serviço. Os membros das turmas superiores podem, em muitos casos, fazer trabalho de valor: não se deve, porém, entregar ao Seminário, para principiar o trabalho homilético, um moço já acostumado a hábitos e métodos viciados de preparo e pregação. O trabalho contemplado nunca deve causar a ausência das aulas.

CALENDÁRIO

O ano letivo principia regularmente, na primeira terça-feira de Fevereiro, sendo as datas para 1938 as que seguem:

Matricula: — até o dia 1.º de Fevereiro.

Serão considerados ouvintes, com a obrigação de regularizar a matrícula, por meio de exame

especial, aqueles que se apresentarem com dois ou mais dias de atraso, sem justificação satisfatória.

Exames vestibulares e de 2.ª época: — 31 de Janeiro de 1938.

Abertura das aulas: — 1.º de Fevereiro.

Encerramento do 1.º Semestre: — 16 de Junho.

Abertura do 2.º Semestre: — 5 de Julho.

Encerramento do 2.º Semestre: — 11 de Novembro.

Os pretendentes a qualquer ano do Curso deverão escrever, com bastante antecedência, ao diretor, Rev. C. R. Harper, Barueri, Estado de São Paulo, expondo detalhadamente os estudos já feitos.

VIDA DOS ALUNOS

Os alunos organizam-se em diversas agremiações.

Há um grêmio religioso e outro literário, com reuniões semanais, em que se ventilam assuntos proveitosos para a vida espiritual e intelectual da coletividade. Uma sociedade esportiva zela pela cultura física dos rapazes.

A alimentação e a disciplina, entre os moços, estão a cargo da Associação dos Estudantes.

Os negócios da Associação são dirigidos pela Assembléia Deliberativa, da qual fazem parte todos os estudantes e pelo Conselho Administrativo, em que se representam todas as classes do Curso. Eis alguns artigos dos Estatutos da Associação:

Art. 6.º — SÃO DEVERES DO SÓCIO:

1. Comparecer às sessões da Assembléia Deliberativa. As ausências justificáveis desculpam-se perante o Secretário.

2. Executar os trabalhos que lhe forem confiados.

3. Desenvolver o espírito de solidariedade e de altruísmo.

4. Entender-se com os encarregados da guarda de objetos e alimentos, antes de se servir deles.

5. Portar-se convenientemente, respeitando a propriedade alheia e comum, assim como promovendo o bem-estar da coletividade nos lugares de uso geral.

Art. 7.º — SÃO DIREITOS DO SÓCIO:

1. Votar e ser votado, como membro, que é, da Assembléia Deliberativa.

2. Criticar a administração, perante o Conselho, por escrito: ou, oralmente, nas sessões da Assembléia.

3. Apresentar planos ao Conselho e à Assembléia, por escrito, nas suas sessões.

4. Fazer queixas contra outros sócios, diante do Conselho.

Art. 24.º — Cada sócio entrará para o cofre social com trezentos e oitenta mil réis, importância essa que deverá ser empregada inteiramente na alimentação e em serviços urgentes.

Art. 25.º — O pagamento será feito em duas prestações: Uma de 200\$000, até o dia 15 de Fevereiro, e outra de 180\$000, até o dia 15 de Julho.

§ 1.º) Aos sócios que tiverem trabalho no Curso ou na Associação permite-se o pagamento mensal.

§ 2.º) Na falta desses pagamentos, o sócio continuará a receber a alimentação, só depois de entendimento com a Tesouraria e o Conselho.

Uma associação semelhante provê o alimento para as moças, sendo a sua vida interna dirigida por uma diretora, nomeada pelo Curso.

DESPESAS

A colaboração das associações protetoras permite que o ensino, salvo no curso preliminar, e casa, sejam sem onus para os estudantes, ficando as despesas pessoais: mobília, mesa, vestuário, lavagem de roupa, livros, material escolar etc., por conta dêles.

Se por motivo justo um estudante perder o ano, ser-lhe-á permitida a repetição, sem despesa de casa e ensino. Não havendo motivo justo, se repetir, pagará a taxa do ano correspondente no Mackenzie.

Se seus estudos forem feitos por conta alheia e seu protetor desejar a continuação dos seus estudos, a importância será cobrada pela metade.

No primeiro ano de residência, a mobília dos rapazes custa de 40\$000 a 70\$000. As moças pagam o aluguel da mobília de 30\$000 por ano.

A pensão está a cargo da Associação dos Estudantes. Com a continuação da boa administração, por parte dos dirigentes eleitos pela Associação, e da boa vontade de todos os membros, a despesa de mesa e luz será de 380\$000 por ano, mais ou menos. **ESTA SE PAGA EM DUAS PRESTAÇÕES:** 200\$000, até 15 de Fevereiro; e 180\$000, até 15 de Julho.

Os responsáveis devem notar que a Associação dos Estudantes não tem capitais, funcionando, cada ano com as anuidades dos seus membros. **A FALTA OU O ATRASO DO PAGAMENTO, POR PARTE DE QUALQUER RAPAZ, ACARRETA GRANDES DIFICULDADES AOS OUTROS ASSOCIADOS.**

Ao calcular as despesas individuais, tais como viagens, vestuário, lavagem de roupa e despesas incidentais, é bom notar que o lugar rústico e as instalações ao dispôr dos estudantes permitem grande economia em certas dessas parcelas.

Os livros e material escolar custarão de 80\$000 até 200\$000, por ano, pagáveis da seguinte maneira: 25% no começo do ano, 50% até o fim do 1.º semestre, e o restante até outubro.

O material escolar vende-se a dinheiro.

Há taxas módicas de laboratórios, que não excedem de 25\$000 cada.

Existem certas oportunidades para moços industriais trabalharem por conta própria. Cumpre notar que não aconselhamos pretendentes a que venham confiados exclusivamente nessa possibilidade.

Apresentamos o orçamento seguinte para as despesas anuais que devem ser garantidas:

Taxa para gis, papel de exame, etc.	5\$000	5\$000
Mobília, livros e material escolar,	100\$000	200\$000
Associação (pensão), Fevereiro		200\$000
Associação (pensão), Julho		180\$000
	485\$000	585\$000

Em média, 550\$000.

As despesas das moças são as mesmas.

Para os que se matriculam no curso preliminar: ensino, 200\$000.

É preferível que as remessas de dinheiro aos alunos, ou ao Curso, se façam por vale postal ou por cheque, pagáveis em São Paulo.

Não há deduções por causa de demora na chegada ou ausências durante o semestre. No caso de retirada definitiva, faz-se um ajuste nas bases seguintes: 11\$000 por semana, contando do princípio do semestre até a 18.ª semana. Por um semestre inteiro, 200\$000.

SEDE

O Curso funciona em instalações próprias, situadas na Estação de Jandira da Linha Sorocabana, quatro quilômetros além da Estação de Barueri. Endereço postal: — Barueri, Linha Sorocabana, São Paulo. Endereço telegráfico: Jandira, E.F.S., São Paulo.

Diariamente, sete trens da Sorocabana vindos de São Paulo, param em Jandira e sete vão de Jandira para a Cidade.

ROL E ORGANIZAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL — 1937

Presidente: Alfredo B. Teixeira, representante da Igreja Pres. Ind. do Brasil.

Secretário: Alex. M. Orecchia, Co-optado, 1938. Diretor do Curso: C. R. Harper. (Estes três constituem a Diretoria).

Benjamin H. Hunnicutt, representante do Mackenzie College.

R. F. Lenington, representante da South Brasil Mission da Igreja Pres. nos E. U. A.

Mattathias Gomes dos Santos, representante da Igreja Pres. do Brasil.

F. F. Baker, representante da East Brasil Mission da Igreja Pres. nos E. U.



Residências dos Professores e das Alunas

— 24 —

Nemésio de Almeida, representante da Igreja Episcopal Brasileira.

Augusto Pais d'Ávila, representante da Igreja Congregacionalista Brasileira.

J. R. Woodson, representante da West Brasil Mission da Igreja Pres. nos E. U.

Boanerges da Cunha Garcia. Co-optado, 1937.

Lauro M. Cruz. Co-optado, 1939.

CORPO DOCENTE — 1937

FORNECIDOS PELOS COOPERADORES

C. R. Harper — B. A. M. A., e B. D. Monmouth e Princeton. — Grego e Hebraico.

João Euclides Pereira — J. M. C. — B. D. Faculdade de Teologia da Igreja Pres. Independ. — Filosofia, Psicologia, História.

Jessé W. Wyant — B. S. Washington State College — Ciências, Economia, Sociologia, Inglês.

Evelina D. Harper — B. A. Monmouth — Música.

Bárbara S. Wyant — B. A. Washington State College e Washington State Normal School — Pedagogia.

PROFESSORES DO CURSO

Dario Bastos — J. M. C. — Biologia, Línguas e Matemática.

— 25 —

D. Ana Rickli — Mackenzie College. — Diretora das moças. Matemática. Português e História. no Curso Preliminar.

PROFESSORES CONTRATADOS

Vicente Themudo Lessa — B. D. , São Paulo — Português, Latim, Política Social.

Henrique Maurer Júnior — B. D. Seminário Presbiteriano — Campinas — Línguas, Português.

RELAÇÃO DOS FORMADOS PELO CURSO "J. M. C."

Curso de quatro anos

Curso post-gradual de dois anos

Turma de 1929

1. Adolfo Machado Correia
2. Eduardo Pereira de Magalhães
3. Fernando Nanni
4. Martinho Rickli
5. Paulo Braga Murry

Turma de 1932

- | | |
|----------------------------|----------------------------|
| 6. Luiz Pereira do Lago | 10. Francisco Alves |
| 7. Paulo Fontes de Araujo | 11. João Euclides Pereira |
| 8. Teófilo Calemi † | 12. João Rodrigues Bicas |
| 9. Valério Manoel da Silva | 13. José Constantino Ramos |
| | 14. Yutaka Ohara |



Corpo docente — 1937

— 26 —

Turma de 1933

- | | |
|-------------------------------|--------------------------------|
| 15. Dario Bastos | 21. Américo Justiniano Ribeiro |
| 16. Eudes Ferrer | 22. Pedro Rodrigues |
| 17. Myron H. Anderson | |
| 18. Onésimo Augusto Pereira | |
| 19. Tércio Moraes Pereira | |
| 20. Wilson Fernandes da Silva | |

Turma de 1934

23. Cesarina Xavier Pinto
 24. Davi Azevedo
 25. Domingos de Macedo Custódio
 26. Ernesto Alves Filho
 27. Erntos de Carvalho
 28. Jócio Caldeira de Andrada
 29. Jorge César Mota
 30. Rui Gutierrez
 31. Walter Ermel

Turma de 1935

32. João Rangel Simões

Turma de 1936

- | | |
|-------------------------|-----------------|
| Curso de Cinco anos | |
| 33. Donato de Assis | 36. Sillas Dias |
| 34. Orestes F. Nogueira | |
| 35. Sherlock Nogueira | |

— 27 —


Turma de 1937

- | | |
|---------------------------|----------------------------------|
| Curso de Cinco anos | Curso post-ginásial de dois anos |
| 37. Abimaél Campos Vieira | 45. Genésio Boamorte |
| 38. Alceu Moreira Pinto | |
| 39. Fernando Buonaduce | |
| 40. José Salum Vilela | |
| 41. Lázaro Manuel Camargo | |
| 42. Lutero Cintra Damião | Curso post-ginásial de três anos |
| 43. Orlando Andrade | |
| 44. Renato Piúza Teles | 46. Isac Nicolau Salum |



Instituto José Manuel da Conceição – 1960

INSTITUTO «JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO»



JANDIRA, E. F. S.
ESTADO DE SÃO PAULO

J
O
V
E
N
S

P
R
E
P
A
R
A
D
O
S

M
A
N
T
E
N
D
O

I
D
E
A
S

C
O
N
S
T
R
U
I
N
D
O

P
A
R
A

O
F
U
T
U
R
O

1

BREVE HISTÓRICO

O Instituto «J. M. C.» é fruto de uma grande visão movida por um grande ideal.

O Rev. Dr. William A. Waddell, sábio mestre, consagrado missionário, concebeu a idéia de, aproveitando uma propriedade que então possuía o Instituto Mackenzie no quilômetro 32 da Estrada de Ferro Sorocabana, e que tinha pouca utilidade para o possuidor, estabelecer uma escola a serviço da Igreja do Brasil.

O nome escolhido, e bem escolhido, foi «José Manuel da Conceição», homenagem merecida ao primeiro ministro presbiteriano ordenado no Brasil que também foi um verdadeiro apóstolo do evangelho em nossa pátria.

A 8 de Fevereiro de 1928 abriram-se as aulas do «J. M. C.».

Corpo docente: 5 professores.

Corpo discente: 3 alunos.

A ALVO ERA:

- 1) Preparar bem os moços que se destinam aos seminários.
- 2) Oferecer oportunidade às vocações tardias.
- 3) Propiciar ensino a moços pobres mas inteligentes e dedicados, para que, em condições módicas, obtivessem estudo no «J. M. C.».

Camêgo incerto, incipiente e pouco animador. Mas a fé inquebrantável de Waddell e dos Harper via o invisível.

O tempo passou. Já trinta anos rolaram sobre a vida da Escola.

Resultado: 1296 alunos já passaram pelas bancas do «J. M. C.».

Cêrca de 300 ministros em atividade nos mais variados campos fizeram o seu preparo para o Seminário no «J. M. C.».

Alguns são professores nos Seminários, nacionais ou estrangeiros; outros ocupam cargos administrativos de primeira linha na vida da Igreja.

E cada ano o «J. M. C.» continua a mandar para os seminários novos alunos.

No momento é a escola que fornece o maior número de alunos para cursos teológicos no Brasil.

E' também, pelo seu aprimorado Departamento de Música, a maior fornecedora de organistas e regentes de coros de Igrejas.

O câro do «J. M. C.» já adquiriu nome nacional através de sua caravana.

Hoje o «J. M. C.» é indispensável ao crescente progresso do evangelismo pátrio; é uma gloriosa realidade, é uma soberba esperança.

2

RESULTADOS DA CAMPANHA — 1959

1959 — foi um ano excepcionalmente difícil, financeiramente para o J. M. C.

1959 — foi um ano excepcionalmente abençoado para o J. M. C.

1959 — comprovou a verdade bíblica milenar — “o amigo ama em todo o tempo”.

1959 — alcançou o seu alvo de campanha Cr\$ 1.000.000,00.

— o orçamento ordinário foi atendido: Cr\$ 4.949.000,00.

— a nova e moderna sala de laboratório foi construída e equipada.

**OBRIGADO AMIGOS:
LOUVADO SEJA O SENHOR!**




Uma sala de laboratório >—>

J
O
V
E
N
S

P
R
E
P
A
R
A
D
O
S

3

EX-ALUNOS



Ex-alunos “Para sempre manuelinos”!

Uma história — autêntica

- 1) Aos 28 anos ele chegou no J. M. C. para começar.
- 2) Estudou, trabalhou, foi presidente da Cooperativa de alunos.
- 3) Depois, foi para o Seminário, fez o curso completo com brilhantismo.
- 4) Ordenado, foi para um campo missionário.
- 5) Iniciou trabalhos onde não havia igreja.
- 6) Viajou a cavalo, a pé, e depois de jeep.
- 7) As igrejas que surgiram do seu trabalho dão um presbitério grande — com alguns milhares de membros.

Esta não é apenas a história verdadeira de um ex-aluno do J. M. C. E' a história de muitos.

4

CURSOS NO «JMC»

ADMISSÃO PARA O GINÁSIO ENSINO DE ALTO PADRÃO
GINÁSIO quatro séries EM TODOS
CURSO CLÁSSICO três séries OS CURSOS

O J.M.C. não é uma Escola qualquer.
O J.M.C. é uma Escola bíblico-cêntrica e Cristo-cêntrica.
Cursos de Bíblia são parte indispensável do programa de todas as séries, com duas aulas por semana.

ADMISSÃO — Uma visão geral da Bíblia como a Palavra de Deus.

GINÁSIO

- 1.ª Série. A Vida de Cristo — nos quatro evangelhos.
- 2.ª Série. A História da Igreja Primitiva — nos Atos dos Apóstolos.
- 3.ª Série. A Doutrina de São Paulo — Nas Cartas Paulinas.
- 4.ª Série. O Desenvolvimento da Igreja — Nas Cartas Gerais e No Apocalipse.

CURSO CLÁSSICO

- I ANO. A História do Povo Hebreu no Pentateuco.
 - II ANO. A Poesia Bíblica e seu significado religioso.
 - III ANO. A Instituição profética e sua mensagem
- O J.M.C. — oferece uma visão ampla da unidade e desenvolvimento histórico da mensagem bíblica cujo centro é Cristo.

M
A
N
T
E
N
D
O

I
D
E
A
I
S

5

ATIVIDADES DOS ALUNOS



←← Caravana musical

O J.M.C. é uma colméia de atividades variadas com um só alvo — desenvolvimento uniforme e integral da personalidade.

- 1) Grêmio literário — desenvolvimento intelectual.
- 2) Grêmio religioso — desenvolvimento espiritual.
- 3) Caravana Evangélica de Pregadores — aprendizagem prática de trabalho cristão.
- 4) Esportiva J.M.C. — desenvolvimento físico equilibrado normal: "Mens sana in corpore sano".



Uma disputa em quadra moderna

6

ALCANCE INTERNACIONAL

O J.M.C. realiza uma obra de alcance internacional.
O J. M. C. tem ex-alunos em trabalho ativo em vários países estrangeiros.

- 1) um missionário em Portugal.
- 2) um professor no Seminário de Buenos Aires.
- 3) um missionário na Argentina.
- 4) um missionário no Chile.
- 5) um pastor na 1.ª Igreja da capital venezuelana.
- 6) homens e mulheres em trabalho ativo nos E.E.U.U.
- 7) Entre alunos e ex-alunos do J.M.C. contam-se: um chileno, um uruguaio, um paraguaio, um português, um inglês, dois gregos, um coreano, vários americanos e muitos japoneses.



Três alunos felizes pela oportunidade que o J.M.C. lhes proporcionou

C
O
N
S
T
R
U
I
N
D
O

P
A
R
A

O

F
U
T
U
R
O

7



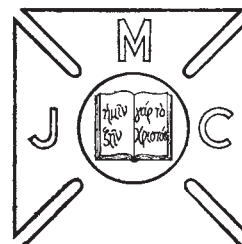
SUA
OFERTA AJUDARÁ
NA
CONTINUAÇÃO
DA
OBRA EDUCATIVA

O Rev. Wilson de Cas-
tro recebe novas "es-
peranças para a Igreja"

Instituto "José Manuel da Conceição"

JANDIRA — E. F. S.

Estado de S. Paulo



8



PROSPECTO 1966

Enderêço: JANDIRA – E. F. S.
ou Caixa Postal, 33 Barueri
Estado de São Paulo - Brasil

PEDIDO DE MATRÍCULA

INSTITUTO JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO

Nome do aluno
Enderêço
Rua Cidade Estado
Data de nascimento:
Dia, mês e ano
Filiação: e
Pai Mãe
Curso que pretende: Classe
Religião: Igreja
É aspirante ao ministério?
Responsável pela matrícula
Nome
Enderêço:
Rua Cidade Estado
..... de de 19.....
.....
ASSINATURA DO ALUNO ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL

Preëncha e devolva para: Instituto José Manuel da Conceição — Caixa Postal, 33 — Barueri, — Estado de São Paulo

INSTITUTO JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO

Situado em Jandira, quilômetro 32 da E.F. Sorocabana, com sede própria, Escola genuinamente evangélica, funciona no regime de Seminário Menor de acordo com o decreto n.º 34.330 de 21 de outubro de 1953, do Governo Federal, regulamentado com a portaria de n.º 17 de mês de novembro do mesmo ano, da Diretoria do Ensino Secundário. Ministra os cursos de Admissão ao Ginásio, curso ginásial, curso clássico e científico.

Podendo dar transferência em qualquer época do ano para qualquer escola do País, executa um currículo semelhante ao do ensino médio das escolas oficiais do Estado de São Paulo, sendo que para os aspirantes ao Ministério é obrigatório o estudo do Grego. A partir de 1966 haverá um curso intensivo de Inglês (para falar e escrever corretamente), para os alunos da 3.ª série em diante. Outrossim os alunos que freqüentarem o curso de Admissão no Jota durante todo o ano (com aproveitamento suficiente para aprovação), serão automaticamente aprovados, sem exame final.

CORPO DOCENTE

Temos um corpo de professores habilitados profissionalmente e registrados no Ministério de Educação e Cultura do País, em suas respectivas cadeiras. A Congregação de Professores do J.M.C. equiparam-se com a dos melhores colégios do País tanto pelos títulos como pela larga experiência de magistério.

INTERNATOS

Temos internatos para ambos os sexos, desde a idade de 11 anos para cima. Recebemos, no internato apenas 10% da matrícula de alunos não evangélicos e menores de 14 anos para baixo, além desta idade só excepcionalmente receberemos alunos maiores não evangélicos.

ENXOVAL PARA ALUNOS INTERNOS

Os alunos e alunas possuem um uniforme simples para usarem nas aulas e no refeitório. Este uniforme deve ser confeccionado no Colégio assim que os alunos chegarem, exceção feitas as blusas e camisas tipo esporte, que serão brancas de tecido de boa qualidade com manga comprida e punho simples com dois botões que levará um bolso, com um dístico, conforme modelo abaixo, de cor verde. Sapato marron estilo colegial e meia branca para as meninas; e para os rapazes, sapato preto e meia branca. A saia das meninas, bem como a calça dos rapazes deverão ser confeccionadas no Colégio, por causa da cor do tecido, sendo que os alunos que morarem em São Paulo (Capital), poderão se quiserem comprar o tecido no Colégio depois de 15 de fevereiro e costurarem em casa. Cada aluno deverá trazer no mínimo:

- | | |
|-----------------------|--------------------|
| 1 calção para esporte | |
| 1 pijama | 2 colchas brancas |
| 1 toalha de banho | 2 toalhas de rosto |
| 1 travesseiro | 4 pares de meia |
| 2 lençóis de cama | 2 cobertores |
| 6 lenços brancos | 1 par de quedes. |

SAÍDAS DO INTERNATO

Os alunos menores de 18 anos terão duas saídas por mês, sendo um sábado sim e outro não, os que residirem em São Paulo; e os de fora, só poderão sair do internato com autorização dos pais por escrito, de acordo com as conveniências do Colégio. O aluno que deixar de cumprir com o regulamento do Colégio no intervalo das saídas, perderá a oportunidade de saída.

As meninas, menores de 18 anos, em hipótese alguma sairão do Colégio sem ser acompanhadas.

Cada 15 dias alternando com a saída dos rapazes, as meninas que morarem em São Paulo, o Colégio mandará uma pessoa idônea levá-

las até a Estação Júlio Prestes em São Paulo onde os pais deverão esperá-las; isto no primeiro trem após o período do almoço; a mesma pessoa voltará no domingo às 16 horas para recebê-las na Estação em São Paulo, a fim de facilitar aos pais. Quando houver feriados em seguida, isto é, domingo e segunda-feira ou sábado e domingo, a saída dos alunos que moram em São Paulo é obrigatória.

Os alunos maiores de 18 anos poderão sair do Colégio quando fôr preciso nos fins de semana, assinando um livro de saída e dando ciência ao Presidente do Conselho dos moços o lugar onde vão e somente com permissão do Diretor ou seu substituto em exercício poderão dormir fora do internato. As moças só sairão acompanhadas de alguma funcionária ou da diretoria do internato feminino.

ATIVIDADES ESPORTIVAS

É obrigatória a prática de esportes a todos os alunos menores de 18 anos moços e moças, bem como a Educação Física, só poderão ser dispensados mediante atestado médico, dado por profissional indicado pela Escola.

Os alunos praticarão todos os esportes comuns ao nosso meio.

É expressamente proibida a prática de esportes aos domingos.



3

ATIVIDADES EXTRA ESCOLARES

Os alunos de ambos os sexos têm aqui no J.M.C. a oportunidade de desenvolverem suas aptidões, através dos Grêmios literários e religioso, bem como desenvolver sua personalidade física no grêmio esportivo. Há nestas agremiações um campo importante ao desenvolvimento do espírito de liderança imprescindível àquelles que pretendem o ministério evangélico. A frequência às reuniões dos grêmios é obrigatória.

VIDA RELIGIOSA

Há cultos diariamente dirigidos pelos alunos e professores. A frequência aos mesmos é obrigatória. O Colégio ministra curso de Bíblia a todas as séries, com sabatinas e exames obrigatórios.

Damos ênfase a música sacra e todos os alunos são obrigados a tomarem parte no orfeão do Colégio desde que sua voz possa ser aproveitada.



MÚSICA

Damos ênfase ao estudo da música, mantendo cursos especiais de canto bem como de piano, órgão eletrônico e harmônio.

4

CONDIÇÕES PARA MATRÍCULA

Os candidatos a matrícula no Instituto deverão trazer uma carta de apresentação de um pastor; mesmo que não sejam evangélicos exige-se esta carta de apresentação. Não aceitamos alunos fumantes nem habituados a uso de bebidas alcoólicas. O aluno que não se adaptar aos regulamentos do Instituto, poderá ser transferido em qualquer época do ano.

DOCUMENTAÇÃO EXIGIDA

- 1 — Carta do pastor.
- 2 — Prova de quitação com o serviço militar para os maiores de 18 anos e certificado de alistamento para os maiores de 16 anos.
- 3 — Prova de sanidade física e mental.
- 4 — Abreugrafia, (estes documentos podem ser adquiridos por indicação do Instituto).
- 5 — Certificado Ginásial e ficha modelo 18 para os que irão ingressar no II Ciclo. Diploma do curso primário para os que vão prestar exames de admissão, podendo apresentarem também um atestado, com firma reconhecida, de um professor idôneo declarando que o candidato está habilitado a prestar o exame de admissão.
- 6 — Duas fotografias 3 x 4.
- 7 — Certidão de Nascimento.
Observações: Os alunos maiores de 14 anos que não tiverem o curso primário completo poderão cursar o admissão ao ginásio, no Instituto.
- 8 — O pagamento da 1.ª parcela da anuidade e respectiva taxa de inscrição.

COMPROMISSO

Na ocasião da matrícula o aluno assina o seguinte compromisso:

ASSUMO DIANTE DE DEUS, DE MINHA CONSCIÊNCIA E PERANTE AS AUTORIDADES CONSTITUÍDAS NO INSTITUTO JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO, O COM-

PROMISSO DE FIEL OBEDIÊNCIA AOS PRINCÍPIOS QUE REGULAM A VIDA DO CORPO DISCENTE DO INSTITUTO.

PROCURAREI, PELO MEU ESPÍRITO DE SERVIÇO, BOA VONTADE E CUMPRIMENTO DOS DEVERES QUE ME CABEM, CONCORRER PARA A DISCIPLINA, ORDEM E HARMONIA DENTRO DO JMC.

ANUIDADE

As taxas da anuidade do J. M. C., serão as seguintes:

Alimentação 8 meses	Cr\$ 320.000
Administração	Cr\$ 160.000
Taxa de Inscrição	Cr\$ 20.000
Taxa de Ensino	Cr\$ 120.000
Taxa de vigilância (men. 18 anos)	Cr\$ 60.000
Total	Cr\$ 680.000

Taxa para estudo de instrumento musical-facl.

(o total anual):	Cr\$ 80.000
Taxa de exame de Admissão	Cr\$ 8.000
Taxa de exame de 2.ª época	Cr\$ 3.000
(por exame).	

SISTEMA DE PAGAMENTO

Os pagamentos serão feitos semestralmente da seguinte maneira: na ocasião do período de matrícula até 15 de fevereiro, no máximo, Cr\$ 20000 taxa de matrícula (esta todos pagarão até os bolsistas do Colégio). No começo de março por ocasião da chegada pagarão 4 meses da anuidade, sendo dois meses em dinheiro efetivo e dois meses com uma letra pagável no dia 10 de maio. Os alunos que moram em São Paulo poderão fazer seus pagamentos com uma mensalidade na chegada e três notas promissórias com vencimentos em 10 de abril, 10 de maio e 10 de junho. No segundo semestre o critério de pagamento das taxas será o mesmo do primeiro.

Os alunos bolsistas com verba dos poderes públicos pagarão 80% da anuidade nas mesmas condições acima, os quais serão devolvidos assim que receberem a verba da bolsa.

REMESSA DE DINHEIRO

Os pagamentos podem ser remetidos ao Colégio em cheque visado em nome de Ruben Alberto de Souza ou de Instituto José Manuel da Conceição, pagável em São Paulo. No caso de cheque não visado ou de letra para ser descontado em outra praça, as despesas de cobrança correrão por conta dos respectivos emitentes.

ALUNOS EXTERNOS

Os alunos externos pagarão sua anuidade escolar da seguinte maneira: até 15 de fevereiro do ano em curso Cr\$ 20.000 taxa de matrícula. E a anuidade pagarão mensalmente, sendo que em junho e novembro pagarão em dobro.

NOVOS INTERNATOS

Teremos dois novos edifícios, modernamente construídos que oferecerão acomodações condignas a 100 meninas e 50 meninos, e no correr do ano pretendemos inaugurar mais um internato com capacidade para 100 rapazes. Também o internato velho vai sofrer uma adaptação para melhor, nas férias, de modo que tenhamos melhores acomodações. Os alunos irão para o prédio novo obedecendo-se o critério de prioridade na matrícula do ano em curso, de modo que os que chegarem primeiro seu pedido e taxa de inscrição já terão seu lugar reservado e o número da cama. Isto se refere aos menores de 16 anos.

ASPIRANTES AO MINISTÉRIO

Os alunos aspirantes ao ministério, com uma carta de apresentação do Conselho de sua Igreja, não pagarão taxa de ensino, isto é, anuidade escolar (Cr\$. 120.000), mas, terão a obrigação de colaborar com o Instituto esporadicamente quando forem solicitados sem remuneração. Também os maiores de 18 anos aspirantes morarão no antigo internato feminino e terão a responsabilidade da limpeza do prédio e dependências; esta limpeza será feita por meio da escala de serviço feita pelo Conselho dos moços maiores. O presidente do Conselho dos moços terá todas as taxas pagas pela Escola. O secretário terá metade das taxas pagas pelo Colégio.

CALENDARIO ESCOLAR

Exames de 2.a época: 25 e 26 de fevereiro
Exames de Admissão: 2, 3, 4 e 5 de março
Abertura das aulas: 10 de março.
Encerramento do 1.º semestre: 29 de junho
Reabertura do 2.º semestre: 2 de agosto
Encerramento das aulas: 3 de dezembro

O Instituto só observará os feriados nacionais e os feriados da cidade de Jandira. Não obedeceremos pontos facultativos. Teremos aulas diariamente durante toda semana exceção feita aos domingos.

Enderêço: Instituto José Manuel da Conceição

Caixa Postal, 33 — Barueri
Sede: Jandira — Estado de São Paulo - Brasil

O Campus



O Trem



1953



1962

Os diretores norte-americanos

*William Alfred Waddell*_____



*Charles Roy Harper*_____



Robert Eugene Lodwick _____



Olson Pemberton Jr. _____



A Figueira



1966



1940



1950



1962



1966

Histórico da Missão Presbiteriana no Brasil

Escrito em 1936, por autor desconhecido

Tradução – João Wilson Faustini

Revisão – Henry Decoster



Brasil oferece, como campo missionário, a particularidade de não apresentar, como nação ou povo, complexo de inferioridade diante dos anglo-saxões. A nação espera, no devido tempo, ser a primeira nas Américas, ou pelo menos igualar-se à rival do norte. A raça latina que fornece sua estirpe principal, temperada com o bom sangue do índio em diversos estados, notadamente em São Paulo, mesclado com o sangue de todos os aventureiros europeus dispostos a servir Roma e Lisboa pelo ouro de Minas e de outros lugares, suavizado com o sangue negro da velha terra do açúcar, considera os norte-americanos como novos-ricos, ainda que temíveis em razão de seu progresso. Entretanto não houve hostilidade contra os missionários, tanto americanos como estrangeiros.

O missionário que orou rogando que “debaixo deste teto possam nossos filhos e netos viver para conduzir este povo nos caminhos de Cristo”, simplesmente tinha compreendido mal os seus convertidos. Eles o reconheciam como seu pai em Cristo, mas sentiam, aos 18 anos, que já eram adultos. Isto muda toda a história que segue. A atitude nacional foi bem expressada por um brasileiro muito esclarecido que disse: “quem manda no Brasil deve, sejam quais forem suas opiniões, cortejar o clero, decidir todos os casos duvidosos de maneira liberal e nos negócios estrangeiros, ser mais americano que os norte-americanos”.

Indicado por sua comissão, fui encarregado de apresentar um breve esboço da história de nossa Missão no Brasil. Isto só pode ser realizado adequadamente por alguém que passe algum tempo consultando os arquivos em Nova York,

já que uma grande parte desses registros, que deveriam estar no Brasil, foi perdida. Eu teria grande prazer em assumir esta tarefa, mas a minha idéia de como uma história de missão deveria ser adequadamente escrita é totalmente oposta àquela da Junta de Missões e de muitos missionários. Segundo os princípios estabelecidos pelos secretários alguns anos atrás, nada que insinuasse haver qualquer diferença de opinião na Missão, ou um erro cometido por ela ou pela Junta, de maneira alguma deveria aparecer no histórico. Seria um histórico irrestrito, puro e de concordância e felicidade impossíveis. Conquanto um esboço discordante possa talvez ser permitido, estou bem certo de que uma história escrita com seriedade, no estilo que Carlyle aprova, seria anátema.

Por volta de 1820, os Estados da América do Sul tornaram-se Independentes e quase todos mostravam boa vontade para receber e considerar o ponto de vista protestante. Nossas igrejas nos Estados Unidos estavam, naquela época, muito fracas e mal organizadas para aproveitar essa oportunidade. Aventureiros incumbidos por diversas organizações religiosas visitaram vários países, inclusive o Brasil, e seus relatórios foram lidos com grande interesse, especialmente pelos jovens. Fletcher e Kidder, agentes da Sociedade Bíblica, um presbiteriano e o outro metodista, foram responsáveis pela publicação de um livro que até hoje é um tesouro de informações sobre o Brasil dessa época e que despertou muita curiosidade nos Estados Unidos.

Entre outros que foram despertados por esse livro, havia um jovem pastor, Ashbel Green

Simonton, que, como advogado que havia estudado teologia, meditou mais profundamente sobre esta questão do que outros jovens teólogos. Ele ofereceu seus préstimos à Junta de Missão para o Brasil e foi aceito, chegando ao Brasil no dia 18 de agosto de 1859. No Rio de Janeiro, logo fez amizades, aprendeu muito bem a língua e avaliou a situação com muita inteligência. Por fim, começou seu trabalho recebendo duas pessoas por profissão de fé, após alguns meses de pregação, e organizando assim a Igreja Presbiteriana do Rio no dia 12 de janeiro de 1862. No Brasil ele encontrou apenas o Rev.dr. Robert Kalley, um médico e pregador escocês, herói de conversões e perseguições na ilha da Madeira, e que viera ao Brasil com alguns dos seus madeirenses convertidos. Dr. Kalley, depois de suas duras experiências na ilha da Madeira, preferiu ficar fora da cidade do Rio de Janeiro, e trabalhava em uma propriedade adjacente à Legação Britânica, em Petrópolis. Deste modo, o trabalho de Simonton foi realmente o primeiro a ser iniciado na capital brasileira.

O diário de Simonton, que está nas mãos da Junta, nos mostra um quadro completo e claro desse homem, de seu modo de vida e os questionamentos que encontrou. Simonton voltou aos Estados Unidos, casou-se e retornou imediatamente ao Brasil. Sua esposa faleceu ao dar a luz, cerca de um ano mais tarde. Sua filhinha cresceu nos Estados Unidos, onde ela se tornou mais tarde, a motivação para a Igreja Episcopal abrir uma missão no Brasil.

Um ano mais tarde, Simonton recebeu seu cunhado, Blackford, como companheiro de trabalho. Simonton achava que o trabalho no Brasil não deveria de modo algum ficar confinado apenas ao Rio ou às grandes cidades, e logo começou a viajar pelo interior do país. O Dr. Blackford, por outro lado, dizia que não havia registro algum nas cartas de Paulo, que ele tivesse visitado uma fazenda, e que conseqüentemente aqueles que quisessem seguir o exemplo de Paulo, não precisavam ir além dos “pequenos jardins nos arredores da cidade”, como no caso dos Filipenses. Essa questão foi discutida fortemente em grupo e

havia uma tendência de que cada um deveria seguir seu próprio rumo, embora as atividades de Simonton fossem tão marcantes que seria muito difícil alguém permanecer calmo perto dele. Além disso, os resultados demonstravam que ao viajar por outras regiões, aqui e ali, esses resultados eram muito maiores do que permanecendo no Rio, a ponto das viagens se tornarem um método de evangelização da Missão, e foi assim que a mais romântica manifestação da vontade de Deus modelou o futuro da história das missões no Brasil.

A conversão do padre José Manoel da Conceição e seu ardente zelo como evangelizador levou a Palavra aos que, bem longe, buscavam por Deus. Logo ficou claro que não havia possibilidade da Igreja nos Estados Unidos providenciar uma pessoa para ser pastor para cada grupo que surgia, e a antiga política da Missão não mudava: grandes jornadas evangelizadoras em busca daqueles que estavam buscando Cristo, em vez de ficarem sentados esperando ensinar as pessoas aos poucos, despertando nelas a idéia de Cristo. O método de Simonton teve tanto êxito que o Rev. George Chamberlain o abraçou completamente, até mesmo com a modificação um tanto exagerada aplicada por Conceição, e nos primeiros 10 anos o Evangelho foi pregado do centro de Minas ao centro do Paraná e em todo o estado do Rio de Janeiro, com grande êxito.

Uma das verdadeiras razões, ainda que raramente mencionada, contra o método evangelizador por meio de viagens, foi o grande desgaste que ele causa. Quando se chegava ao fim das poucas estradas de ferro existentes, o único meio de transporte para se continuar a viagem era o cavalo, ou mais freqüentemente, a mula. A velocidade do animal era limitada pelas condições das estradas e pelo fato que uma longa viagem não admitia arrancadas de velocidade. Quilômetro após quilômetro, ia o viajante, sob o sol ou sombra, em tempo seco ou chuva, observando a estrada para evitar buracos e outros obstáculos, como grandes toras, pedras e galhos de espinheiros. O viajante nunca podia cantar “Mais um rio...” porque geralmente havia mais uma dúzia para

atravessar. Um viajante lembra-se de um dia em que teve de atravessar 17 rios, nadando fundo. Das noites passadas às vezes sob as estrelas ou sob uma lona gasta e suja, das refeições que ele mesmo preparava, ou seu camarada, noutras vezes em companhia dos moradores da beira da estrada. Lembra-se das alegrias em reencontrar aqueles que tinham seus corações cheios de amor por Cristo e por Sua mensagem, dos sermões que duravam duas ou três horas: (menos que isso era considerado defraudar a congregação, porque os via somente uma vez por ano!). Após o sermão havia cânticos e conversas que duravam até as primeiras horas da manhã. Lembra-se das incertezas ao atravessar aldeias e grupos hostis, instigados pelos padres locais na trilha da guerra. Da impossibilidade de comunicar-se com a família deixada em casa, sem obter qualquer notícia deles porque praticamente não existia correio no interior. Tudo contribuía para fazer daquilo uma experiência maravilhosa, mas exaustiva.

No início do trabalho, a palavra protestante assustava, em qualquer lugarejo. Gerações da Inquisição e as repetidas condenações dos padres enchiam as pessoas de horror. Muitos acreditavam que o Diabo possuía o corpo de um Protestante gravando a sua vontade na sua posse. Até 1906 o Rev. Pierce A. Chamberlain tinha de tirar os sapatos, para desfazer a firme crença que existia na época, e provar para as pessoas do interior que ele não era um mensageiro do pecado e nem tinha os pés em casco fendido.

O medo inspirado pela presença de um ser tão terrível provocava explosões de fúria defensiva, o que resultou no apedrejamento de Conceição e da Gama em várias ocasiões, o terrível açoite de uma companheira brasileira das senhoras Chamberlain e Lenington, e a morte de um amigo brasileiro que havia salvado o Dr. Butler, missionário em Garanhuns, da fúria da multidão. Uma permanência relativamente curta, em qualquer região, apaziguava este temor fanático e a fúria que isto provocava, e suscitava intrigas dos padres que constantemente instigavam perseguições. Um exemplo disto foi a experiência do pastor

Lenington, em Brotas – o primeiro missionário a viver tão longe no interior – na mesma cidade onde a conversão do padre Conceição havia aberto as portas para o protestantismo. O sucessor de Conceição, o pastor Lenington, tinha sido escolhido por sua energia no enfrentamento das perseguições. Ele havia alugado uma casa muito confortável e agradável, onde vivia com sua família. Pela lei brasileira daquela época, se a propriedade fosse vendida, o contrato de aluguel daquela propriedade seria anulado pela venda. Certa manhã o pastor Lenington foi surpreendido com a visita de autoridades locais que começaram a colocar seus móveis na rua. A propriedade havia sido vendida ao vigário da paróquia local e os procedimentos de despejo haviam sido executados secretamente, com a falsificação dos nomes do casal. O pastor Lenington imediatamente levou sua mulher e seus filhos para casa de um vizinho protestante, colocou sua filhinha Mary de 3 ou 4 anos de idade, em cima de um amontoado de moveis para vigiá-los e desapareceu. Mary se recorda desse fato da sua infância como se tivesse passado uma eternidade de duas horas sobre aqueles móveis. Quando todos os móveis já estavam na rua e os curiosos viram que nada mais iria sair da casa, alguém lembrou que Mary cantava muito bem, e durante muito tempo da “eternidade” ela permaneceu sentadinha, cantando hinos em português e inglês, enquanto uma grande parte da população daquela cidadezinha se reuniu ao seu redor. Finalmente, o pastor Lenington apareceu com um carro de boi, onde colocou todos os seus móveis. Ele tinha caminhado mais de um quilômetro, até o vale do primeiro riacho além do limite da cidade, onde comprou de um preto liberto um lote pequeno com uma casinha de sapé e parede de barro, que tinha o chão de terra e apenas dois cômodos. Assim que registrou a escritura, a sua família se mudou para seu novo lar. Ali ele viveu pouco tempo, acrescentando mais dois cômodos ao imóvel e colocando piso de tijolos. Ele ia à cidade a cavalo, para os cultos vespertinos. Numa noite chuvosa, quando o seu cavalo subia um trecho

íngreme entre a parede do jardim da casa do padre e um armazém, o animal escorregou, caindo e levando consigo o pastor. Naquele momento ouviu-se o tiro de um bacamarte vindo do jardim do padre, cheio de pregos e partículas de ferro que atravessaram a capa do pastor Lenington, estufada pelo vento, rasgando ligeiramente suas roupas e arranhando sua pele. Imediatamente ele informou por telegrama sobre este assalto a Chamberlain, em São Paulo e Chamberlain apelou a seu amigo Alencar (o escritor), que era Ministro da Justiça. Alencar emitiu em seguida uma ordem ao chefe da polícia de São Paulo para ir imediatamente a Brotas. O chefe da polícia era um homem muito gordo, que não tinha boa apresentação quando montado num cavalo, e que detestava viajar dessa maneira. Quando finalmente ele chegou a Brotas, depois de uma viagem de trem e de percorrer 150 quilômetros a cavalo, sob um sol escaldante, para acalmar-se ele simplesmente prendeu todos que de alguma forma eram suspeitos de estarem envolvidos no caso, a começar pelo padre, o suposto assassino e seus companheiros, que seguiram a pé, em procissão, até a estação ferroviária, sob a guarda da polícia a cavalo. O padre não estava bem de saúde e era também muito gordo. Quando chegaram a São Paulo ele estava extremamente exausto e acabou falecendo alguns dias depois. O quase assassino foi declarado culpado, e os ferimentos nas costas de Lenington muito influenciaram para a sentença. Ele foi perdoado um ano mais tarde a pedido dos missionários e viveu uma vida honesta daí em diante, em Brotas, tornando-se muito apegado ao pastor Lenington. Um ano mais tarde, Lenington recebeu a visita do seu antigo senhorio, de quem alugara a primeira casa, dizendo que o padre havia pagado somente parte do preço daquela casa de onde Lenington fora expulso, e que havia retomado judicialmente a casa, de que era antigo proprietário e agora estava à procura de um comprador. Disse mais, que poderia vender a casa a Lenington por um preço reduzido, visto ter já recebido do padre uma quantia considerável. Lenington então comprou a casa, e a propriedade é o lugar

onde hoje está a igreja de Brotas. Em 1891, a propriedade comprada por Lenington fora da cidade foi vendida para a cidade de Brotas, para se tornar o matadouro municipal. O dinheiro recebido constitui o “Fundo Brotas”, que deu muita dor de cabeça para muitos tesoureiros, mas também ajudou na construção de muitas igrejas.

Muitos outros casos semelhantes poderiam ser contados, nem sempre tão lindamente improváveis como este, nas mesmas condições de fúria violenta por parte dos padres e que ocorreram em muitos lugares do Brasil. Às vezes o desfecho era cômico. O missionário Finley, por exemplo, estava pregando em uma vila do interior do Sergipe, quando uma multidão, instigada pelo padre, veio interromper o culto. Finley percebeu o grupo quando as portas e janelas subitamente se abriram, e viu na ponta da ala de pessoas, um jovem forte, de pé, com uma pedra arredondada nas mãos, que se preparava para atirá-la nele, que estava no fundo, de frente para a porta. O homem se preparou para o arremesso como um experiente jogador de baseball. Finley, que sabia alguma coisa sobre esse jogo, esquivou-se enquanto a pedra vinha em sua direção. A pedra passou rente a ele e grudou-se na parede de barro atrás dele. Finley imediatamente retomou sua posição anterior. O agressor olhou para ele e saiu correndo pelas ruas, acompanhado de seu grupo e berrando: “A pedra atravessou o corpo dele e não o feriu! O diabo deve estar protegendo ele!” Eles só perderam o medo depois que Finley saiu da cidade no dia seguinte. Uma versão estranha deste fato ainda corre naquela região de Sergipe.

Um dos métodos mais irritantes de perseguição contra os missionários itinerantes era informar a família do missionário, quando ele já estivesse fora de casa por duas ou três semanas e não fosse voltar por duas ou três mais, que ele havia sido assassinado em um determinado lugar, com detalhes horripilantes do crime, ou então dizer ao próprio missionário que algo terrível havia acontecido com a sua família. A maioria dos missionários costumava

fazer arranjos para que, a qualquer custo, um mensageiro lhes fosse enviado para lhes levar notícias graves, e se não houvesse notícias, o marido ou a esposa se mantinham tranquilos; isso parecia dar a certeza para os ouvintes de que eles certamente tinham alguma ligação demoníaca. Um dos piores casos deste tipo ocorreu com o pastor Landes. Ele morava em Botucatu, SP, e enquanto viajava no Paraná, ele havia oficiado a cerimônia de casamento de um casal de não-católicos. Advertidos por parentes, eles declararam que não tinham feito nenhuma afirmação de que não eram católicos, embora tivessem assinado num registro do pastor Landes uma declaração nesse sentido. O padre local aproveitou a oportunidade que lhe propiciaram e pediu um mandado de prisão contra Landes. A polícia do Paraná prendeu-o em sua própria casa, em Botucatu, e o levou até Castro, a centenas de quilômetros de lá, para ser julgado. Só isso já teria sido terrível, mas no momento em que sua escolta deixou Botucatu, um grupo de homens armados, contratados pelo chefe local, instruídos para partir atrás dele, com a informação de que a escolta deixaria que o assassinassem no caminho. O Dr. Lane, informado por telegrama do que estava ocorrendo, enviou um brilhante jovem advogado brasileiro, cuja família era protestante, embora ele não o fosse, para proteger o Sr. Landes. Ele alcançou o grupo no primeiro pernoite e então leu os termos da lei para o sargento encarregado da escolta, de modo que ele afugentou os pistoleiros quando eles chegaram para fazer o seu serviço. O Rev. Landes foi salvo e entregue à delegacia de Castro, onde o seu advogado, depois de uma audiência de meia hora, obteve sua libertação e a prisão do padre e do jovem casal por perjúrio e incitação a perjúrio. O Rev. Landes partiu imediatamente para casa, chegando após uma dura caminhada. Entretanto, durante a sua ausência, toda comunicação por telégrafo ou correio, dele, do Dr. Lane, ou do seu advogado em São Paulo, com a Sra. Landes, tinha sido interceptada, e aos ouvidos dela só haviam chegado notícias horríveis. Certo dia, cuidando das suas tarefas diárias do lar, ela

repentinamente ouviu o portão do quintal abrir, e a voz do Rev. Landes falando com o seu cavalo, enquanto entrava no quintal. Não é de estranhar que ela tenha caído em prantos, rindo e cantando ao mesmo tempo ao encontrá-lo à porta. Podemos julgar como a pressão era grande sobre os primeiros missionários, pelo fato de a Sra. Blackford e a Sra. Schneider terem ficado, ambas, com problemas mentais, e a Sra. Lenington, ter sido salva da loucura apenas porque fez um tratamento especializado nos Estados Unidos, além de vários outros, homens e mulheres, que foram severamente abalados por experiências semelhantes.

O Sr. Simonton faleceu em 1867 e com sua morte a Missão perdeu um líder de qualidade superior, que não foi igualado em toda sua história. Quando faleceu, deixou três igrejas formadas, Rio, São Paulo e Brotas, além da Imprensa Evangélica, já bem firmada. Esta última, um dos mais poderosos agentes de propaganda missionária, foi resultado do que poderia até ter sido um desastre para a Missão. Sempre que o Evangelho é pregado pela primeira vez em uma comunidade latina, há dois tipos de pessoas que ouvem a mensagem atentamente: um é o grupo daqueles que são naturalmente inquietos e se desgostam com as formas fixas do pensamento católico, os outros são as pessoas que estão buscando a Deus, mas sentem que Ele não pode ser Aquele descrito pela Igreja Católica. O segundo grupo é o fundamento vivo da Igreja. Os do primeiro grupo se tornam freqüentemente evangelizadores arrojados, que proclamam seus testemunhos em voz alta, mas são muito perigosos com o passar do tempo. Um homem desse grupo tinha sido um dos primeiros membros da igreja do Rio. Ele queria muito iniciar um jornal protestante, mas queria fazê-lo sem qualquer tipo de ajuda dos missionários. Este jornal seria de sua exclusiva criação. Isto até parecia possível, quando o Rev. Simonton achou que deveriam discutir isto em uma reunião ao redor da mesa de jantar do Dr. Lane, como as muitas outras reuniões eram feitas, e com a Sra. Lane como moderadora. (O Dr. Lane naquele tempo era comerciante no Rio e

morava nos subúrbios). Assim poderiam fundar o jornal e também pedir aos brasileiros que cooperassem com ele. Santos Neves não poderia recusar o convite e o jornal estaria em boas mãos. Esse jornal durou até meados de 1891, quando deixou de ser publicado para dar lugar a jornais brasileiros. Mas o jornal foi um agente poderoso de propaganda, e de melhor qualidade, quando comparado a qualquer jornal que apareceu depois, pela razão de ter ficado confinado às grandes questões fundamentais da fé e da religião, sem ficar remexendo em questões velhas e batidas.

Durante esses poucos anos, a guerra civil nos Estados Unidos tinha acabado, e haviam também abolido a escravidão na União Americana, deixando o Brasil como único país que ainda tinha escravos nas Américas. Terminada a guerra, um número considerável de sulistas cujas lavouras tinham sido arruinadas ou que não queriam absolutamente aceitar o resultado da guerra, procuravam um lugar no mundo onde pudessem refugiar-se longe dos “horrores de uma sociedade que havia destruído um dos dois pilares, a família e a escravidão, sobre os quais Deus havia elevado a religião e a civilização”. Alguns, como o assistente de Morgan, partiram para as Ilhas dos Mares do Sul, mas a maioria deles veio para o Brasil como colonizador, indo para o Amazonas, o sul da Bahia e o estado de São Paulo. Algumas dessas colônias eram como a que fundou Hartford, em Connecticut, com suas congregações e suas igrejas organizadas completamente.

Isto naturalmente levou as igrejas do sul dos Estados Unidos a pensar em fazer trabalho missionário no Brasil, como meio de manter contato com seus próprios membros ao mesmo tempo em que levariam o Evangelho ao povo desse país. Com este espírito, missionários foram enviados pela Igreja Presbiteriana do Sul em 1869, e um pouco mais tarde, em 1876, pela Igreja Metodista do Sul, assim como, em 1881, pela Igreja Batista do Sul. Eles logo perceberam que a “Sagrada Instituição” estava em perigo no Brasil, porque a idéia da emancipação havia se manifestado aqui

também, como praticamente em todo o mundo. Assim, sentiram o chamado de um terceiro dever, de apoiar no Brasil, o partido que resistia à emancipação e de levar a nascente igreja protestante no Brasil a apoiar a Instituição (a escravidão). No decorrer dos 18 anos seguintes três questões agitavam os círculos da Missão Presbiteriana:

1. A questão do método, mencionado acima,
2. A questão da educação e
3. A questão da escravidão. Como alguns dos missionários da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos eram dos estados vizinhos ao sul e toleravam a escravidão, a simpatia entre eles e os missionários da Igreja do Sul aumentou, enquanto a falta de entusiasmo e afeição correspondente separou os outros.

Até que ponto isto chegou pode ser compreendido quando observamos dois simples fatos:

1. Que um dos evangelizadores da Igreja do Sul mais ativos e enérgicos veio ao Brasil acompanhado de um coronel do Exército Confederado e de dois ou três homens de seu regimento, que se tornaram cidadãos brasileiros. O coronel chefou o assassinato do juiz de Casa Branca, violência culminante da campanha antiabolicionista. O missionário escreveu um livro em português, expondo o fato que a civilização que destruíra os fundamentos divinos da sociedade certamente iria sucumbir, mandando-o aos Estados Unidos para ser impresso. O livro chegou ao Brasil sete dias após a emancipação dos escravos e ele teve o bom senso suficiente de não colocá-lo em circulação.
2. Lembramos de outro leigo sulista que se ajoelhou nas docas do Rio, dando graças a Deus, com seu pai e os irmãos da sua congregação, por terem finalmente chegado a uma terra de liberdade, onde a escravidão era permitida. Tendo sido interrompidos pela polícia por terem queimado a bandeira americana e uma copia da constituição americana, a polícia não se opôs a que fizessem manifestações escravistas em um salão alugado naquela mesma noite. É interessante observar que seis

meses mais tarde, a metade desta colônia voltou aos Estados Unidos a bordo de um navio americano, proporcionado pelo cônsul americano, sem nenhum custo para eles.

Esses acontecimentos produziram uma reação na Missão do Norte. O Sr. Houston, em resposta a um folheto publicado pelo Sr. Boyle, e mais tarde com a chegada do Dr. H.M. Lane, que havia estudado medicina e estava voltando dos Estados Unidos como diretor da Escola Americana de São Paulo, e Donald MacLaren, fizeram que o outro lado da história fosse apresentado com bastante empenho. Alguns dos editoriais de Chamberlain na Imprensa Evangélica tinham sido as primeiras declarações feitas abertamente e claramente, a favor da Abolição, e trazia uma foto em tamanho normal de Antonio Bento na primeira página. No rodapé havia uma tradução de “Body” de John Brown, feita em versos eloqüentes em português. Este foi o mais assustador ataque realizado durante a campanha. Trechos desse artigo foram colocados na atas das assembléias de cada província do Brasil, como também nas do Parlamento Imperial. Essa posição da Imprensa fez com que Boyle fosse o fundador do Evangelista, como publicação pro-escravatura.

Estas questões, naturalmente, estavam relacionadas com a questão da educação. Muito cedo na história da Missão, mesmo antes que um culto de pregação tivesse sido realizado, Simonton tinha aberto uma escola sabatina e para passar desta para uma regular foi muito natural e muito fácil. Logo que surgiam famílias protestantes, seus filhos ficavam expostos a perseguições nas escolas públicas onde os padres eram inspetores, e em diferentes lugares como Campinas, Brotas, Rio Claro e São Paulo, escolas foram abertas para essas crianças.. Estas escolas eram melhores que as escolas comuns do país e logo tiveram o apoio das pessoas liberais e inteligentes. Surgiu então a questão de saber qual seriam o alcance e os objetivos dessas escolas. Alguns achavam que eles deveriam ser reduzidos ao mínimo possível. Um missionário importante queria que os professores fossem de casa em casa para

ensinar as crianças em seus lares, não as agrupando de modo algum em escolas. Outros achavam que deveriam existir escolas primárias somente para as crianças de pais crentes. Outros ainda pensavam que deviam permitir a fundação de escolas primárias estendendo-se o direito para todos da comunidade, enquanto outros pressionavam para que o trabalho educativo fosse tão longe e tão aberto quanto possível. Logo chegaram à questão da presença de crianças negras nas escolas e na questão se deviam meninos e meninas estudar juntos, além de outros assuntos controvertidos. A escola de São Paulo, como foi organizada pela Missão em 1871, tinha 3 alunos: Álvaro Reis, outro menino e uma menina negra.

Não se fez uma análise cuidadosa com referência aos diferentes objetivos das escolas nem a respeito de seus propósitos neste período inicial, e cada escola começou como sendo mais uma, rival de todas as outras da Missão, se não apenas pelo patrocínio, pelo menos pelos fundos que poderiam vir da Junta. Havia missionários que achavam que as palavras “de graça recebeste, de graça dai” se aplicavam às escolas e que uma escola não deveria ser um esforço missionário se não houvesse serviço prestado por menos que o preço de custo.

Enquanto estas discussões prosseguiram, havia um movimento constante para frente – a evangelização nunca parou. Frentes foram estabelecidas em Lorena, em Borda da Mata, em Sorocaba, etc. As escolas começaram a se classificar segundo sua localização, as oportunidades e a capacidade daqueles que as administravam, e a situação foi se esclarecendo muito.

Uma das atividades mais felizes da carreira de Simonton foi sua tentativa imediata de criar um ministério brasileiro. Antes que houvesse igrejas para sustentá-los ou qualquer possibilidade promissora, ele já estava escolhendo jovens e iniciando sua capacitação para o ministério. À diferença de praticamente todos os demais missionários no Brasil, ele acreditava que esses jovens deviam receber um treinamento igual ao que os pastores

americanos haviam recebido, e deviam, após serem ordenados, ter responsabilidade integral na Igreja brasileira. Nesse ponto ele divergia de alguns que o apoiavam em outros assuntos, mas que criam que os jovens deviam ser preparados apenas para serem assistentes dos missionários e que deveriam trabalhar sob orientação destes durante longos anos.

Logo três jovens candidatos ao ministério estavam sendo formados: Modesto Carvalhosa, Miguel Torres e Antonio Trajano. Todos eram portugueses de nascimento, que haviam imigrado para o Brasil. A estes se juntou um quarto candidato pouco depois, Antonio Pedro Cerqueira Leite, brasileiro de nascimento. O pastor Schneider foi um valioso professor de matemática, de ciências, de línguas clássicas, etc., e todos os missionários ajudaram no trabalho. Um a um eles foram ordenados ao ministério e com a peculiaridade de serem de tipos diferentes, de grande valor. Carvalhosa nasceu para ser escrivão, com talento para estatísticas e para lidar com direito eclesiástico, até com os defeitos que normalmente tem esse tipo de pessoa. Miguel Torres era um homem de profunda simpatia pessoal, tanto do ponto de vista intelectual como afetivo; era um excelente tradutor, capaz de reproduzir o sentido de um livro estrangeiro em português tão perfeitamente que a tradução não perdia nada da idéia original. Ele era também um ótimo pregador, mas a sua longa luta contra a tuberculose o impediu de ganhar reputação no púlpito, que de outra forma seria sua. Antonio Trajano foi o orador deste primeiro grupo e sob alguns aspectos, o pregador mais envolvente que a Igreja brasileira havia produzido. Antonio Pedro era um músico que conhecia toda a música folclórica do seu povo. Sua morte prematura deixou a Igreja brasileira refém das músicas sacras estrangeiras.

Depois destes quatro homens, outro grupo composto por Carvalho Braga, Eduardo Carlos Pereira e Zacarias Miranda fizeram seus estudos com menos regularidade. Depois da sua ordenação ficou claro que sua capacitação deveria ser proporcionada com maior segurança. A idéia de criar um seminário

teológico começou a surgir em ambas as Missões – do norte e do sul. Alguém teve a idéia que, se essa instituição pudesse ser dominada pelo partido pro-escravidão tornando-se o centro de um esforço em favor da escravidão, poderia ser possível manter o protestantismo a favor da “Instituição Sagrada” e, como o autor do plano certamente acreditava, a serviço de Cristo. Para que tal instituição pudesse ser eficiente, era desejável que pertencesse a ambas as missões e assim o plano seria levado em frente, unindo as duas missões em uma igreja única que seria independente das igrejas nos Estados Unidos. Isto foi recebido com entusiasmo por todos os obreiros mais zelosos e daí em diante, passo a passo, até com os aplausos da Igreja mãe e da igreja brasileira. O assunto finalmente terminou numa reunião dos representantes do Presbitério do Rio de Janeiro e das igrejas da Missão do sul, no Rio, em 1888. O Sínodo foi criado com a presença de representantes da igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, os Drs. J. A. Hodge e Knox. Foram criados os presbitérios do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas e de Pernambuco, o presbitério de Minas estando em grande parte dentro do estado de São Paulo. O Sínodo constava de 31 pastores, 11 missionários USA (do Norte), 7 missionários US (do sul), 13 brasileiros, 61 igrejas e 2.947 membros adultos – 33 igrejas com 2331 membros com origem na Igreja do Norte, e 28 igrejas e 616 membros da Igreja do sul.

O projeto de criação de um seminário teológico foi votado. Dois professores foram escolhidos – um da Missão do sul e outro da Missão do norte. Nesta eleição o abolicionista MacLaren que havia sido enviado pela Junta do norte com o propósito expresso de lecionar teologia foi preterido pelo Dr. Blackford. O Sínodo deveria se reunir a cada três anos.

Apesar da criação do Sínodo ter acabado com a separação formal do trabalho das duas missões, dentro dele não deixaram de existir elementos de dissensão, alguns dos quais ainda resistem.

Surgiram fortes mágoas entre os jovens pastores brasileiros envolvendo suas

relações com os missionários. Infelizmente o Dr. Blackford tinha contratado Carvalhosa como tesoureiro. (Os salários que se pagavam aos missionários naquele tempo eram muito maiores do que agora e os salários pagos aos brasileiros, quase todos pagos pelo tesoureiro da Missão, eram ainda menores do que o atualmente pago pelas igrejas). Os estudantes e os jovens pastores eram tratados com pouca cerimônia, sendo considerados mais como assistentes do que como co-obreiros. A criação de uma igreja autônoma, cuja atividade não pudesse ser controlada por qualquer instituição estrangeira, despertou na mente deles novas idéias. Eles já estavam se tornando numerosos – 40% do Sínodo, como mostrado acima, além de diversos outros que estavam se aproximando da ordenação. Os mais antigos, naturalmente, eram praticamente todos brasileiros, e nos presbitérios, como haviam sido divididos, os missionários seriam normalmente em menor número.

Dois planos foram discutidos por eles para ajustar o relacionamento entre a Missão e a Igreja. Um, proposto pelo Pr. Miguel Torres, no sentido que cada pastor brasileiro após ser ordenado deveria, ipso facto, se tornar membro da Missão e poder votar em todas as questões. O outro, apresentado por Eduardo Carlos Pereira, propondo que a Missão fosse fundida no presbitério e que este deveria votar em todas as questões relacionadas à igreja, quer fosse referido no final à Junta de Nova York, quer às congregações. É desnecessário dizer que o Pr. Eduardo contava com seu talento próprio para liderar o presbitério nacional.

Para que ninguém acusasse os brasileiros de terem inventado a intriga política, notemos que, durante alguns anos, o presbitério do Rio e a Missão formaram uma gangorra política, com Blackford controlando geralmente a maioria na Missão e o sr. Chamberlain sempre controlando a maioria dentro do Presbitério. Cada um deles usou a instituição que controlava para colocar em xeque os planos do outro na entidade que controlava. De forma geral, nenhuma falha podia ser apontada na igreja brasileira, que não houvesse sido ensinada pelos próprios

missionários. A ligação recente dos brasileiros com a Igreja Romana e o conhecimento dos seus métodos fez deles intelectuais competentes, freqüentemente melhores do que os seus professores, mas o método prejudicial geralmente tinha sido ensinado por algum professor americano.

Como exemplo da formação recebida pelos brasileiros, vamos lembrar a história de uma reunião da Missão que teve lugar em Rio Claro no final dos anos 80. Havia sete membros da Missão que podiam votar: A, B, C e D eram de um lado, E, F e G de outro. Circunstancialmente, C e D não puderam comparecer. E, F e G exultaram e prepararam-se para dirigir a Missão da maneira que lhes agradasse. A e B acharam que deviam sair para evitar o quorum mas resolveram encarar a dificuldade. Quando ainda estavam no trem, vindo de São Paulo, ficaram surpresos de não encontrar G, que deveria ter vindo do Rio para ir com eles para Rio Claro, e então descobriram que ele havia perdido o trem no Rio e iria chegar um dia mais tarde. A Missão se reuniu conforme o dia e hora marcados e A. e B. imediatamente elegeram E. presidente, contando com sua vaidade para fazê-lo aceitar e permanecer firme. Isto deixou F. sem ninguém para apoiá-lo em suas propostas. A. e B. então, continuaram a dirigir a reunião conforme queriam. “Poucas e curtas foram as orações que fizeram”. As refeições foram comidas às pressas. A sessão prosseguiu a noite toda. Quando F. tentava obstruir com longas falas, a questão anterior voltava à discussão e ele era cortado. Ele não podia fazer uma proposta válida para encerrar a reunião e, naturalmente, ele se sentiu desamparado. Depois de muito trabalho, concluíram os negócios da Missão, aprovando a ata e suspendendo a sessão sine die, a tempo de ir à estação para encontrar G. e dizer-lhe que tudo já havia terminado, e que se encontrariam só no próximo ano. Diante de F. urrando como um leão, podemos facilmente imaginar o que foi passado deste incidente para os brasileiros, a respeito do uso da cortesia nas reuniões eclesásticas.

Cartas circulares foram outra coisa detestável. Logo que a Missão suspendia os

seus trabalhos, o especialista em cartas circulares elaborava uma, destinada a causar confusão, e apresentando-a a algum membro do seu partido e aos subalternos na zona neutra, chegando às mãos da maioria antes de chegar às mãos dos envolvidos, que naturalmente protestavam. Mas seu protesto em nada resultava. As decisões já haviam sido tomadas. Foi assim que dois jovens, enviados de Nova York para trabalharem na escola de São Paulo, no lugar de Mr. MacLaren, que havia se aposentado por razões de saúde, foram indicados para fazer outros serviços. A terceira pessoa enviada para a escola recebeu as seguintes instruções em Nova York: “Nós estamos enviando você para lá porque um fulano disse que nunca soube que você, partindo para alguma missão, não a cumprisse, e nós queremos que você vá a São Paulo, descubra o que está acontecendo na Missão e nos relate tudo completamente, francamente e com clareza.” Não demorou muito para se descobrir o que acontecia na Missão, e na reunião desta, em 1890, que teve lugar em Curitiba somente em janeiro de 1891, o elemento jovem pressionou por algumas reformas, que foram aceitas, principalmente porque houve a aposentadoria de dois missionários, a morte de outro e a ausência de mais dois, dos mais belicosos, que estavam nos Estados Unidos. Uma reorganização foi efetuada nas seguintes bases: a redução em 25% dos salários (isso propiciou a aprovação da Junta), e o reconhecimento de todas as mulheres, casadas ou solteiras, como membros votantes da Missão. Isto fez com que o tamanho da missão dobrasse e introduziu nela um grupo em geral menos egoísta, e de maior seriedade pessoal do que o elemento masculino. O debate sobre estas questões foi violento. Paulo, Débora e Salomão foram citados e a previsão da apostasia completa e a desmoralização total da Missão, abertamente explicitadas. (É justo afirmar que o plano mostrou ser um grande êxito. A experiência de cerca de 40 anos mostra que as mulheres não provocam nem a metade dos grandes aborrecimentos para a missão, provocados pelos homens. Os aborrecimentos

que elas trazem são em escala menor. Elas ficam muito mais constrangidas pelos seus maridos – as casadas – do que os homens por suas esposas). Também foi estipulado que cada assunto deveria ser discutido por tanto tempo quanto necessário, sempre na tentativa de se alcançar uma decisão aceitável para todos os lados. Depois de o assunto haver sido colocado em votação, foi apresentada uma moção destinada a alcançar um consenso. Àqueles que recusaram consenso foi pedido que formassem uma contraproposta a ser registrada no relatório a ser enviado à Junta, como opinião da minoria. A sessão ainda prosseguiu por muito tempo até que os ânimos fossem acalmados e as intransigências serenadas. Finalmente se estipulou que cartas circulares fossem enviadas simultaneamente, com cópia para todos os membros da Missão, contendo a sugestão segundo a qual a apresentação de emenda suspenderia a votação da proposta até que se votasse sobre a emenda.

O conhecimento destas ações por parte da Missão contribuiu muito para estabelecer um tom de ética nas deliberações para com os brasileiros mais responsáveis, o que talvez não se conseguisse de outra maneira. Naturalmente eles não trouxeram um tempo de total harmonia na Missão, apesar de terem melhorado a situação em 300%.

Em 1888 a questão do nacionalismo não apareceu no novo sínodo porque Miguel Torres tinha um número tão grande de seguidores que Eduardo achou que os resultados da discussão não seriam suficientemente claros. Mas durante os anos que se seguiram, o maior declínio na saúde de Torres enfraqueceu também a sua facção, e as coisas tenderam na direção da solução proposta por Eduardo.

Durante o Império nenhuma igreja podia ter propriedades, a não ser a Igreja Católica Romana. Isto fez com que a Missão do sul colocasse suas propriedades em nome de diferentes missionários, o que, pela legislação brasileira sobre herança criou dificuldades, que só foram resolvidas 25 anos após a queda do Império. Mas a Missão do norte havia conseguido obter uma autorização especial do

Imperador, através dos seus poderes como Moderador: foi uma organização, conhecida como “Sociedade Presbitério do Rio de Janeiro”, que podia possuir propriedade. Os pastores constituíam essa Sociedade Presbitérica e cada um deles tinha a guarda dos bens na sua área, e seria também gestor de qualquer empreendimento, tais como escolas, editora, etc. que estivesse dentro dos limites de sua paróquia. Quando a Sociedade Presbitério do Rio de Janeiro, em vez de ser a única organização que envolvia as obras da Missão como um todo, tornou-se um entre vários outros presbitérios, esse nome e a definição usados se tornaram inadequados. Também ficou claro que o crescimento da igreja nativa causaria a retirada dos missionários americanos dos grandes centros, fazendo com que o titular fosse um brasileiro e submetendo ao seu controle qualquer escola que estivesse se desenvolvendo na cidade. Na mesma época, as leis da República tornaram possível que cada igreja ou instituição adquirisse e possuísse bens e propriedades..

Então, a Junta determinou a dissolução da Sociedade Presbitério do Rio de Janeiro e a transferência das propriedades para as paróquias ou escolas. A escola fundada pela Sra. Chamberlain em 1870 para os filhos de protestantes perseguidos tinha crescido e se tornado de grande importância. Ela passou a ser o modelo para as novas escolas sob o regime republicano e era muito mais que uma simples escola paroquial. Quando o Dr. Lane partiu em 1891 para tratamento de saúde na Alemanha, o pastor de São Paulo, sob a antiga organização, que ainda não havia desaparecido, tentou se apossar da escola, mas não insistiu no assunto, contentando-se com a reivindicação, ainda que afirmando que recorrerá ao Presbitério. Isso fez com que surgissem melindres pessoais e que alguns relacionamentos dentro da igreja se tornassem tensos. A segunda reunião do Sínodo, em 1891, teve de lidar com este assunto e muitos sentimentos nacionalistas surgiram, tanto nos debates públicos como nas reuniões privadas. Ao mesmo tempo, duas questões extremamente

irritantes tinham surgido. O oitavo missionário enviado pela igreja do norte era um português da ilha da Madeira que havia vivido em Jacksonville, Illinois. Embora fosse um cristão zeloso, ele vinha diretamente da igreja Romana e diretamente da ilha da Madeira – ele havia trabalhado com muita dedicação no seu campo e tinha, como um sacerdote consciencioso de paróquia, desenvolvido seu trabalho como uma forma de negócio muito lucrativo. Este fato era conhecido pela Missão desde vários anos, e diversas tentativas haviam sido feitas para verificar ou limitar o que ele fazia, mas somente quando foi confrontado com os fatos, e com todos os detalhes conhecidos, é que ele decidiu deixar a Missão, em vez de interromper seus negócios. Naturalmente, nessa ocasião houve muitos mal entendidos.

O nono missionário havia tentado montar uma editora no Rio alguns anos antes e, segundo ele, tinha sido enganado por seu contador, o que o deixou em uma posição extremamente desagradável, da qual ele não conseguia sair. Deixando a Missão, ele assumiu um trabalho no Rio Grande do Sul e mais tarde, com a amizade e o auxílio do pastor Chamberlain, reconciliou-se com o presbitério, no qual foi readmitido. Surgiram dificuldades relacionadas com seus negócios anteriores, que o levaram outra vez a mais uma saída abrupta.

Tudo isto acontecendo ao mesmo tempo causou situações, condições e melindres que não haviam ainda sido experimentados pelos missionários mais antigos. A reunião do sínodo de 1891 foi extremamente tensa. O Sr. Chamberlain tinha acabado de voltar, após quatro anos de residência nos Estados Unidos por motivo de saúde. Ele acreditava plenamente que sua presença iria resolver todos os problemas, mas logo descobriu que aqueles que o tinham acompanhado mais de perto no passado agora se recusavam seguir seus passos.

Foi sugerido por pessoas da Missão, que o relacionamento adequado entre as Missões e a Igreja seria que todos os missionários se retirassem dos presbitérios, que as Missões deveriam ser entidades independentes e que auxiliassem a igreja brasileira em tudo que ela

não pudesse realizar por si mesma, mantendo um relacionamento de íntima aliança, mas sem vínculo orgânico. Essa solução da situação causou uma impressão tão profunda que todos os missionários presentes naquela ocasião – somente um estava ausente – assinaram uma recomendação de apoio para a adoção daquele projeto. Este documento foi enviado aos Estados Unidos, onde, infelizmente, caiu nas mãos de um secretário que pensava que tal decisão era totalmente imprópria e se expressou veementemente contra. No ano seguinte (1892) uma reunião do Conselho em Nova York aprovou o plano, mas o secretário que discordava estava ausente, e com certeza nem leu a ata da reunião, e fulminou a decisão que havia sido tomada, em uma carta ao Conselho. O resultado foi que durante muito tempo o processo foi refreado e só entrou em vigor 25 anos mais tarde, quando foi adotado pelas Missões e pela Assembléia Geral. A igreja e as Missões ficaram sujeitas a 25 anos de indecisão pela atitude de um funcionário de Nova York que não se mantinha a par das decisões tomadas por sua própria entidade.

A história dos anos 1891-1916 na Missão do norte é deprimente. A escola americana de São Paulo teve o prazer de ver as escolas estaduais organizadas segundo o seu modelo, com alguns dos seus melhores professores como diretores, e seu professor de pedagogia à frente da Escola Normal do Estado. A pergunta natural então surgiu: “O que acontecerá com a Escola Americana?” Um missionário que acabara de chegar, consultado pelo Dr. Lane sobre este assunto, sugeriu, como meio de atrair e manter alunos, criar cursos secundário e superior, oferecendo cursos inexistentes até então em qualquer instituição de São Paulo. A resposta do Dr. Lane foi que “educação superior tem sempre sido uma função do governo em toda a América Latina. Se a escola mostrar qualquer sinal de crescimento, uma dúzia de palavras no fim de um projeto de lei a eliminará totalmente.” Ao que o missionário respondeu: “Ninguém escreverá essa dúzia de palavras enquanto você viver. Eles não poderão responder com tamanha ingratidão em troca da sua ajuda

inestimável na reorganização de suas escolas. Você ainda poderá servir pelo menos mais 20 anos, e nessa altura, se a escola tiver sido bem administrada, não será possível escrever as tais doze palavras.” Dr. Lane, que estava de partida dentro de alguns dias, aceitou que o seu substituto continuasse com a organização sugerida, “inteiramente sob sua responsabilidade”. Isto foi feito e a escola, com alguns percalços no primeiro ano, progrediu e se desenvolveu em uma instituição muito sólida, o Colégio Mackenzie. Três cursos foram abertos no nível superior: Letras, Ciência Pura e Ciência Aplicada ou Engenharia. Letras, que deveria servir como preparação para o estudo de Teologia, tinha três ou quatro alunos nos primeiros 15 anos. Ciência Pura nunca teve alunos matriculados, mas Ciência Aplicada progrediu com vigor. A primeira classe formou-se em 1900. Em 1901 não houve formandos, mas depois disso todos os anos tem havido formandos. Naturalmente esta escola estava ainda mais longe de ser uma semi-escola dominical ideal do que a Escola Americana a que sucedeu, com tanta oposição da Missão. A Junta em 1905 criou a Missão São Paulo, consistindo de missionários que trabalhavam no Colégio Mackenzie e os separou da Missão do Brasil. Esta entidade continuou até a morte do último missionário enviado ao Mackenzie e o fim das doações da Junta.

Mais ou menos a essa altura dos acontecimentos, alguns fatos relacionados com educação começaram a ficar mais evidentes:

1. A escola paroquial é de grande importância para as igrejas, onde quer que as escolas públicas, livres do controle dos padres, inexistam ou sejam medíocres. Essas escolas paroquiais podem e devem ser apoiadas, sem fundos da Missão.

2. É desejável que em muitos bairros, escolas de igreja de nível mais elevado, sejam estabelecidas para a educação dos filhos de crentes desde que possam ser mantidas sem gastos pela Missão ou pelo Sínodo, a não ser o salário dos professores. Em tais escolas é desejável que o número de crianças não protestantes seja bem pequeno ou inexistente.

3. Escolas que ofereçam curso ginásial ou níveis de educação mais elevados a crianças sem discriminação de raça, credo, cor, sexo ou condição anterior de servidão são desejáveis para ajudar a eliminar o preconceito contra o protestantismo. Tais escolas, com o tempo, devem ser totalmente auto-sustentáveis. Para esse fim, o preço desde o início deve ser fixado numa quantia que, contando com um número razoável de alunos, a torne auto-sustentável. Este passo ajudará também a selecionar os alunos. Quando os preços são baixos, as pessoas pensam que “dão desconto para que nossos filhos fiquem sujeitos à sua propaganda” e as crianças matriculadas se limitam: a) aos que são amistosos ao protestantismo; b) aos que são indiferentes para com todas as religiões; c) àqueles que crêem que podem doutrinar os seus filhos contra a influência da escola. As melhores famílias brasileiras não irão aparentar que estão sujeitando os seus filhos à nossa propaganda somente para economizar um pouco de dinheiro. Abaixar o preço é contraproducente.

A nova administração da Escola Americana, e de seu Curso Superior, como era chamado, seguiu os princípios acima e os preços fixados deviam tornar possível libertar-se da dependência da Missão. Pode-se dizer que isto foi conseguido em 1922, apesar da enorme expansão da escola. (Mais da metade dos prédios atuais do campus do Mackenzie foram construídos com dinheiro brasileiro).

Esta política não foi seguida pela maioria das escolas, com o resultado que, ao se desenvolverem, elas terem se tornado um fardo cada vez mais pesado para as instituições de apoio, tornando-se às vezes, insuportável. Entretanto elas serviram nobremente em sua época. Essas escolas foram as de Botucatu, Florianópolis, Curitiba, Bahia (antiga) e Castro.

No início dos anos 80, a questão do apoio ao ministério nativo veio à tona com grande força, levantada por Eduardo Carlos Pereira. Ele tinha o Rev. MacLaren como companheiro de planejamento, que estava estudando português com ele em Campanha. Então aconteceram os erros mais sérios da Missão no Brasil. Sem

penetrar muito a fundo nas razões dos métodos adotados pela igreja americana, eles elaboraram um plano que consideravam mais em consonância com as tendências latino-americanas. Infelizmente o projeto revelou ser consoante demais, e essas tendências eram muito perigosas. A Missão ao empregar jovens, tinha sido obrigada a negociar diretamente com as pessoas. Agora que as igrejas estavam começando a ser formadas e a contribuir para suas despesas pastorais, o método americano deveria ter sido de estabelecer uma relação direta entre o pastor e sua igreja, e a Missão supriria o que faltasse, caso necessário. Isto não foi feito, mas todo o dinheiro arrecadado pelas congregações nacionais era creditado a um fundo comum, denominado Fundo da Missão Nacional. Quando este fundo atingia certa quantia que dava para sustentar um pastor, uma apropriação, a débito do fundo, era feita pelo pastor Fulano, o qual era designado pelo presbitério como encarregado de alguma igreja. À medida que o fundo crescia, outros pastores eram nomeados da mesma maneira. Isto criou a sensação de que o salário era dado ao pastor e que a igreja contribuía para o fundo comum. O relacionamento entre o pastor e sua igreja tornou-se muito frágil, e em vez do membro da igreja dizer como antigamente “eu contribuo para o pastor”, ele dizia: “eu contribuo para um fundo”.

Oportunidades para politicagens inevitavelmente deviam acontecer, e de fato aconteceram. Nos últimos 50 anos, a igreja tem tentado se livrar desse sistema, sem realmente saber como. Está também firmado nos presbitérios menores, onde a contribuição é dada para o fundo presbiterial e este paga a cônica de cada pastor. Até o exemplo dado no Modus Operandi, onde as doações são feitas à igreja, não é suficiente para inverter a corrente. Na verdade, pastores e presbitérios dizem que uma doação feita a uma igreja para o sustento do seu pastor, deveria ser transferível para um pastor em qualquer serviço que o presbitério achar que deve aceitar. Uma longa luta será necessária na igreja antes que isto possa ser corrigido.

À medida que as igrejas das grandes cidades cresciam, as tendências latinas produziam as mesmas tendências que surgiram nos séculos III e IV e floresceram no episcopado das cidades. O Conselho planeja igrejas filiais sob o cuidado de um conselho com um pastor e seus ajudantes (obreiros?), que devem trabalhar sob sua autoridade. O presbitério de São Paulo em 1892 deu um fim nisto ao organizar quatro paróquias na cidade, ao redor da paróquia central e autorizando a criação de igrejas independentes em cada uma delas. Mais tarde, no Rio o mesmo plano fracassou, por causa da recusa dos pastores jovens.

As discussões dentro da igreja entre os brasileiros e os americanos se tornaram cada vez mais difíceis, com os brasileiros, às vezes, se recusando a participar das reuniões das entidades eclesiais para que não houvesse quorum e em alguns presbitérios demonstrando atitudes extremamente hostis. Uma divisão surgiu na fileira de pessoas de língua portuguesa, a princípio – principalmente – por causa da entrada de pastores nascidos em Portugal para o grupo de missionários. O seminário era constante foco de discórdia. Anunciado primeiro que seria localizado em Lorena, onde praticamente não havia crentes, foi impossível abri-lo lá. O Dr. Blakford foi proibido de lecionar, a menos que se desligasse da Junta, vindo a falecer logo depois de receber esse ultimato. Na reunião seguinte do Sínodo, em 1891, Thomas J. Porter foi eleito, a quem também foi negada licença da Missão. Um início de aulas do Seminário teve lugar em Nova Friburgo, pelo Prof. Smith e outro em São Paulo, por pessoas que acompanhavam Eduardo Carlos Pereira. Mais tarde o grupo de Nova Friburgo se mudou para São Paulo e o trabalho continuou ali. A Missão Presbiteriana do sul que havia se mudado de Campinas para Lavras, em Minas, tinha uma propriedade em Campinas que não tinha valor porque a febre amarela havia infestado a cidade, e então ela foi oferecida ao Sínodo. Inicialmente, não foi aceita pelo sínodo tampouco, porém mais tarde voltaram atrás e a aceitaram quando perceberam que a cidade havia voltado a ser

saudável. Depois foi descoberto que estava havendo alguns desvios entre os brasileiros e alguém comunicou ao Pr. Eduardo Carlos Pereira, que a força que intervinha era a maçonaria. Isto fez com que ele começasse a lutar vigorosamente contra a maçonaria, que na América Latina não é uma organização simpática e inócua como nos Estados Unidos. O Sínodo proibiu que prosseguisse qualquer atividade contra a maçonaria. Na invasão a seus direitos, um número considerável de antimaçons protestou e quando, mais tarde, no Sínodo de 1903, tentou-se forçá-los a calar suas opiniões, eles decidiram sair. O cisma se concretizou na noite de 31 de julho de 1903. O Rev. George Alexander, presente na reunião, teve a impressão que o grupo de dissidentes era extremamente sério. A questão sobre o que fazer quanto às propriedades logo veio à tona e a nossa Junta pediu que o seu advogado no Brasil não reclamasse as propriedades nas mãos da Missão, visto que a grande maioria da igreja se juntou à separação. Esta atitude tolerante não foi bem recebida por todas as partes envolvidas e a igreja em secessão não foi muito cautelosa nem escrupulosa em suas exigências. Uma tremenda disputa verbal surgiu, de que ainda hoje todos podem lembrar-se, assim como da tristeza sincera provocada por um grupo de cristãos que se esqueceu completamente do respeito que devem uns aos outros e a Cristo, a quem todos nós servimos.

O cisma, com seu grande desperdício de energia, ainda causou muitas brigas que se seguiram, o que muito contribuiu para que o progresso da igreja fosse desacelerado durante anos.

No Sínodo de 1897 contavam-se 40 pastores, 76 igrejas e 5137 membros. Depois da divisão em 1903, 31 pastores, 46 igrejas e cerca de 3000 membros permaneceram na igreja. Este número de membros parece muito pequeno, sendo que 5000 parece ser o número mais preciso. As estatísticas da igreja deixam muito a desejar.

Entretanto, com o passar dos anos, todos tiveram a oportunidade de repensar o seu papel na disputa, e surgiu uma tendência para

um acordo. Em 1916, uma conferência latino-americana foi realizada no Panamá, à qual compareceram representantes de ambos os grupos. Nos contatos durante a viagem, nas reuniões e nas discussões dos temas propostos, muita luz surgiu na mente de muitas pessoas, e o Pr. Eduardo Carlos Pereira voltou ao Brasil com o desejo ardente de sarar as feridas causadas pelo cisma. Suas tentativas nesse sentido foram recebidas de maneira muito pouco generosa. Um conhecimento impróprio da história pôde permitir que alguns dos seus oponentes o saudassem erguendo a voz e dizendo: *Eduardo vai a Canossa* (referência à submissão de Henrique IV ao Papa Gregório VII. A expressão significa humilhar-se diante do adversário – N.T.), o que encerrou os esforços de pacificação por sua parte. Entretanto, uma tendência geral para se caminhar nesta direção parece estar se desenvolvendo.

Além do seu desejo de reunir a igreja, o Pr. Eduardo trouxe do Panamá, o desejo que se organizasse um Seminário Unido, ou Federal, envolvendo todas as igrejas protestantes do Brasil, para assim proporcionar uma preparação pastoral muito melhor. Sua razão para esse desejo, como ele mesmo explicou, era porque no Brasil inteiro não havia bastante pessoas capacitadas para serem professores de seminário para os diversos seminários já existentes na época, e se fossem reunidos todos em um só, uma instituição muito aceitável poderia ser criada. Ele demonstrou sua isenção anexando a esta proposta sua própria demissão do seu Seminário. O assunto foi apresentado numa reunião realizada para receber relatórios do Panamá e foi recebido com boa vontade por todos os brasileiros. Os professores americanos, contudo, se opuseram à proposta desde o início e em contato constante com seus colegas, discutiram e lutaram contra ela, de tal modo que se tornou muito difícil de ser concretizada. O bispo metodista aceitou-a totalmente, como parte de um plano grandioso que ele havia elaborado e quando o plano fracassou em outros pontos, ele se esqueceu do seu plano.

Finalmente o Seminário veio a existir e o trabalho começou no Rio de Janeiro com as

duas igrejas Presbiterianas, a Metodista e a Congregacional sendo representadas.

Ao mesmo tempo em que o seminário estava sendo discutido aqui, um plano americano para um superseminário estava sendo apresentado. Ele seria localizado em Montevidéu, alcançaria as alturas maravilhosas do conhecimento eclesiástico, mas desprezaria naturalmente as diferenças insignificantes entre o português e espanhol e reduziria o protestantismo de toda América Latina a um denominador incomum. Em muitas mentes houve uma confusão com o plano já existente aqui do Seminário Unido no Rio.

Esse seminário do Rio existiu por algum tempo como uma entidade de ensino e funcionava principalmente à noite, formando jovens que trabalhavam durante o dia. Quando finalmente começou a dar aulas durante o dia, com alunos mais preparados, houve grande dificuldade para prover à sua subsistência, e depois de uma experiência de três anos, durante os quais uma classe se formou, encerrou-se prematuramente com a saída sucessiva das diversas igrejas, que deixaram o problema do Brasil nas mãos da Missão.

Deve ser dito, entretanto, que o seminário obteve pelo menos um resultado: ele mostrou claramente aos homens cultos das diversas igrejas, que era necessário melhorar o padrão da educação teológica.

Enquanto isso, o avanço da igreja em diversas fronteiras continuava a progredir, conseguindo-se alguns resultados notáveis.

Em 1896 as atividades começaram em Santa Catarina.

Em 1897, o trabalho que estava sendo feito por nossa Missão nos estados da Bahia e Sergipe começaram a mostrar algum progresso e a Missão, em 1897, se reuniu em Feira de Santana. A viagem convenceu as pessoas que tinham vindo do sul que era impossível coordenar as atividades do norte estando no sul, e a Missão foi dividida em duas – uma trabalhando nos estados de Sergipe, Bahia e norte de Minas, sendo chamada de Missão do Brasil Central, e outra, operando no sul de

Minas, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, conhecida pelo nome de Missão do Sul do Brasil.

Em 1912, para que a Missão pudesse mostrar-se unida nas questões gerais, uma comissão executiva comum foi formada, mais tarde chamada de Concílio, com a primeira representação do Colégio Mackenzie. Sua importância decorreu especialmente do conagração que promovia entre as missões.

Entre 1900 e 1914, o número de membros da região da Missão do Brasil Central aumentou. Em 1915 a Assembléia Geral criada a partir do Sínodo contou com 73 pastores, 111 igrejas e 13.572 membros.

A Missão do Brasil Central tinha fundado, naquela época, uma escola diferente, localizada em uma fazenda no interior, com os rapazes cuidando do gado e fazendo todo o tipo de trabalho ao ar livre, e as meninas aprendendo o trabalho de casa. O corpo docente era proporcionado pela Missão. As despesas de cada aluno eram pagas por seus parentes e amigos. Somente alunos protestantes eram aceitos. Esta escola de Ponte Nova progrediu bastante e se tornou muito importante para o interior da Bahia. As moças saíam de lá para ensinar nas escolas, onde quer que houvesse protestantes ou pessoas de mente aberta de boa reputação que lhes dessem um lar e garantissem financeiramente a escola. Essas escolas tiveram um grande impacto. Certa vez os municípios recrutaram nada menos que 22 moças, transferindo os gastos dos patrocinadores para as despesas das prefeituras.

Em 1913 estava se tornando evidente que os dias da Missão do sul do Brasil no território então envolvido estavam contados. O Pr. F.F. Graham partiu de Ponte Nova, numa viagem de exploração, cruzando o norte de Minas, os estados de Goiás e Mato Grosso até a Bolívia. Seu relatório, acompanhado de um mapa, foi um dos melhores relatos desta espécie nos registros de nossa Missão. Ele escolheu a região de Planaltina, em Goiás, e de Burití, no Mato Grosso, como locais ideais para pontos de residência saudáveis para os estrangeiros, centros de grandes regiões evangelizadoras,

o que permitiria aos obreiros, receber e acompanhar os migrantes que logo viriam dos estados do norte e do sul para esta grande fronteira ainda inocuada. Ele também achou que a situação estava pronta para o trabalho evangelizador no norte de Minas. Este trabalho foi iniciado tão logo os recursos da Missão permitiram e as propriedades abandonadas pela E. U.S.A. em Cuiabá e vizinhança comprada deles, foi a base do avanço atual que ocorre naquela região. Na mesma ocasião estendeu-se o trabalho em Santa Catarina.

Civilidade

Quando o Sr. Simonton chegou ao Rio, ele tentou trabalhar em colaboração com o Dr. Robert Kalley. Esse Dr. Kalley nunca havia perdoado a Igreja Presbiteriana pela atitude do presbitério de Glasgow por haver-se recusado a ordená-lo, por isso ele simplesmente recusou a proposta de Simonton. Outra questão surgiu quando a Igreja Presbiteriana do Sul concordou em atender Campinas e desenvolver seu trabalho pela região servida pela ferrovia Mogiana. Quando os metodistas já tinham estado por algum tempo no país, questões de relacionamento surgiram e eles concordaram em aceitar como campo de ação a região ao redor de Piracicaba e a parte de Minas servida pela Central. A igreja Episcopal logo que chegou fez de uma parte do estado do Rio Grande do Sul seu campo missionário. À medida que cresciam, pediram mais espaço para trabalhar. Concordou-se então que eles assumissem o trabalho da Igreja Presbiteriana na cidade de Rio Grande, fundada por um missionário independente, o Pr. E. Vanorden, e atendida, depois de sua ida para São Paulo, pelo Pr. Menezes, recebendo os membros daquela igreja na igreja Episcopal simplesmente por profissão de fé e a aceitação da igreja como estava organizada, apenas com a mudança de pessoas e nomenclatura, devido à diferença dos credos. A igreja Presbiteriana concordou em respeitar o estado do Rio Grande como território Episcopal e as duas Missões concordaram mutuamente em não atravessar os limites daquele estado, a menos que

avançassem em seu trabalho pelo interior. Um pouco mais tarde a Missão do Brasil Central negociou um novo acordo com a Missão da igreja Presbiteriana do sul e com os batistas. Este último, apesar de haver sido respeitado durante algum tempo, foi virtualmente apagado pelas atividades da igreja Batista. Nos últimos anos a igreja metodista tem anunciado uma nova política: eles não respeitarão mais limites e entrarão em qualquer lugar onde um metodista tenha se mudado ou estabelecido sua residência. Isto, naturalmente, fez com que todos os acordos caíssem por terra.

Nas questões entre o Sínodo e o Presbitério, formados pelos Independentes, o comportamento Kilkenny Cat prevalecia (isto é quando dois combatentes lutam e se aniquilam mutuamente – N.T.)

Nos esforços destinados a manter um relacionamento correto, após a reunião no Panamá, um plano foi desenvolvido nos Estados Unidos, colocando um americano como o moderador da comissão de publicações em português. Quando isto foi proposto na reunião dos líderes brasileiros pelo representante do Comitê de Nova York, havia a possibilidade de ser aprovado, mas então foi levantada a questão da qualificação da pessoa, se comparada com a de um brasileiro. Logo ficou claro, até para o próprio representante da comissão, que eles estavam trazendo este plano porque pensavam que era uma exigência de Nova York e que eles também preferiam um brasileiro, especificamente o Pr. Erasmo Braga. A comissão de Nova York cedeu e o Pr. Erasmo Braga entrou para a esfera da vida internacional. Ele era um pastor brasileiro, filho de casa pastoral, com avôs na igreja protestante. Sua educação pastoral e sua experiência da vida foram edificadas sobre bases bem diferentes daquelas dos homens que até então tinham se destacado na igreja. Logo ficou claro para toda a igreja no Brasil e para todos no exterior que estavam a par da situação, que ele foi um dom raro do Mestre. Seu profundo bom senso, sua honestidade inabalável, sua acolhida compreensiva aos pontos de vista tanto dos

estrangeiros como dos brasileiros e sua capacidade em colocar-se no nível de uns e outros, de conversar com eles na sua língua, tudo o qualificou para participar de forma importante, não só nos Conselhos brasileiros, mas nos Conselhos de toda a igreja. Sua influência é a característica dominante que se observa entre 1916 e 1932. Sob sua liderança, a igreja brasileira começou a despertar a atenção dos líderes mundiais. Ele presidiu as reuniões da conferência realizada em Montevideu, falando quatro línguas com fluência e elegância, e contribuindo muito para esclarecer as situações ocorridas e relacionadas com a intenção de alguns americanos que sofriam da megalomania do final dos anos 20, e que desejavam impor a uma igreja fraca um programa que seria tão desastroso quanto alguns programas lançados naquela época nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, ele teve êxito em manter o movimento do pensamento brasileiro na direção do progresso verdadeiro, que estava a ocorrer em várias partes do mundo. Seu único receio, em relação à igreja brasileira, era a inadequação no preparo dos pastores, que – na melhor hipótese – partiam de uma base de nível (no máximo) ginásial seguindo-se um curso assim chamado de teológico, de 3 anos, e que – na pior hipótese – às vezes se resumia em saber ler e escrever, acrescido da boa vontade e da disposição para a exortação. Juntamente com outros, que também tinham esta visão, uma escola foi fundada na vizinhança de São Paulo em 1928, que recebeu o nome do primeiro pastor brasileiro do ministério presbiteriano, o Pr. José Manoel da Conceição. Esta instituição visava preparar os alunos para o estudo no Seminário, com um ano a menos que os cursos clássicos de ensino superior dos Estados Unidos. Nos dois ou três anos seguintes, varias reuniões intereclesiásticas ocorreram no Brasil, sob a influência do Dr. Braga, nas quais se expressava o desejo de conseguir algo melhor ainda, e esta instituição equiparou o seu curso ao nível do ensino superior americano. Inicialmente muito criticados, os alunos que se formaram logo demonstraram o seu valor nos seminários

teológicos e mais tarde também no campo. Com este impulso, a Igreja Presbiteriana elevou o seu padrão pelo menos àquele proporcionado inicialmente pela nova instituição. As outras igrejas têm sido um pouco mais lentas em acompanhá-la. O Seminário da Igreja Presbiteriana agora está tentando exigir o mesmo nível do Conceição como base para os seus estudos, e os professores estão seriamente se esforçando para dar um ensino ao nível dos novos alunos que estão chegando às suas aulas.

Duas outras iniciativas de aproximação muito deveram ao apoio do Dr. Braga. Uma Chautauqua (cidade do estado de Nova York onde existia um centro de capacitação e lazer – N.R.) brasileira, fundada nas montanhas da Mantiqueira, onde Umuarama, com um enorme terreno, águas puras, vistas maravilhosas e acomodações excelentes, oferece suas instalações para descanso e restabelecimento, algo que nossos antecessores não conheceram.

Em janeiro de 1931, uma plenária de cinco missões presbiterianas teve lugar em Jandira, dando uma oportunidade agradável para conhecer e aconselhar – 63 de um rol de 103 convidados estavam presentes. As reuniões se realizam a cada quatro anos. A de 1935 em Umuarama foi muito freqüentada.

O Dr. Braga faleceu em 1932, mas a organização formada por ele agora está sendo administrada com competência pelo Pr. Epaminondas do Amaral, e muitas coisas estão melhorando.

Uma equipe enviada pela Junta de Nova York visitou a Conferência de Montevideú. Eram homens e mulheres muito crentes, que não mediram esforços tentando entender a situação da época. Eles nos encorajaram muito. Não foi culpa deles se a Loucura Coletiva Americana dos anos 1924-1929 tornou vãs suas melhores intenções, expondo as missões a grande perigo. Felizmente o basta propiciado pela Providência em 1929 salvou a situação.

A partir de, mais ou menos, 1915, o automóvel revolucionou muito o Brasil, e dobrou as possibilidades de evangelização em muitas regiões. Isso levou a uma revisão de

planos e a uma redução no número de postos e escolas sugeridos, o que provavelmente vai simplificar o trabalho.

Na época da reunião no Panamá, em 1915, a Assembléia Geral relacionou 73 pastores, 111 igrejas e 13.572 membros. Quando o progresso da obra permitiu a formação de um presbitério no território da Missão Central do Brasil, o Pr. Mattatias Gomes dos Santos elaborou, com a ajuda de um missionário, um plano, que recebia o título de *Modus Operandi*. Nele, a região inteira era reconhecida como território da Missão, com a exceção dos lugares que tinham sido constituídos como paróquias independentes. Os missionários não seriam membros do Presbitério e deveriam ter autoridade completa, final e autônoma, em seus próprios campos. A passagem da responsabilidade da Missão para a responsabilidade do Presbitério foi assegurada, pensando-se na existência única e final deste. O plano foi examinado pela Assembléia Geral e por várias missões e aprovado por elas, tornando-se o que se chamou de “plano brasileiro de relação entre Missão e Igreja” e ainda está vigente.

Apesar de missionários terem se retirado da Assembléia em 1925, as estatísticas indicavam 97 pastores, 177 igrejas e 24.132 membros, e, no ano passado, (1935), 139 pastores, 290 igrejas e 35.199 membros ligados à Assembléia, com 28 missionários, 22 igrejas e 4.853 membros ligados às missões e não contados no rol da Assembléia. Este crescimento contínuo tem sido acompanhado pela Igreja Presbiteriana Independente, que normalmente perfaz 50% dos números da Assembléia.

Talvez tanta coisa tenha sido realizada para Cristo fora como dentro da igreja nacional. O romanismo tem-se depurado, tem adotado doutrinas, métodos e idéias protestantes. Em muitos casos, ele tem sido acusado pelos seus velhos adeptos de se ter tornado protestante. Conquanto haja muita coisa que é apenas aparência, em muitos casos a mudança é verdadeira e o povo começa a buscar a Deus de um ponto mais avançado. Não existe maior mentira do que dizer que o romanismo é

sempre o mesmo em toda parte. Simonton não reconheceria hoje este país.

A vida pública mudou. Os ensinamentos de Cristo são citados e, até certo ponto, seguidos por muitos intelectuais. Muitos costumes têm sido abandonados. As coisas melhoram a cada ano.

A vida privada também mudou. A educação para todos é o objetivo reconhecido por todos. As mulheres estão libertas, quase tanto quanto os ex-escravos. A esperança social desponta para milhões.

Ao olhar para o passado, se há um fato que se salienta é o progresso maravilhoso da igreja, apesar de todos os seus erros e fraquezas. A política de ir buscar aqueles que buscam Cristo é o ponto que difere da maior parte dos esforços missionários e os resultados obtidos, em grande parte, se devem a essa política, por vontade da Providência Divina.

O trabalho da Missão começou nos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e em parte de Minas. Não há membro da Missão trabalhando em nenhuma dessas regiões, exceto em trabalho educacional, que é tão bem organizado, que mais tarde poderá ser entregue à igreja brasileira sem desequilíbrio ou perda. Nos estados do Paraná e Santa Catarina, que foram o segundo campo da Missão sul do Brasil, e nos estados de Sergipe, Bahia e o norte de Minas, a obra chegou ao ponto que torna sua transferência às mãos brasileiras

uma questão de no máximo alguns anos. Nos distritos de fronteira de Goiás e Mato Grosso, os planos para a criação do presbitério de Mato Grosso estão muito adiantados, e a continuação da Missão nesses campos dependerá em grande parte da rapidez da conquista de regiões de fronteira pelo povo brasileiro. Se for lento nos próximos 25 anos, como tem sido no passado, esse período provavelmente verá a igreja brasileira ultrapassando a Missão. Se a rapidez for maior, podemos supor a continuidade do trabalho da Missão além desse período.

Afinal, nenhum acontecimento da história da Missão foi prejudicial em sua influência. O cisma em 1903 parecia naquele momento, e mesmo muito tempo depois, um mal ilimitado. Contudo, aqueles que tiveram a ocasião de lidar com as duas igrejas nos últimos anos estão convencidos que a retirada de uma parte da igreja brasileira de toda a influência americana propiciou um clima de seriedade e de solidez em seu desenvolvimento, o que promete ser de valor incalculável para a igreja que voltará a se unir algum dia.

Numa palavra, um olhar sobre o panorama global, em todos os seus detalhes, obriga todo homem racional a dizer com todo empenho e toda humildade: “Não a nós, não a nós mas ao teu nome, Senhor, seja toda honra e toda glória”.